

# Branco e Negro



OS NOIVOS, escultura em marmore de S. Deloye

PREÇO 50 RÉIS

N.º 97

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dou- rada por folhas, consti- tue o mais

**DELICADO BRINDE**

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

**PREÇO 3\$200 RÉIS**

Notavel e esplendido de romance

BERNARDIN DE SAINT PIERRE

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, im- pressa em optimo papel e ricamente encader- nada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição profusamente illustrada com primorosas e interessantes gravuras e soltas e intercala- das no texto.

Pedidos á Livraria de AN- TONIO MARIA PEREIRA, Editor. — Rua Au- gusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

**ALMANACH**

DO

**Branco e Negro**

PARA

**1898**

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 97

LISBOA, 6 DE FEVEREIRO DE 1898

2.º ANNO

## ROBERTO IVENS



EM 1878 partia elle para regiões desconhecidas d'Africa, onde o levava o seu espirito avido de aventura e o seu grande coração de portuguez. Acompanhado por Capello, por lá andou, atravessando perigos, descobrindo terras até então inexploradas, luctando contra a inclemencia do clima torrido. Deveu-lhe muito o paiz e pagou-lhe a dedicação recebendo-o festivamente, dando-lhe a prova de que o amava pela recepção amiga que lhe fez.

Dizem que fôra um janota, fazendo elegantemente o Chiado, irreprehensivelmente vestido, *snob* no traje e *snob* no espirito. Mas esse *snobismo* deixou o um bello dia para se atirar de cabeça no mysterio negro, arrancando-se ás delicias da vida sem canceiras, e esteril, trocando-a por essa trabalhosa faina de ir desvendar segredos que não fossem de *boudoir*, e encarar,

em vez das faces pallidas e dos olhos brilhantes das mulheres, a juba crespa do leão e os olhos devoradores do tigre.

Nas florestas espessas que nunca pé humano havia trilhado e nas planicies razas onde o sol nunca tinha desenhado a sombra de uma creatura de Deus, quantas vezes não teria elle pensado, n'um largo clarão de esperança, n'um futuro de gloria que o destino lhe preparava e n'uma compensadora paz para o fim da vida!

Mas a Morte apanhou-o em meio do caminho, quando elle contava ainda com outro tanto para andar, e levou-o.

Elle, que tanta vez a teve diante dos olhos e a encarou sem tremer; que arrostou com toda a casta de obstaculos e os venceu sempre, sorrindo e confiado, mal teria pensado que ella o espreitava para os dias do descanso, guardando-lhe um logar no seu seio, colleando em volta d'elle, approximando-se e fugindo, para o agarrar com toda a segurança e roubar-o a um lar feliz e tranquillo, a uma existencia sem accidentes e sem perigos.

Roberto Ivens tinha um perfil accentuado de marroquino, de linhas duras. Os seus olhos brilhantes e perscrutadores tinham essa acuidade de quem está acostumado a vêr nas trevas, attento aos rumores da noite e ás vagas sombras que passam. Seria, porventura, um dominador se não tivesse um coração que lhe emperrava os impulsos da auctoridade. Ainda assim, por passagens do livro que nos deixou, vê-se bem o seu espirito indomavel e a sua grande força de vontade que lhe serviu em mais de um lance difficil e arriscado.

D'esse livro, escripto n'uma prosa elegante e simples, de collaboração com Capello, damos adiante um extracto. E' a parte do *Diario* referente aos fins do mez de janeiro, mez que a Morte escolheu para o levar agora.

A 26 d'aquelle mez proseguiu pois a expedição no prolongamento do rio Lubufo, depois de havermos ferido um bufalo, que se escapou, morto um quicema *Egoceiros ellips*, caça por aqui abundante, e aberto o unico frasco de molho Morton que possuamos, luxo extraordinario em tão reconditos logares.

A mata é quasi exclusivamente composta de mupandjas longe do rio; junto a elle ha matagaes e brejos de espinho, que mal consentem observar-lhe o curso.

O paiz baixa e deve ser insalubre.

Da variada fauna d'esta terra observámos nós zebras, bufalos, palancas, quicemas, gungas e macacos.

Tambem trouxemos uma especie de ostrea da vasa do rio.

N'este pequeno arimo deitámos os fatigados corpos, entorpecidos pela marcha e calor do dia, fixando naturalmente a nossa attenção na maneira por que nos livrariamos dos embarços e apuros para prover de subsistencia a caravana n'uma terra na apparencia erma. Nada nos occorria. Esforçavamo-nos por dormir, mas baldado empenho; no anilado azul encravadas, brilhavam milhares de estrelas com tropical fulgor, distrahindo-nos a attenção.

Fechavamos os olhos, mas breve os abriamos á contemplação.

A via lactea, como um immenso gaze transparente, traçava na abobada uma sinuosidade gigante.

As constellações do sul, caminhando lentas, espargiam sobre a terra uma luz fraca, sufficiente contudo para se aperceberem os objectos.

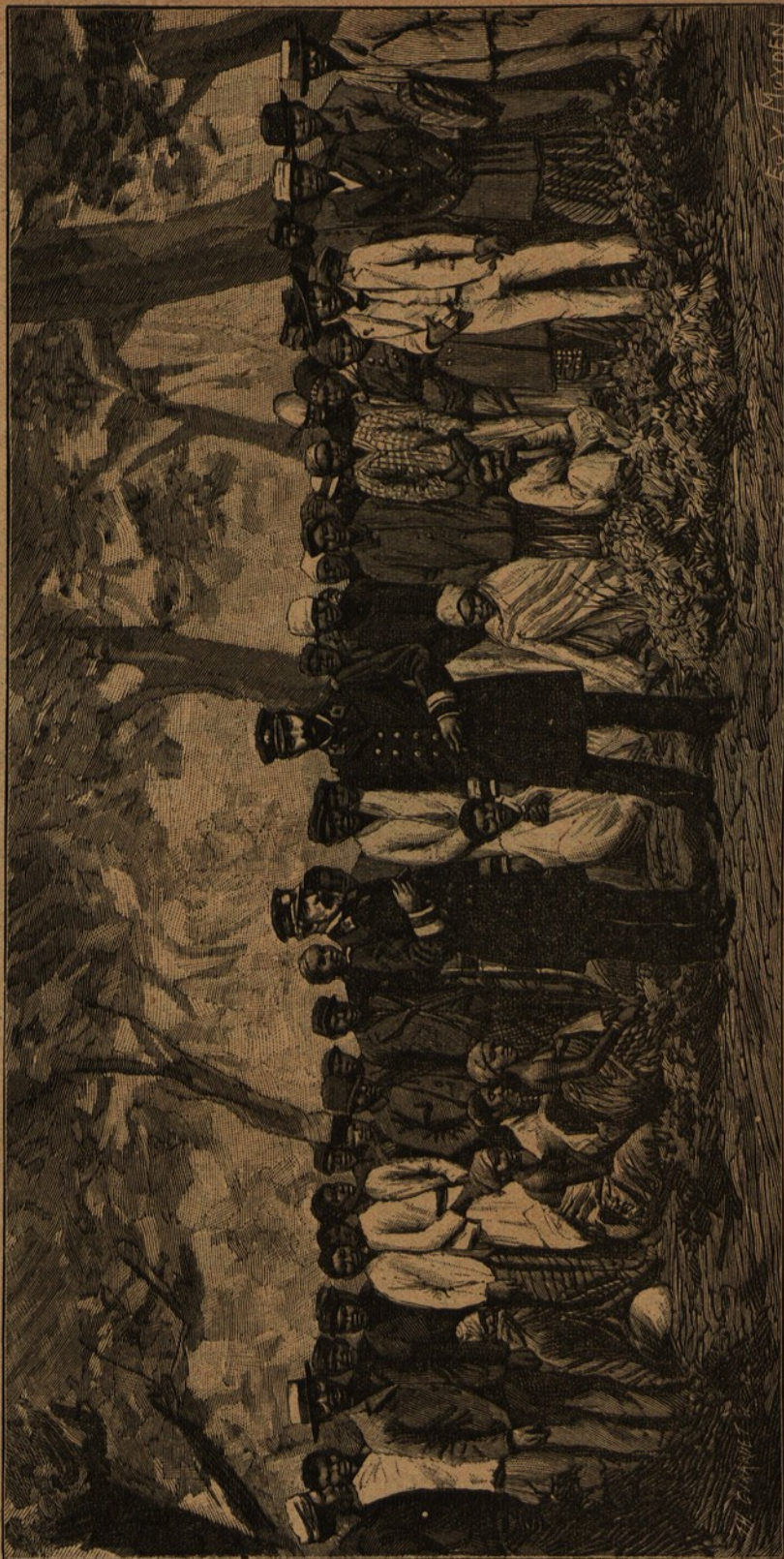
Já algumas horas se haviam passado, e a attenção continuava nos presa, o vento caíra, tudo entrara em silencio, quando de subito julgámos ouvir ao longe, muito longe, os sons de uma caixa de batuque ou rufo.

Rufos, tambores; seria engano?

Ageitando o ouvido pareceu-nos ouvir os de novo. Chamado o pessoal, e pondo se todos á escuta, chegou se a concluir que eram os ruidos em questão, e, caso os animaes silvestres d'esta parte não tivessem o estranho costume de rufar em caixas (como André facilmente se inclinava), para o lado d'onde vinham sons devia de haver gente.

Recolhemo-nos sobresaltados e curiosos, meios convencidos de que breve, talvez, iriamos encontrar quem nos fornecesse informações, e sobretudo milho, o celebrado milho!

Assim que rompeu a aurora de 1 de fevereiro metteu-se a expedição em marcha, e caminhando pelas margens de um rio caudaloso, de cerca de 50 metros de largo,



A EXPEDIÇÃO CAPELLO E IVENS NO CABO DA BOA ESPERANÇA (extrahido do livro *De Angola á Contra Costa*)

chegou á beira de um outro curso de agua, cuja grandeza e aspecto não podia deixar duvidas.

Era effectivamente o Luapula, os ruidos provinham de um batuque!

(*De Angola á Contra Costa*),

# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA—VENDEDOR DE AGULHAS E ALFINETES, aguarella de Roque Gameiro

# ALFREDO DAVID



O sr. Alfredo David é aquelle encadernador gordo do largo de S. Carlos, que meia Lisboa conhece de o vêr a toda a hora no seu estabelecimento, ás vezes á porta a conversar com os amigos, e sempre dentro de uma tão grande blusa de linho claro, do pescoço até aos pés, que a celebre camisa, de onze varas, de que tanto se fala, deve de parecer, ao pé d'ella, uma camisinha de recém-nascido!

Quer isto dizer que physicamente o sr. Alfredo David é um gigante; mas se alludo ás suas dimensões corporeas, que seriam o espanto da Anthropometria, é só porque preciso dizer que mesmo que não levassemos em linha de conta essas dimensões, o sr. Alfredo David teria sempre de ser considerado, entre os artistas da sua classe, o maior, e entre todos os artistas portuguezes, sem distincção de classes, um dos maiores.

Não tem que vêr, porém, o seu tamanho corporeo com o tamanho do conceito que d'elle formo; e se a natureza o privilegiou com tão grande corpo, de proposito para obrigar o estylo dos seus panegyristas a inflar-se até á hyperbole, foi justa e foi sábia a natureza, dado que se o estylo dos que d'elle teem de escrever tivesse de medir-se por outra craveira, ou afinar por outro diapasão que não o da hyperbole, — n'este caso, só apparente — correria risco de ficar abaixo da verdade no elogio do insigne artista. De modo algum! E se pois tenho de parecer exagerado, não é que o meu estylo haja de resentir-se das dimensões exageradas do sr. Alfredo David, senão que terá apenas, para lhe fixar no *Branco e Negro* um esboço da sua phisionomia d'artista, de tentar elevar-se á altura dos seus merecimentos... que são ainda maiores do que elle.

Bem vamos, porém, a esse respeito, se a magnitude

physica do sr. Alfredo David pode, de algum modo, obrigar o estylo dos seus panegyristas ás larguezas proporcionaes aos seus merecimentos, com risco, ainda assim, de lhes reduzir sem querer a justa moldura; — mas onde começa a grave difficuldade, para mim e para os que d'elle houverem de escrever, é na harmonia do seu pezo, que deve, segundo as leis physicas, ser proporcional ao seu tamanho, (e que portanto só a quintaes pode referir-se) — e certa leveza imponderavel de phantasia, que é a leveza alada de tudo o que elle faz...

Não consta que Hercules, no meio de todas as suas proezas, fizesse em arte obra que se visse, — e a mesma coisa os outros gigantes; e certissimo estou de que nem elle nem os seus collegas jámais encadernaram um livro, e, até, de que não seriam capazes de o encadernar... D'este modo, a Mythologia não surprehende; e se Venus, com ser mulher, é a graça, e Hercules, com ser gigante, é a força, que ha n'isso de maravilhoso? Maravilhoso seria o contrario: Venus ter a força, e Hercules a graça; — e porque o sr. Alfredo David, com ser como eu de carne e osso (salvo respeitoamente ás proporções!) tem a graça da deusa em tudo o que faz, sendo duvidoso, ao menos para mim, se não tem mais força do que Hercules, com os quarenta braços dos seus operarios e o peito de aço das suas machinas, com a sua vontade e com o seu talento, e até com a sua bondade, — o sr. Alfredo David, homem e artista, conjuga na sua pessoa aquelles dois deuses, e vale pelo menos tanto como os dois — sommados!

E' encadernador o sr. Alfredo David. E comquanto me não sinta habilitado n'este momento, mercê da ausencia do sr. Larousse, a uma longa e substanciosa dissertação sobre a arte de encadernar livros, posso dizer, como opinião pessoal, que a não ha mais nobre — depois da arte de os

compor, e, se dão licença, de os escrever... Por mim, se nao fosse bacharel seria typographo; e se não fosse typographo, seria encadernador, — e a preferencia, note-se, é só por isto: porque sem typographos não haveria livros, e sem livros não haveria encadernadores, pois não valeria a pena, a meu vêr, encadernar livros... em branco!

Mas aqui é que bate o ponto! E se me ponho a perguntar por que motivo o sr. Alfredo David elevou tão alto a sua arte, eu reconheço, em minha consciencia, que é porque ha n'elle mais do que um artifice, e mais ainda que um artista: — é porque ha n'elle um *intellectual*. Ama os livros e ama os escriptores, — e d'ahi, para nós outros os que escrevemos livros, o ser o sr. Alfredo David um nosso intimo, e o melhor amigo, depois de nós, da nossa obra.

E' mais do que um encadernador o sr. Alfredo David, e muito mais do que um bibliophilo; e chega a confundir-se, no amor com que tracta um livro, com o proprio que escreveu o livro!

Entende elle, e muito bem, que pôr um livro bonito e vistoso é não só ser seu collaborador, senão tambem tornál-o atrahente, e por conseguinte tornál-o util; — e se attendermos a que uma estante é n'uma casa ou n'um gabinete um movel muito decorativo, mas que só o será quando cheio de livros, e que estes, por sua vez, serão tanto mais decorativos, quanto encadernados com maior esmero, a conclusão é que o sr. Alfredo David é um importante auxiliar das artes decorativas, — na sua applicação, deixem-me dizer assim, mais nobre e mais espiritual.

E ademais, quantos livros lhe chegam ás mãos sem valor nenhum, e lhe saem das mãos valendo dinheiro! E

este dinheiro, devo dizer o já, não é o preço material da encadernação, que esse, principalmente quando taxado por elle, é baratíssimo; mas sim o valor estimativo da obra d'arte, — obra d'arte que o livro não era e fica sendo... ao menos por fóra! E se não é caso para se dizer que antes por fóra do que por dentro, valha-nos ao menos que o seja por fóra, já que o não pode ser... também por dentro!

D'esse trabalho de encadernação, pesa-me saber menos n'este momento do que o mais novo dos aprendizes do sr. Alfredo David; — mas nas visitas que tenho feito á sua officina, d'aquella azafama de pessoas, e d'aquella diversidade de operações, resulta, para o meu criterio, que se encadernar um livro não é mais difficil do que fazel o, é, pelo menos, bastante difficil, porque é uma operação, ao mesmo tempo, muito delicada e muito complexa. Sem levarmos mesmo em linha de conta os cuidados que o encadernador tem de empregar para não prejudicar o trabalho do impressor, visto que uma calandragem inoportuna, ou mal graduada na sua pressão, pode repintar as folhas de um livro, e portanto inutilisá-lo, — as operações preparatorias da encadernação, desde a operação de dobrar as folhas, até á de pôr as guardas, passando por uma infinidade de operações intermedias que constituem a arte de brochar, e depois as de encadernação propriamente dita, — são muitas e muito difficeis, porque precisam de ser, todas, tão minuciosamente executadas, e combinadas com tamanha harmonia, que a obra, no fim, resulte perfeita, não prejudicando sequer n'um apice, antes reforçando a, e *consagrando-a*, a esthetica do volume, producto concreto da qualidade e perfeição do papel, das proporções da sua largura e da sua altura, da largura e altura da pagina typographica, da belleza e harmonia dos typos, e emfim da propria tinta de impressão, e dos mil cuidados que esta requer.

Da perfeição de todas estas operações, é fiador o cuidado como Alfredo David a ellas preside, no meio dos seus officiaes e aprendizes, — ensinando, dirigindo, fazendo elle mesmo; e sempre com tamanho escrupulo, que é verdadeiramente uma devoção, e com tão viva e incessante persistencia, que é verdadeiramente um fanatismo. Mas depois, o que á perfeição importa belleza, — e as mais pequenas coisas saem-lhe bellas — isso é com elle, como o seu *savoir faire*, com o seu gosto d'artista, com o seu instincto. A' perfeição, o sopro da belleza insuffla-lh'o elle, e a perfeição, já bella, attinge por ultimo, sob a magia das suas mãos e do seu olhar, — do seu gosto de grande artista, emfim! — a culminancia e o sabor da poesia.

E' verdadeiramente um grande artista, Alfredo David, e um verdadeiro poeta do seu officio; — e o que tiver de inventariar, para legado de vindouros, a obra dos nossos contemporaneos, ha-de inscrever esse nome entre os mais illustres, e a sua obra entre as mais bellas. Como grande artista que é, capaz, na sua especialidade, de hontrear com os mais notaveis em todas as outras, Alfredo David cria, Alfredo David faz sempre novo; — e se para a comprehensão da sua nobre e singularissima figura de artista, é preciso alludir aos predicados da sua psychologia, ainda ahí se revela o artista, porque a sua psychologia é a dos artistas: — um pouco *bon enfant*, um pouco bohemio, bondoso até a bonhomia, irritavel deante da menor imperfeição, generoso até não marcar preço, sem sacrificio, áquillo que faz, — mas, *quand même*, um verdadeiro homem moderno porque trabalha, e porque se orgulha de trabalhar.

\*

\* \*

Agora pelo que respeita á biographia artistica de Alfredo David, levar-me-hia ella muito longe. Ainda assim, mais para a historia da arte, do que para as necessidades occasionaes d'um simples artigo, citarei, entre as suas obras, estas que me lembram agora; as capas e encadernações de luxo para os seguintes livros: — *Raphael*, de Lamartine, e *Romance de um rapaz pobre*, de Feuillet,

em percalina e quatro côres; *Doutor Rameau*, de G. Onhet; *Minho Pitoresco* e *Revista Illustrada*, em percalina, com chapas a oiro e preto; *Os Simples*, de Guerra Junqueiro, em percalina, com a novidade da impressão a oito côres; *Musa em ferias*, em percalina, imitação de *reliure amateur*; *Historia de França*, em percalina, com chapas a oiro e preto; *Diccionario Francez*, de Domingos de Azevedo, encadernado em *chagrin*; *A vida de Nun'alvares*, encadernação em vitella, cantos e chapas especiaes a oiro e preto, no genero *reliure amateur*; *Paulo e Virgimia*, de Bernardin de Saint-Pierre; — não fallando n'essa infinidade de encadernações avulsas, para este e para aquelle, em todos os generos: velludo, setim, couro da Russia, pergaminho, marróquim levante, vitella, chagrin, percalina, meia franceza, meia ingleza, etc., etc.; e nas cartonagens baratas de tantas outras obras: *Collecção Antonio Maria Pereira*; *collecção Camillo Castello Branco*; *Almanach de Lembranças*; livros de Garrett e de Herculano, etc., etc.

Discipulo do francez Alexis Bouret, que em 1867 fundou aquella casa, introduzindo em Portugal com as obras de Julio Verne, editadas pela *Companhia Nacional Editora*, o systema de cartonagem com chapas a oiro e côres, Alfredo David succedeu áquelle industrial ha pouco mais de 8 annos; e tendo concorrido, em 1853, á exposição de Belem, obteve ahí medalha d'oiro, — e medalha d'oiro obteve tambem na exposição do Porto, o anno passado, não tendo feito, note-se, um unico trabalho especial para ser exposto, e valendo-se, á ultima hora e de afogadilho, com a exposição já aberta, do que tinha nas suas officinas por acaso, — desde a simples brochura, porém, até á encadernação de maior luxo.

Servida por mais de vinte operarios excellentes, todos portuguezes, e por vinte e seis machinas, a casa de Alfredo David, grande, relativamente, mas exigua ainda assim para as proporções da sua producção, dia a dia crescente, porque as encomendas affluem-lhe sem cessar, de Lisboa, do Porto, das provincias, e inclusivamente do Brazil, vae ser alargada; procedendo-se n'ella, já a esta hora, á montagem de um motor a vapor da força de quatro cavallos, que porá em gyro seis machinas, as principaes das suas officinas. E se já hoje, tanto na perfeição inexcedivel da *mão d'obra*, como no trabalho propriamente artistico das encadernações, a casa de Alfredo David pode rivalisar, e rivalisa, com as principaes do estrangeiro, — de Paris, de Berlim, de Barcellona ou de Londres, — porque em nenhuma d'estas cidades se encaderna melhor e com mais gosto, no dizer da propria *Revue Universelle*, cujo numero 194 do 6.<sup>o</sup> anno, reproduziu em phototypia aspectos do atelier de Alfredo David, acompanhando-os de um magnifico artigo, que se é ufania do grande artista é honra para Portugal, — por certo que os melhoramentos materiaes das suas officinas importarão uma melhoria parallelamente de producção; e é licito suppor, já agora, que não tendo lá fóra a quem exceder, Alfredo David se excederá a si proprio, cá dentro!

Vai elle concorrer ao *premio d'honra* da exposição do Porto; e se em 1888, quando simples discipulo de Bouret, o jury d'outra exposição d'aquella cidade premiou com uma *menção honrosa* «o artista que executara certos trabalhos expostos por aquelle industrial», — sabido, hoje, que esse artista anonymo era Alfredo David, já duas vezes premiado, depois d'isso, com medalha d'oiro, e o mesmo que levantou a sua industria, decorridos apenas oito annos, ao nivel das industrias similares do estrangeiro; — os nossos votos são por que elle obtenha esse *premio d'honra*, — que difficilmente, creio, recahirá em quem mais o honre...

A casa de trabalho de Alfredo David é mais de que um atelier ou uma officina: é uma verdadeira escola; e de baixo d'este ponto de vista, se podem orgulhar-se de tal mestre os que lá trabalham, porque decerto o não ha melhor, nem cá nem lá fóra, por igual nos devemos orgulhar nós todos com tão grande artista, cujo nome, já agora, tem de ficar como um dos mais illustres entre os dos artistas portuguezes do nosso tempo.

TRINDADE COELHO.



# O IDIOTA



uiz era um pobre de Christo, filho de lavradores remediados, que tinham tido mais uma filha.

O pobresito mal podia falar. Na sua infancia, uma convulsão tinha-lhe torcido a bocca e dera-lhe aquella apparencia de idiota, que fazia com que todos tivessem pena d'elle. Era passivo e docil; deixava-se mandar, obedecia sem capricho nem colera, accetando o bem e não se importando com o mal que os outros rapazes da sua idade lhe faziam.

Chamavam-lhe o *Simples*, lá na terra.

Defronte da sua casa morava uma familia de commerciantes, com dois filhos tambem, um de doze a outra de dez annos, por quem os paes tinham uma verdadeira idolatria, dando-lhes por consequencia toda a liberdade de acção, satisfazendo-lhes todos os caprichos. A pequenita era bonita e graciosa com os seus fartos cabellos loiros annellados e a sua bocca rosada e pequenina. O irmão, que era de estatura e de uma força pouco ordinaria para a sua idade, conduzia-a todas as manhãs, n'aquellas manhãs de primavera cheias de gorgeios dos passarinhos, a beber o doce leite das vaccas, mungido das têtas, em casa da sua ama commum, uma excellente creatura que morava um pouco distante n'uma cabana pobre mas toda florida de trepadeiras.

Era uma receita prescripta pelo medico a Martha. A mãe levantava-se tarde e o pae não queria incommodal-a.

O ar da manhã é o melhor, porque é o mais puro e lavado. Martha voltava d'aquelle passeio de todos os dias com as faces cor de rosa e os olhos brilhantes.

Quando os dois irmãos partiam, o idiota seguia os sempre a vinte passos de distancia. Ninguem lhe havia prestado attenção; mas um dia, Fortunato, tendo notado o *Simples*, mostrou que lhe desagra-lava ser seguido e intimou o pobre rapaz a voltar para traz. O idiota retirou-se sem dar palavra, mas um domingo os dois irmãos encontraram o no prado onde costumavam a passeiar quando sahiam da vaccaria. Fortunato encolerizou-se. O *Simples* respondeu timidamente:

— Eu não lhe faço nenhum mal.

— E' verdade, disse Martha.

Mas o irmão não o entendia assim e mandou-o ir passeiar para outro lado. O idiota foi-se lentamente, olhando de vez em quando para traz, para deitar a Martha um olhar indifinivel, mixto de dôr e de agradecimento, — esse olhar do martyr quando se volta para Deus.

— Olha que o melindras! dizia a pequena.

— Não, não, é preciso dar-lhe uma lição... E é um cobarde, porque foge, respondia Fortunato.

O idiota quedou-se, olhando para os dois irmãos. Fortunato atirou-lhe uma pedrada que o feriu na cara. Martha aproximou-se d'elle.

O *Simples* fez um esforço e disse muito distinctamente:

— Cuidado! Olhe que se suja no sangue!

Sem saber porque, a pequenita sentiu-se commovida.

— Estás ferido, Tata?

Era assim que na intimidade a familia o tratava.

— Não, respondeu o idiota, limpando a cara com um molho d'hervas.

Fortunato não ousou fazer mais ameaças.

No domingo seguinte, os dois irmãos, que estavam no estabulo dos ursos, sahiram attrahiços por um barulho

que se fazia ouvir fóra. Tres rapazes, maiores que o idiota, ameaçavam o, injuriavam-o, mostravam-lhe os punhos; elle, direito como um porco, aparava-lhes simplesmente os golpes, em legitima defeza.

— Vão dar cabo d'elle! exclamou Martha.

— Ora! que se arranje! respondeu Fortunato.

Então o idiota, vendo desaparecer os dois irmãos, mudou de attitude e cahiu a fundo sobre os seus adversarios, que foram recuando, amedrontados pela colera repentina do *Simples*.

N'isto Martha appareceu á porta.

— Basta! basta! gritou ella.

O idiota deteve-se e disse claramente:

— E' para lhe mostrar que não sou um cobarde?

E sorria, com o seu sorriso indeciso do pobre diabo inoffensivo.

Os dois irmãos não trocaram palavra no regresso a casa.

Martha disse de repente:

— Porque será que, sendo elle tão forte, não se defendeu de ti?

O irmão respondeu:

— Porque tem medo.

A pequena não se deu por convencida.

No dia seguinte, viram novamente o idiota, mas a uma grande distancia.

— Vê como elle tem medo de mim, disse Fortunato.

E chamou-o com quanta força tinha.

O *Simples* correu para junto d'elle.

— Porque andas tu sempre atraz de nós?

O *Simples* respondeu, olhando para Martha.

— Para a vêr.

— E porque queres vêr a?

— Porque ella é bonita.

Isto foi dito ingenuamente, sem hesitação nem vergonha.

O idiota admirava a pequena como admirava todas as obras da natureza.

Os dois irmãos tinham acabado por achar-lhe graça e viam no já sem desprazer quando elle os seguia de longe.



Quando o idiota depoz a pequenita...

Uma manhã que caminhavam aa longo de um estreito atalho á beira do Oise, Fortunato exclamou:

— Olha! olha! lá em cima do outeiro!

Martha, que se curvava para colher uma flôr silvestre, voltou-se vivamente, mas faltou-lhe um pé e cahiu.



O grito que ella deu e o do irmão confundiram-se n'um só. Fortunato não sabia nadar e a corrente era muito forte.

— Soccorro ! soccorro !

Que dizer mais ? Quando o idiota depoz a pequenita sobre a herva, ninguém tinha tido tempo de acudir.

Por alguns dias, Tata foi o heroe da terra. Recusou todas as recompensas e fugiu a todas os agradecimentos.

Acabadas as ferias, os irmãos foram se embora. O collegio tinha os reclamado. O idiota tornou se mais taciturno. Andava dias inteiros por fóra sem ninguém saber para onde elle ia. A familia não se inquietou com isso, porque o viam voltar todas as tardes á hora da ceia.

Assim se passaram seis annos. Chegou o dia em que começavam as ferias de Martha Gerardi.

A pequena tinha-se feito uma linda rapariga, mas já não sabia sósinha. Quando não era a mãe que a acompanhava, era a creada... com o idiota atraz. Martha encontrava-o sempre no seu caminho. Isto não lhe desagradava ; aquella constante e silenciosa admiração era uma homenagem prestada á sua grande belleza : assim, sentia uma íntima satisfação por se vêr amada, mesmo por um animal. O *Simples* era um pouco mais que um animal. Por outro lado, ella devia-lhe a vida e nunca o esqueceria.

O idiota recebia sempre na sua passagem a esmola de um sorriso. Assim passou um anno em que Martha não voltou ao collegio. Foi a epoca mais feliz para o idiota, que assistia ás missas do domingo com toda a devoção, com grande pasmo da gente da terra. O prior perguntava lhe ás vezes :

— Queres fazer a tua primeira communhão, Tata ?

Mas o pobre diabo conservava o seu sorriso indeciso e não respondia.

— E' absolutamente idiota, não ha que vêr, pensava o padre com dó.

Um dia, Tata notou que havia um homem a mais na familia de Martha.

Não era um hospede ordinario. Pareciam tratá-lo como um parente. Passeiava com Fortunato de braço dado e quando toda a familia sabia, era Martha que ia pelo braço d'elle. E agora o sorriso de Martha era um ruído de felicidade satisfeita.

A tristeza do *Simples* tomou então um caracter inquietante. Já o não viam senão de longe em longe.

Dias depois do seu casamento, Martha teve um capricho. Quiz tornar a vêr o logar onde estivera prestes a morrer afogada.

Foi alli acompanhada pelo marido, n'uma bella tarde d'outomno em que o céu era pallido e o horizonte cór de purpura.

De repente, Martha parou :

Sobre as aguas desenhava-se uma sombra ; era a de um homem que nadava pausadamente.

— Tata ! olha que te afogas !

Aquella voz, o idiota voltou se :

— Não... eu e o abysmo somos velhos conhecidos.



Foi alli acompanhada pelo marido...

Mas de subito, o *Simples* sumiu-se n um redemoinho e não tornou a apparecer.

Pela primeira vez, Martha comprehendeu o immenso amor que tinha inspirado ao desgraçado.

Uma lagrima lhe rolou pelas faces, lagrima doce e triste como o sorriso do idiota, silenciosa como tudo o que tem de ficar secreto.

A divida do coração estava paga ao pobre de espirito.

Trad.

BOB.

## AS ONDINAS

Na praia tranquilla murmuram sonoras  
As ondas do mar  
E, ao doce das aguas murmurio palreiro  
Na areia dormita gentil cavalleiro  
A' luz do luar.

As bellas ondinas emergem das grutas  
De vivo coral,  
Accorrem ligeiras, e apontam, sorrindo,  
O moço que julgam devéras dormindo  
No argenteo areal.

Vem esta, e perpassa do gorro nas plumas  
As mãos de setim.  
E aquella, com gesto divino, gracioso,  
Nos ares levanta do joven formoso  
O aureo telim.

E o moço, fingindo que dorme tranquillo,  
Não quer acordar.  
E deixa que o abracem as bellas ondinas,  
E languido gosa caricias divinas  
A luz do luar...

Ess'outra, que lavas, que fogo não vibram  
Seus olhos de anil !  
Debruça-se e arranca-lhe a rútila espada,  
Nos copos brilhantes se apoia azougada,  
Travessa e gentil.

A quarta, saltando, retouça, lasciva,  
Do moço em redor ;  
Suspira mansinho, de manso murmura :  
«Podesse eu em vida gosar a ventura  
Do teu fino amor !»

A quinta rebeija-lhe as mãos, enlevada  
N um sonho feliz,  
E a sexta, com tremula e doce esquivança,  
Perfuma lhe a bocca, formosa creança !  
Com beijos subteis...

GONÇALVES CRESPO.



A actriz Rosa Damasceno



Rosa DAMASCENO n'Os Velhos de D. João da Camara



Rosa DAMASCENO n'Os Velhos, de D. João da Camara



Rosa DAMASCENO no Affonso VI



Rosa DAMASCENO no Amigo Fritz



Rosa DAMASCENO no Affonso VI

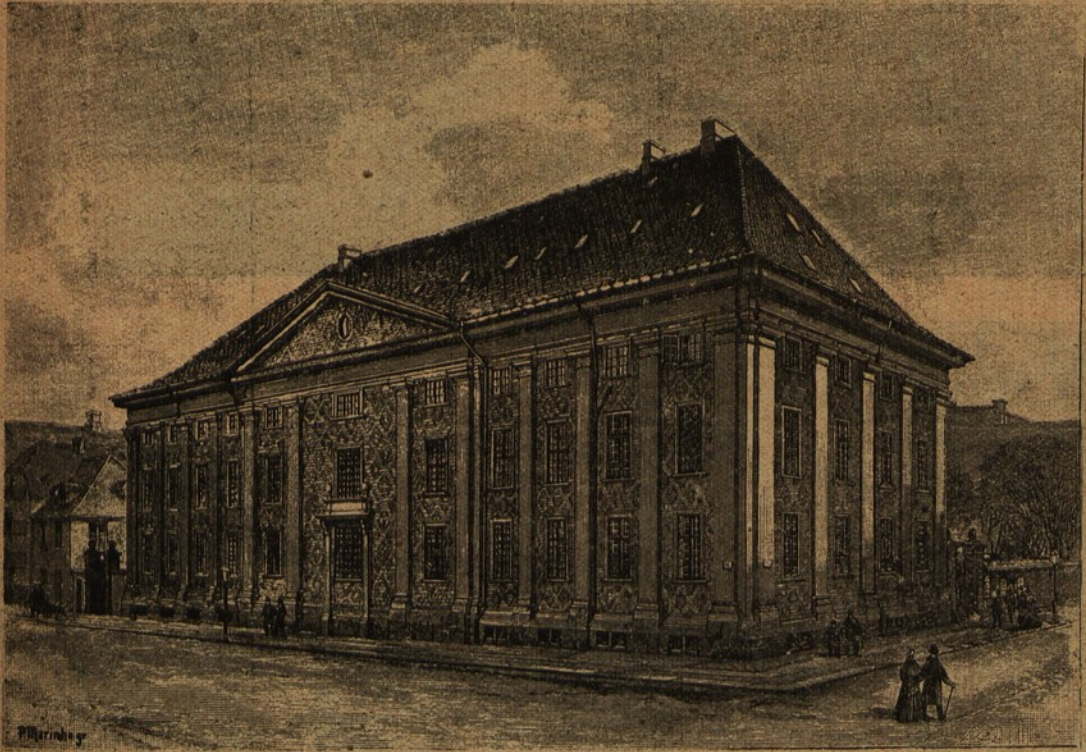


Rosa DAMASCENO no Segredo de Confissão

# OS PARLAMENTOS DO MUNDO

(XI)

## DINAMARCA



PALACIO DO RIGSDAG EM COPENHAGUE

A constituição actual, applicavel á Dinamarca propriamente dita, foi promulgada a 28 de julho de 1866.

A fórma do governo é uma monarchia limitada. O poder legislativo é exercido ao mesmo tempo pelo rei, cuja sanção é necessaria, e pelo *Rigsdag*, composto de duas Camaras: a primeira chama se *Landsting* e a segunda *Folkething*.

A primeira Camara compõe-se de sessenta e seis membros, doze dos quaes são nomeados pelo rei com o caracter de vitalicios, elegendo se entre os cidadãos que hajam já formado parte das assembleias representativas. Os cincoenta e quatro restantes elegem-se por oito annos, por suffragio de dois graus e por doze circumscripções, a saber: sete pela cidade de Copenhague, um pela ilha de Boruholm, um pelo Parlamento das ilhas Feroé e quarenta e cinco pelos districtos eleitoraes das cidades e do campo. Renovam-se, por metade, de quatro em quatro annos, e os mais elegem-se entre a nobreza, os burguezes notaveis e a alta administração.

A segunda Camara compõe-se de cento e dois membros eleitos directamente por tres annos, por suffragio universal; e como as tres quartas partes dos aldeões não são eleitores, a maioria de *Folkething* é constituída por elles.

O Parlamento ou *Rigsdag* reúne-se na primeira segunda-feira do mez de outubro de cada anno, em virtude de convocação do rei; a legislatura ordinaria não pôde durar mais de dois mezes sem o consentimento do monarcha.

O rei nunca abre o *Rigsdag* em pessoa; encarrega d'isso o presidente do Conselho, e a cerimonia effectua-se sem apparato.

Os deputados do *Rigsdag* recebem, além da importancia das despesas da viagem, uma irremensação de nove

francos diarios enquanto dura a legislatura e têm de aceitar forçosamente esse dinheiro.

As duas Camaras elegem cada qual o seu presidente, vice-presidente e secretarios. O *Folkething* pôde accusar os ministros e enviar-os ao *Rigsrat*, tribunal especial encarregado de estatuir sobre a formação da causa; mas o *Landsting* nomeia no seu seio metade dos membros que hão de compôr o *Rigsrat*.

As duas Camaras teem o direito de expôr, propôr e informar. As sessões são publicas, e os debates legislativos publicam-se n'um diario official, sob a direcção do presidente e dos secretarios de cada Camara.

Os membros do *Folkething* nomeiam-se por suffragio universal sem nenhuma condição de recenseamento.

Os de *Landsting* elegem-se por suffragio de dois graus, e em virtude de uma lei bastante complicada. Ha duas cathogorias de eleitores do primeiro grau: uns que teem direito de votação para o *Folkething* e outros eleitores contribuintes.

São eleitores ao *Folkething* todos os dinamarquezes de trinta annos de idade, com residencia de um anno e que tenham a livre disposição dos seus bens. Para ter o caracter de elegivel é preciso ser dinamarquez, ter vinte e seis annos feitos e não estar em nenhum dos casos de incapacidade que o eleitorado determina.

Para ser elegivel para o *Landsting* hão de preencher-se as mesmas condições que para a elegibilidade do *Folkething*.

Desde o incendio do castello de Christiansburgo (1886), as sessões do *Rigsdag* celebram-se n'um antigo quartel, pouco apropriado para este novo destino; mas esta installação é apenas provisoria. Até agora, porém, ainda se não deu principio ao novo palacio das côrtes.

# VOLTOU...



B

ONS velhinhos os que moram n'aquella casa! N'este domingo sereno de março, lá se veem

sentados á porta, o sorriso dos modestos e felizes a florir-lhes no rosto, as cabeças protegidas contra o mal da soalheira e os pés, fóra dos tamancos, para os aquecerem. A veiga, onde pastam bois, é tranquilla; a subida da encosta, onde rebentam urzes e codecaes, está vistosa. Aquelles bons companheiros, casados ha cerca de sessenta annos, tem um para o outro o mesmo olhar confortativo e amoroso do tempo de moços. Miguel conserva impressa na retina a imagem de Luiza, de quando era nova. Não lhe percebe a nascer das rugas; nem o desmaiar da pelle; nem a queda dos dentes, que no riso ainda lhe apparecem como uma fiada branca e igual d'um rosario de pinhões. Os cabellos (talvez pela vista enfraquecida) são ainda as longas tranças negras e colleantes, como lampreias no fundo arenoso d'um rio. O corpo de sua mulher manteve sempre, para elle, a mesma pureza de linhas — consolidara-se na graça e gentileza da juventude, não o tinham abandonado os elementos de frescura e mocidade.

Luiza via de igual modo seu marido. Quem estava, alli, a seu lado, com os joelhos ao sol e o lenço de Alcobaça na cabeça, era o mesmo rapaz valente, trabalhador e sadio, ligeiro como um lobo, que a namorara quando ella tinha vinte annos. Nem as molhadellas lhe tinham engrossado as articulações com o rheumatismo, nem as barbas e cabellos eram da brançura de linho sedoso, mas acastanhados e lustrosos como outr'ora. Não tivera a idade poder para lhe diminuir a vista; logo que o emperramento das pernas passasse, vel-o-hiam como o primeiro malho nas eiras, a primeira enxada no morder da terra, a melhor roçadoura para derrubar silvedos. Ella que o amparava da cama até á lareira e da lareira até ao sol, vivia na fé de que o seu Miguel tornaria a ser o mais celere e desembaraçado homem de todas as redondezas para atracar um touro que fugisse em descampado, para vencer, d'um pulo, o ribeiro da freguezia, para pôr em debandada uma feira de troquilhas bulhentos. Não o vira

ella lu libriar magotes de adversarios, ora afastando os para longe com um talho de varrer, ora safando-se-lhes com um salto para fóra da muralha da gente que o cercava? Assim mesmo, meio entrevado, ainda se não poderiam chegar a elle, nem tres, nem quatro pimpões, logo que Miguel tivesse nas unhas o pau de carvalho, e estivesse bem encostado a uma parede para só o atacarem de frente. Experimentassem, querendo, e ver-se-hia se ella não dizia a verdade.

\* \* \*

A' porta da casa estavam ambos silenciosos, n'esse secreto e intimo goso d'uma perpetua conformidade moral, imaginando se na força do sentir e sem recearem a morte que podia separal os, levando um e deixando o outro a vaguear no mundo, n'uma existencia de lamentos e saudades. Não pensavam n'este horror, visto que no ceu havia um Deus, justo e bom, que não permitteria tal iniquidade. D'aquella somnolencia feliz, despertou-os o padre Clemente Carvalhosa, que ora vinha pelo estreito caminho rente á casa de Miguel.

— E' o senhor cura — disse Luiza, falando como se só consigo falasse.

— Ah! hoje demorou-se mais. E' que os rapazes não sabiam a doutrina. Calaceiros!... — pronunciou o velho, sem levantar os olhos dos joelhos.

O sacerdote adeantava se com o seu habitual ar benevolente. A batina eclesiastica dava-lhe solemnidade ao parecer, e só o passo energico era signal de que não vinha em boa disposição de espirito. Luiza, logo que o viu á voz, levantou-se para o saudar e Miguel que tinha, ao lado, o pau a que se amparava, ia a fazer o primeiro esforço para se erguer, quando o cura, já com a mão na cancella para entrar, disse alto:

— Eh! lá! Para doentes não ha ceremonias!...

— Muito bom dia, senhor. Hoje mais tardinho. Os rapazes não a sabiam, está de vêr...

— E' verdade — informou o Carvalhosa com voz irritada. Talvez peor que no domingo passado e estamos no fim da quareisma.

— Uma palmatoria senhor! Olhe que isso não vae sem lhes doer.

— E é que o faço! — asseverou com energia o eclesiastico. Se me obrigarem a sahir de mim, vae um dia o diabo n'aquella sacristia.

— Vossa Senhoria não é capaz d'isso... — opinou ironicamente Luiza.

— Não sou capaz! ? Estás enganadissima! E' que vocês nunca me viram pelo lado do forro. Se me volto do avê-so, vae ahí o dia de juizo.

Miguel offerecendo lhe o bordão de paralytico aconselhou:

— Com este é que elles se ensinavam. Já lá andam taldos, dos que não vao a palmatoria.

— E' o que elles mereciam, é — applaudiu Luiza.

— Isso tambem não, mulher — entendeu o cura. Um pau molesta de mais, pode fazer sangue ou quebrar algum osso. E' bastante uma palmatoria puchada com valentia, como eu o sei fazer. Mando logo chamar o Corcunda para lh'a encommendar. Deixa que se elles virem, pendurada na sacristia, a santa Luzia de cinco olhos, não tornam a apparecer sem trazerem o reccado na ponta da lingua.

— Vossa Senhoria — commentou o Miguel — para essas coisas de bater... O senhor abbade, quando por ahí vinha, sabia-os tosar melhor, se os garotoes faltavam á obrigaçao...

O Carvalhosa retomou a sua energia:

— Estás parvo, homem! A questao é fazerem me chegar a mostarda ao nariz. Mas vamos ao que serve — disse mudando de tom — e do vosso Luiz, não tem havido noticia nenhuma, nenhuma?...

— Nenhuma... nenhuma... — responderam os dois n'um unissono triste.

— E tendes perguntado?

— Se temos! — disse Miguel. Sempre que sei de al-

quem que chega do Brazil, se as dores das juntas me dão licença, lá vou ter com essa pessoa... Mas até agora nada, nada!...

Luiza commentou chorosa:

— São terras onde ha animaes que comem gente!... Quem sabe se alguma serpente me deu cabo d'elle...

— E' celebre! — entendeu o cura. Eu tambem tenho feito esforços para saber noticias, mas tudo em vão!... E' celebre! Pois ainda ha dez annos vos mandou o dinheiro com que arranjastes esta casa e comprastes os bens por ahí abaixo e não torna á dar accordo de si! E' celebre, muito celebre! Quem será o ladrão que disfruta, a esta hora, o que elle tanto lhe custaria a ganhar! Sim, porque elle fortuna havia de ter!

— Isso é o que menos importa — interferiu Luiza. Aqui ha que farte para elle e para nós. O que queriamos era vel-o vivo e são.

— Pois apegate com Nossa Senhora da Boa Viagem, que ella t'o trará. Eu vou-me até casa que são horas de minha irmã ter o caldo na tigella. Adeus e devoção, Luiza.

— Ah! isso tenho eu, senhor! Promessas e resas olhe que as faço todos os dias.

\* \* \*

Havia muitas pessoas na freguezia que se lembravam da partida do filho do Miguel. Era um rapasinho carinhoso, serviçal e bem comportado. Delgado de corpo, tez morena, sorriso sempre conformado, fazia gosto vel-o ajudar á missa; porque procedia com grande promptidão e esmero. No caracter era a mãe, sempre boa e humilde; no desembaraço o pae, sempre agil e resolvido. De quatorze annos não havia, por alli, outro para mandar á villa n'uma pressa de chamar o medico ou buscar um remedio. Quer fosse de dia ou de noite, quer os caminhos estivessem cheios de neve ou de lama, o Luiz nunca se escusava, nunca procurou uma desculpa. Nem o medo do lobo, nem o das trovoadas o impedia de ser prestimoso. Miguel todo se ufanava com este brio do rapaz, e com a atmospha de sympathy de que o via cercado. E quanto a estudo? Isso dizia o mestre que nenhum lhe levava a melhor nos desafios á taboada, e na doutrina. Até era uma pena não ser possível ordenal-o em Braga, para um dia vir alli dizer uma missa nova, e verem no do pulpito lançar a voz da religião. Porém, o Luiz, ainda que se podesse conseguir com esmolas, lá para essa vida de padre não o chamava a inclinação e toda a sua idéa era embarcar, para tirar seus paes da pobreza em que viviam e da labuta constante em que se amofinavam. Apesar do Brazil ser a commum ambição da gente d'aquella provincia, isto não tinha prognostico favoravel das pessoas que lhe conheciam o genio perdulario, o gosto que fazia, já em creança, em dar tudo que possuísse. Um pedaço de pão e presigo com que lhe pagassem qualquer serviço prestado, logo o repartia com os rapazes da sua equalha, ou com algum pobre que encontrasse, ou mesmo com qualquer esfomeado cão que estivesse a olhar para elle quando comia. E não era porque em casa lhe sobrasse, pois Miguel, n'esse tempo, tinha mais tres filhos vivos e era elle só a trabalhar, moirejando nas terras que são ingratas para compensar o esforço rude do homem, que só tem para as servir a sua enxada. Estava na indole de Luiz dar tudo, repartir com quem quer que fosse — o coração não lhe soffria o possuir coisa de que os outros não compartilhassem. Os unicos motivos de zanga de sua mãe para com elle, vinham de conhecer que lhe roubava pão para dar aos pobres que passavam, quando ella não tinha bastante para si.

— Tu és tolo, rapaz! — gritava-lhe. Vês que esta fornada me não chega até á outra, e tiras-me a brôa da masseira! Olha que ainda podes andar como esses mandriões de pedintes, que só tem por seu mal, não se querem chegar ao trabalho.

Luiz ficava triste, porque, a santa creatura que era sua mãe, não comprehendia o intimo goso que elle sentia em fazer bem. Amargurava o esta idéa, pois não admittia maior consolação do que a de dar, mesmo aos que não tivessem necessidade. O rosto de agradecimento que os beneficiados faziam ao receber, era o premio unico a que aspirava. Mas havia mais alguma coisa n'este animo dadivoso: era o pouco geito de possuir em proprio, o que quer que fosse. Angustiava-o a preocupação de guardar. Viver sempre na abstracção, na incon-

sciencia do que valem as coisas materiaes, era a característica do seu coração. O prestar serviços sem idéa de interesse ou recompensa completava-lhe a indole bondosa. Sua mãe estava sempre a prégárlhe:

— Nunca hasde juntar coisa que se veja. Como é que tu queres ir para o negocio com esse genio?

E porque assim o entendiam todos na freguezia e os proprios paes, é que muito os maravilhou o receberem, na pobre casita onde os dois velhos moravam e viviam sós, a visita d'um amigo de Luiz, que lhes trazia uma ordem para receberem no Porto uma grande somma de dinheiro — uma somma, para elles tamanha, que os lançava repentinamente na opulencia. Porém, Luiza, ao apparecimento d'esse senhor todo aceiado, já homem grisalho e enegrecido na pelle da face pelas soalheiras dos sertões brazilicos, não se importou nada com a riqueza que elle annunciava e tomando-o como o precursor de seu filho, logo inquiriu:

— E o senhor conhece-o, o meu Luiz? Está am homem assim alto como é o pae? E quando é que o temos a conçoar com a gente?

A todas as perguntas o mensageiro respondeu de maneira a arrancar-lhe lagrimas de contentamento. Miguel que, chamado, vira a offegante da labuta dos campos, perguntou, primeiro que tudo, em voz meia reprehensiva, mas cheia de coração:

— E elle não tem idéa de vêr a gente antes que nos levem para a cova? A riqueza estimamol a muito; mas antes queremos a companhia.

O amigo de Luiz enteneceu-se com esta insistencia e consolou os paes fazendo lhes gratuitamente promessas para que não estava auctorisado. O dinheiro que lhes trazia era o melhor signal de que o filho os visitaria em breve — disse. Trazia recommendação de lhes lembrar que transformassem a casa de moradia para o receberem condignamente, e de que, podendo ser, empregassem o restante na compra de algumas terras, que lhes garantissem uma mediania repousada e sem cuidados.

— Isso — confessou Miguel — até vem a calhar, porque andam em bocca de venda estes bens aqui em volta da casa.

Para designar a grandeza das terras estendeu pela encosta que descia brandamente até ao ribeiro, um olhar commovido, acompanhado d'um gesto de opulencia. Era esta a ambição de toda a sua vida. Muitas vezes, só com Luiz, quando juncto da lareira comiam o magro caldo da ceia, elle exprimia o prazer que o filho lhes daria se enviasse dinheiro para comprar aquelles campos, que toda a vida tinham cultivado como caseiros. Era o seu suor d'elles accumulado sobre a terra, que os tinha feito fructificar e lh'os tornava queridos, como uma parte viva e nobre da propria existencia. Possuir a bella quinta que em volta do seu pequeno eido se estendia, abrir a agua das poças com a arrogancia de proprietario, levantar as videiras com a certeza de que eram seus aquelles braços flexiveis, e ao enterrar a enxada na terra negra e humosa sentir a convicção de que remexia no que ninguem lhe podia disputar, de que preparava o solo para resultados que não partilharia com outrem, era o maior goso que a boa fortuna podia trazer a Miguel. E tamanha commoção os dois manifestaram, na sua mudez, deante do hospede, quando designaram com o olhar essas terras que o recémchegado perguntou:

— São estes os bens que vocemecês trazem de casa?

— Sim, senhor, aquelles mesmos em que Luiz trabalhou connosco, indo á sogá dos bois, quando lavravamos. Elle falou-lhe n'isto?

A um signal affirmativo, os consortes, choraram copiosamente. Até parecia mal ver um homem sadio e foite, como era então Miguel, limpar os olhos á grosseira estopa das mangas da sua camisa e soluçar com a cara escondida. Porém aquelle contentamento era mais forte do que elle; em coração humano não presumia outro igual. Para se desculpar, perante o amigo de Luiz, ia dizendo por entre lagrimas:

— O senhor não pode comprehender o que isto é. Se soubesse o que me vae cá por dentro. Estou capaz de estoirar de alegria.

O feliz mensageiro sentia-se transitoriamente envolvido na mesma atmospha de felicidade que respiravam os dois casados. Ligando-os a si n'um só abraço disse:

— O que desejo é que por muitos e largos annos gosem o que tanto amam, e que isto seja na companhia de seu filho, que estou certo se não demorará muito.

Depois, combinou com elles a maneira de receberem o dinheiro que estava no Porto, á ordem de Miguel. Para lhes facilitar a empresa já tinha tractado da transferencia da quantia para a villa proxima, onde da mão de negociante honrado podiam receber a toda d'uma vez, ou parcelada, conforme melhor conviesse. N'esse mesmo dia, Miguel acompanhou o amigo de seu filho para pessoalmente ajustarem com o tal negociante o recebimento em questão.

\* \* \*

Este notavel successo trouxe á memoria dos do lugar o bom rapasinho que Luiz sempre fôra; como era geitoso no ajudar á missa, como, com desinteresse sympathico, se prestava a servir toda a gente. Não podia deixar de ser feliz, quem logo no começo da vida se mostrara tão diligente e bondoso. Deus, que é justo, ajuda de preferencia aquelles que o merecem, os que desde o principio se mostra attentos e respeitosos pelas coisas da religião. Entendiam e mostravam como exemplo d'isto a fortuna que acompanhara Luiz para poder alegrar a existencia de seus paes, garantindo-lhes o bem-estar, e proporcionando-lhes o goso de possuirem as terras que sempre haviam trabalhado.

A proposito recordavam o bello dia de maio em que o rapazito partira. Muitos faziam o apparatus de mencionarem meudas circumstancias, que ora representavam como se as tivessem deante dos olhos. Repetiam palavras, apontavam pessoas, e reproduziam detalhes. Que formoso sol o d'esse tempo! como elle aquecia o corpo e alegrava o espirito! O padre Clemente-Carvalhosa, já então curava a freguezia e, por assim dizer, era o parochio, pois que o verdadeiro estava frequentemente em Braga, junto do senhor arcebispo de quem era amigo; e já havia annos que por alli não apparecia. Como Luiz não tivesse vocação para o estado ecclesiastico, fôra o Carvalhosa quem influira para o mandarem para o Brazil, ver mundo, fazer-se homem, ganhar a riqueza com que voltasse a engrandecer a sua familia e a sua terra. Se o bom velho fosse egoista, forçaria por conserval-o para o ajudar á missa, tratar das coisas da igreja e auxiliar o mestre escola. Mais tarde poderia mesmo conseguir-se que ficasse substituindo José Fortunato, o que era alguma coisa de representativo. Porém reconhecendo que aquella intelligencia naturalmente viva, se acanharia na estreiteza d'uma aldeia, o bom cura é que promoveu, entre a melhor gente da freguezia, uma colheita de donativos para vestirem o Luiz do Miguel e pagarem-lhe a passagem para esse Brazil, terra prodigiosa, onde o oiro rebenta das arvores com a bondade dos fructos que alimentam o homem. Sentia no fundo do seu generoso coração, que era uma boa obra a que emprendia. Quem sabe se não estava trabalhando para o esplendor das festas da sua igreja, para reformar e accrescentar materialmente a riqueza do templo, attenta a vocação que Luiz mostrava para as coisas santas? Não seria amesquinhar as bellas promessas de caracter de rapaz tão bom, tão docil, tão intelligente, o prendel-o entre aquellas montanhas de limitado horizonte?

—Mas, senhor—entendia a mãe—olhe que elle para conservar dinheiro não lhe serve. Quanto ganhar, quanto dá!

—Cala-te, mulher—contestou Miguel—deixa ir o rapaz que no mundo é que elles se armam gente. Tenho-lhe amor, pois é meu filho, mas o senhor cura é que diz bem.

Aquelle que assim falara com desapego, é que mais custou o desprender-se de Luiz, no assignalado dia da partida, n'esse bello maio em que o sol aquecia o corpo e alegrava o espirito d'um modo differente do actual. Luiz com o seu caracter submisso ia de vontade; mas não tinha n'essa occasião, propriamente idéa de ambição ou opulencia, nenhum proposito de no futuro deslumbrar os simples da sua aldeia. Commovido e sem fala, as lagrimas rebentavam-lhe dos olhos, como pingos de seiva d'uma arvore quando chora. Se seu pae se não podia desagarrar d'elle, tambem elle se não podia desagarrar de seu pae, nem de sua mãe, nem dos rapazes que ficavam. No fundo da sua retina estampara-se indelevelmente é para sempre, toda aquella paisagem da sua alma— a modesta igreja, com o campanario exterior d'um só sino; o musgo das paredes dos caminhos estreitos; a largura dos campos onde rebentava a herva; a sobrançeria dos montes altos, artilhados

de penedias temerosas! Sentira que a alma, n'esse dia de sol encantador, se lhe dividira em duas partes: uma alli ficava pendurada dos galhos das arvores que se enfolhavam, dentro da pobrissima casa onde nascera, e nas encostas a escutar o gemer das fontes e dos regos d'agua. O cura Clemente Carvalhosa, ainda no vigor da vida e saude, abençoara-o no limite da freguezia, até onde o acompanhara, e n'esse momento, Luiz, supplicante e com as mãos erguidas pediu-lhe:

— Quando a Russa tiver a cria, senhor, peço-lhe que a deixe crescer e que a não venda, que eu mando dinheiro para a pagar.



— Isso tambem não mulher —... (pag. 299, 2.ª col.).

A Russa era a egua do cura. O rapasito tinha-lhe grande affecto, adquirido no habito de a levar a beber, e de a acompanhar quando o sacerdote ia para algum officio.

Na villa é que se apartou de sua mãe e de seu pae, pois d'alli em deante seguia na companhia d'outros emigrantes que levavam o mesmo destino. Na volta, a excellente Luiza, veio considerando se aquella dôr que soffrera no apartamento incluiria a redempção da sua pobresa. E valeria a pena tental-a, para quem desde o nascimento fôra destinada á vida do trabalho e das privações? Quando ella o dera á luz, bem como aos outros que lhe tinham morrido de bexigas, já fôra na perspectiva de os prender á terra negra, cavando-a com a enxada, para d'ella tirarem o pão duro de que se alimentariam. Isto era a vida assente na pobreza e conformidade: e o que Luiz ia buscar longe, o que seria? Com os olhos razos d'agua, a pobre mulher, só percebia o esbatido d'um mar ennevoado e sem fim a negrura d'um mysterio lugubre que formava esse porvir incerto...

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

(Conclue no proximo numero.)

# GALERIA DE TRAJOS NACIONAES

## A SAIA-BALÃO

O nosso seculo tem imposto muitas variantes no trage feminino, segundo as versateis ordenações da moda; mas nenhuma foi mais campanuda nem mais comicamente estapafurdia do que o *balão*, a que tambem se chamou *crinoline* e *merinaque*.

Não cabe, porém, ao seculo XIX a gloria de ser o inventor d'essa extravagante moda, porque não ha nada novo debaixo do sol, e muito menos o figurino.

Já na Grecia antiga tinha apparecido o nucleo do *balão*, porque Alexis, no *Isostasion*, allude aos artificios de que as cortezãs usavam para dar relevo aos quadris. Se não era a *crinoline*, era pelo menos a *tournure* ou coisa assim; talvez, melhor, as anquinhas



Henrique IV e Maria de Médicis

gontea, e Moraes e Silva affirma que a palavra *verdugada* ou *averdugada*, nome que essa moda teve em portuguez, viera do hespanhol. Nós diriamos a principio *verdugada*, encostados á etymologia, e depois *averdugada*, apropriando a pronuncia ao nosso modo de fallar. Os francezes pronunciariam talvez a principio *verdugadin* e, depois, por corrupção, *vertugadin*. Mas ainda ha outra razão para crêr que a moda das saias abalonadas passára da peninsula hispânica á França. Vamos dizel-a.

Foi nos ultimos annos do reinado de Henrique IV, como mostra a *toilette* de Maria de Médicis, que as damas principiaram a uzar em França as anquinhas ou almofadas que se collocavam sobe os quadris por baixo do vestido, e foi no reinado seguinte (Luiz XIII) que se generalisou a moda das saias de varas (*vertugadin*).

Mas no *Cancioneiro* de Rezende, impresso em 1516, encontra-se já uma referencia ás *verdugas*, a qual vale tambem como prova de que a moda não foi acceita em Portugal sem certa reluctancia:

As portuguezas honradas  
Vimos por deshonra haver  
No rosto, e face poer, (1)  
E trazer averdugas.

E nos *Dialogos* de frei Amador Arraes, tirados a lume em 1589, quando Henrique IV não tinha ainda desposado Maria de Médicis, allude o illustre prelado de Portalegre aos «mantos de burato e *verdugas*.»

Dos guarnimentos ou guarnições e custo das *averdugas* podemos ajuizar pela seguinte verba descripta no inventario do guarda-roupa que pertenceu a D. Brites, mulher de André de Azevedo Vasconcellos (Elvas, 1601): Huma averdugada debruada de velludo verde e tafetá amarello, avaliada em tres myll réis.» (Jornal O *Eltense*, de 2 de maio de 1897.)

A moda, cujos decretos são imperiosos, acabou por vencer a reluctancia das portuguezas; no seculo XVII estava adoptado entre nós o costume de avolumar a roda das saias. Os chumaços que para esse effeito se

empregavam, receberam o nome pinturesco de *guarda-infantes*.

D. Francisco Manuel de Mello diz na *Carta de guia de casados*: «O uzo dos seus guarda-infantes, e cousas d'esta maneira, ponho entre aquellas que de si não são más, nem boas, e o costume lhe dá o ser, ou lh'o tira. Eu vi andarem as francezas com semelhante trajo, a que então chamavam *verdugadins*; parecerem muito bem, e não lhes ser estranhado. Depois as vi sem elles, e parecerem da mesma sorte!»

A primeira saia que se vestia sobre o guarda infante chamava-se *polheira*, e era quasi sempre encarnada:

Traz na polheira encarnada  
Onde faz gala do atroz,  
Ferindo fogo o donaire  
Matando de ar o rigor. (2)

No seculo XVII vieram os *paniers*, especie de saias com arcos de balea, que precederam a *crinoline*, e exageraram o *vertugadin*.

A moda foi introduzida na cõrte do velho e grande Luiz XIV por duas damas inglezas, que apparecendo campanuladas pelos *paniers* no jardim das Tulherias, causaram vivissima sensação, a ponto de ser preciso, para não morrerem asphyxiadas pela multidão dos curiosos, que um official da casa do rei lhes desse escapula.

Custou a aclimar em França esta moda, que só logrou fazer carreira na *toilette* das comediantes. Mas um anno depois, em 1716, as saias de arcos de balea eram adoptadas não só pelas damas da cõrte, como tambem pelas burguezas, e até pelas criadas de servir. A França feminina submettera-se aos *paniers*, que ainda estavam em voga no reinado de Luiz XVI.

Em Portugal a moua recebeu então o nome de *donaires* (circuitos de arame ou barbas de balea) e assim é interessante ver como se iam succedendo nomes differentes, *verdugas*, *guarda-infantes* e *donaires* para designar o mesmo objecto.

Rebentou a Revolução Franceza e a republica quiz passar uma esponja sobre todo o existente. Os *balões* não lhe escaparam. As «cidadãs» de Paris adoptaram os vestidos esguios, muito escoados, que se prolongaram na Europa até ao fim do primeiro quartel d'este seculo.

A Revolução de Julho pretendeu, por sua vez, apagar os vestigios que a republica tinha deixado no figurino: a partir de 1830 principiou a delinear-se o *balão* nas *toilettes* femininas.

Estabelecido em França o segundo imperio, a imperatriz Eugenia adoptou a *crinoline*, e por esse facto teve a alcunha de Rainha *Crinoline*, (*Rochefort*, *Aventures*). Talvez que por conveniencia propria o adoptasse, porque a imperatriz, como refere Madame Carotte (*Stuvenurs intimes*), ficcu, desde o nascimento do principe imperial, com uma lesão uterina.

E a proposito copiaremos uma observação de Madame Carotte: «Foi a datar d'este periodo que o uso, tão obliterado hoje, de offerecer o braço ás damas nos salões ou para as acompanhar na rua, se perdeu.»

Tambem Autran, imprecando a moda, dissera:

Femmes qu'il faut aimer de loin,  
Cœurs étroits, amples crinolines.



Epoca de Luiz XV

(1) Referencia aos cosmeticos.

(2) Ribeiro Guimarães, *Sammão de varia historia*, vol. I, pag. 127.

Em 1860 o *balão* reinava hyperbolicamente ; era geral e exageradissimo.

Procuro n'um romance da epocha, entre 1830 e 1860, a descripção d'uma *toilette*, e encontro esta, a proposito :

« Ernestina, segundo o uso das nossas damas, começou a envergar saia sobre saia, e sobre ellas atou finalmente em roda da cinta uma de tecido grosso e bordado, que, engommada como estava, a fazia a realidade do *sino que anda* de Schiller. A essa hora já se lhe podia calcular em volta da cinta pelo menos o peso especifico de meia arroba de panno morim. E' o orçamento de saias e saiotés que veste no Porto uma dama para um baile ou para um passeio. » (*O genio do mal*, romance de Arnaldo Gama).

Vinham de França os *merinaques* entrançados de crina

e nastro, com articulações de aço. Eram os mais finos e caros. As mulheres do povo cosiam á orla da saia um aro de junco. A é a camponeza dos *montes* do Alentejo improvisava assim, para seu uso, um *balão* barato.

No cancionero das ruas encontram-se vestigios tradicionaes da moda da *crinoline* (etymologicamente, *crin* e *lin*) :



Século XIX

Estas modinhas d'agora  
São modas de tri-lo-lê.  
Não ha dama sem balão,  
Sem cuiá e totó ao pé.

Eu fui e vim e cá 'stou,  
Eu hei de ir e hei de voltar  
E inda as meninas da moda  
Co' os balões a dar a dar.

O balão da minha ama  
E' como a roda d'um carro.  
Quando entra na cosinha,  
F. z abanar o sobrado.

Arreda, janota, arreda,  
Deixa passar o balão.  
As varas são sette juncos!  
Que dinheiro custarão ?

Marianna é baixinha,  
Traz o balão pela lama.  
Toda a gente lhe dizia :  
Levanta o balão, Marianna.

Marianna diz que tem  
Sette saias de balão,  
Que lhe deu o caixeirinho  
Da gaveta do patrão.

A menina vai ao baile,  
Leva saia de balão.  
Brinquem, todos, todos, todos,  
Brinquem todos quantos 'stão.

O balão d'esta menina  
E' como a roda d'um carro.  
Arreda, janota, affasta,  
Que o balão já vai quebrado.

Estas meninas d'agora  
São como o sino a dobrar :  
Choram por mortos e vivos  
Co' o balão a dar a dar.

A menina vai ao baile,  
Leva saia de balão.  
Tambem leva sapatinhos,  
Meia fina d'algodão.

O epigramma, a satyra, a caricatura cahiram a fundo sobre o *balão*, que re-istiu mais ou menos «attenuado» até 1875. A *crinoline*, absolutamente generalisada, tinha encontrado apoio no gosto que as mulheres do povo sempre revelaram, em Portugal, pela abundancia de saias. Hajam vista as *lavradeiras* do norte e as ovarinas.

O balão prestava-se maravilhosamente á troça, á critica alegre. Occorriam incidentes profundamente comicos, como quando o vento vivava do avesso a *crinoline* á laia de chapéu de chuva. E que o *balão* devia dar aos antipodas a impressão de um chapéu de chuva, notou, com graça, o poeta portuense Faustino Xavier de Novaes:

Trazem balões enfundados  
Virgens, casadas, viuvas,  
E os antipodas, pasmados,  
Cuidam que são guarda-chuvas ;  
E n'estas estreitas ruas,  
A fugir de taes faluas,  
Nem das casas na soleira  
Ficam salvas as canellas :  
— Vel-as assim, todas ellas,  
Não me cheira.

Bastava uma d'ara para assambarçar uma carruagem de mala-posta em prejuizo dos passageiros do sexo masculino.

Nas salas, algumas vezes succedeu a alguma senhora desarticular-se-lhe qualquer das laminas de aço do *merinaque*, e ir lancetar a perna do parceiro de valsa.

Em França o *vertugadin* chegou a ser assassino. Dentro de uma igreja, onde havia grande apertão, o laçao de madame Acaria, sendo ferido por uma vara que se despregára na saia de uma dama, morreu da ferida.

Já depois de 1875 tentou a *crinoline* reaparecer. Mas em Inglaterra levantou se logo uma cruzada, prégada por uma escriptora distincta, mistress Stannard, protestando contra essa ridicula moda, que tornaria a livelar as mulheres da Europa com as do Taiti, as quaes, segundo o estilo do paiz, usam um *merinaque* enorme, que lhes dá o aspecto de andarem mettidas dentro de um cesto.

ALBERTO PIMENTEL.

## NOITE DE INVERNO

E' n'uma noite assim, de um firmamento  
Negro, e de um frio que enregela e corta,  
Que, em pranto o olhar, releio em pensamento  
Toda essa historia que suppunha morta...

Quando este inverno atroz, que é o meu tormento  
Agora, acaso nos batia á porta :  
— Deixae-o, amor ! deixae lá fóra o vento ;  
Que o vento ruja ou não, que nos importa ?

Dizia ; e ao vêr-te arfar mais forte o peito :  
— « Que importa a chuva ou o sol, se um collo estreito,  
Collo mais quente que um vulcão em lava ? »

E a voz do vento, embora, enchesse a rua...  
Eu a do amor ouvia, que era a tua,  
Que hoje não fala, mas que então falava !

SILVESTRE DE LIMA.



# UM GYMNASTA EM PERSPECTIVA



1



2



3



4

## COISAS ALEGRES

DE ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

No tempo da sua memoravel campanha contra os professores que lhe combatiam o methodo de leitura, recebia todos os dias cartas (muitas anonymas) d'uma *amabilidade*, que em algumas ia até á injuria. Certo dia que em sua casa o acompanhavam alguns amigos, foram elles que, a pedido do poeta, abriram a correspondencia e foram lendo em voz alta, as cartas, uma por uma. Emquanto era lida uma d'ellas, todos riam. Perguntou-lhes o poeta o motivo do riso.

— Pois quer saber ? ! (acudiu um). Este idiota, que de mais se assigna *um professor*, usa de maiusculas pelo meio das palavras.

— Então, coitado, deixem-o lá. Bem lhe basta a desgraça de lhe grelar o que escreve.

Castilho, que era a singeleza em pessoa, detestava quasi todas as mundanidades a que as convenções sociaes nos obrigam.

Discutindo com seu irmão Adriano o uso das luvas, que elle (Antonio) dizia não tinha razão de ser, nem fundamento no bello, nem o argumento da posse velha, concluiu :

— Em summa : não é nada lisongeiro que tu prefiras á pelle de teu irmão a pelle de um cão morto.

Quando mudou de casa para a Rua de S. Francisco de Paula, ajudou-o na faina da arrumação dos livros o padre Tavares, prior de Santa Izabel, homem muito erudito e muito amigo do poeta. Sobreçando uns tantos livros, dirigia-se o prior á estante indicada, quando exclama alto :

— Mau ! (e parou)  
— O que foi ? (pergunta Castilho).  
— Estou bem aviado. Perdi os oculos.  
— Procura (observa-lhe o poeta, sorrindo). Dizem que tudo se achá nos livros ; lá devem estar.

A casa de uma familia sua amiga ia tambem um fidalgo bastante illustre, mas cuja familia, apesar de antiga, não tinha *Dom*. Não obstante, toda a gente o condecorava, habitualmente, com esse titulo.

— Mas se Fulano não tem *Dom*, porque é que toda a gente lh'o dá ? (perguntou uma vez alguem).

— Por isso mesmo que o não tem (acudiu Castilho). Se o tivesse escusavam de lh'o dar.

Discutia-se na sua presença um sugeito, tão conhecido pelos seus escandalos e alicantinas, como pela sua estatura rachitica, exigua, quasi de anão.

— A esse homem (disse Castilho) o que o livrou de ser um grandissimo maroto, foi o corpinho.

Um outro que tinha usado para com elle de sentimentos villissimos, qualificava-o assim :

— E' um canalhinha... que é augmentativo de canalha.

Tinha sido muito pateada em S. Carlos a opera de Rossini, *Gemma de Vergy*.

Perguntou uma senhora ao poeta :

— Vae esta noite ao theatro ?

— Não, minha senhora ; não gosto de gemmas batidas.

Certa manhã recebe uma avolumada carta, em que um musico da capital lhe annunciava o seu proximo beneficio e lhe remetia uma porção de bilhetes.

— Bravo ! (exclamou elle) esta carta prova-me que esse musico (que mal conheço) é bem deveras meu *caro amigo*.

Certo figurão da côrte, tinha por costume, quando raramente estendia a mão a algum amigo, dar-lhe apenas um dedo. D'uma vez que Castilho estava de conversação alegre, n'um grupo, passou o sujeito, estendeu-lhe a mão a seu modo e seguiu caminho.

Castilho observa então aos circumstantes :

— Feliz homem este, que com uma mão póde contentar a cinco amigos, d'uma vez.

Terminemos com uma das suas jactancias, posta em verso :

Tenho uma coisa comigo,  
E não é por me gabar,  
Que nunca dou a matar,  
Que não faça um amigo.

H.

# SECÇÃO RECREATIVA

FAZER PASSAR POR UM BURACO REEDONDO UMA MOEDA DE DIAMETRO MA'OR

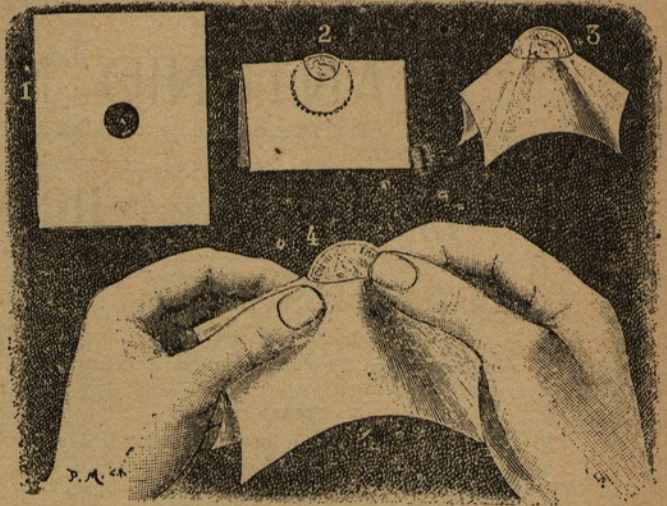
**P**ONHA-SE sobre uma folha de papel uma moeda de 200 réis; desenhe se exactamente o contorno com a ponta do lapis, e corte-se com a tesoura. Faz-se assim um buraco por onde a moeda de 200 réis possa passar facilmente.

Ora, vamos propor aos nossos leitores, fazer passar por esse mesmo buraco, e sem rasgar o papel, uma moeda de 500 réis. Isto parece um pouco mais difficil, mas não é, porque a moeda de 200 réis tem um diametro muito menor que a de 500 rs.

Vamos explicar com isto se faz.

Dobre-se o papel no sentido do diametro do buraco, como a figura 2 indica. Metta-se no interior a moeda de 500 réis e segura-se, entre o pollegar e o index da mão direita, a parte que atravessa o buraco.

Feito isto, faz-se dobrar o papel com o auxilio da mão esquerda, e mantendo-o do outro lado com o annular da mão direita; em consequencia da elasticidade do papel as duas semi-circumferencias, que limitam o buraco, approximam-se d'uma linha recta e, n'um dado momento, o alargamento é sufficiente para



dar livre passagem á moeda de 500 réis, que se retira sem difficuldade alguma, tendo-se assim resolvido um problema geometrico, que ao principio parecia insolvel.

## CORAÇÃO

## DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

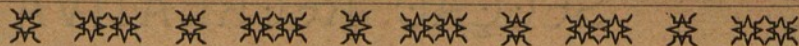
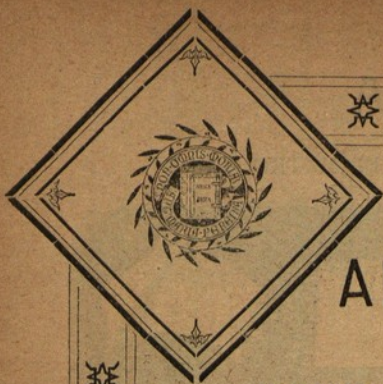
## BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 reis	1\$300 réis	2\$500 réis
Africa Portugueza.....	800 »	1\$600 »	3\$200 »
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis



LIVRARIA EDITORA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes  
de percaline

A 200 réis

- \* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

- \* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

- \* Leituras correntes e intuitivas e 1.<sup>a</sup> lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.<sup>a</sup> parte), 1 vol.
- \* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

- \* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

- \* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.
- Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

- Historia d'um pelhaço, por Raul Brandão, 1 vol.
- A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

- Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.
- A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.
- A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.
- Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.
- A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.
- Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.
- A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.
- Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.
- Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.
- Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.
- Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.
- N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.
- Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.
- Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.
- Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.
- Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.
- Os noivos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

- Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.
- Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.
- Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.
- O Livro do Monte, poesias de Bulhão Pato, 1 vol.
- \* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.
- Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.
- \* Litteratura Brazileira, estudo critico, seguido d'uma abundante collecção de prosas e versos

- dos mais notaveis escriptores brazileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.
- A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.
- Poemas portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.
- Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.
- Moral para todos, por A. Franck, trad. 1 vol.
- Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

- O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.
- Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.
- A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.
- \* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

- Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.
- \* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.
- \* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

- A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.
- \* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

- Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

- Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

- Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

- \* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

- \* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint Pierre, edição illustrada de grande luxo.
- \* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.
- \* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

- \* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de P. Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

- \* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

# Branco e Negro



NO ATELIER — Quadro de Raul Símbala

PREÇO 50 RÉIS

N.º 98

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dourada por folhas, constitue o mais

### DELICADO BRINDE

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

PREÇO 3\$200 RÉIS

Notavel  
e esplendido  
de  
romance

BERNARDIN DE SAINT PIERRE

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, impressa em optimo papel e ricamente encadernada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição profusamente illustrada com primorosas e interessantes gravuras das e intercaladas no texto.

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA,  
Editor. — Rua Augusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

**ALMANACH**

DO

**Branco e Negro**

PARA

**1898**

1 Volume, preço 200 réis  
Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 98

LISBOA, 13 DE FEVEREIRO DE 1898

2.º ANNO

## A MOUSINHO DE ALBUQUERQUE



Composição e desenho de Julio Silva

# EXCAVAÇÕES LITTERARIAS

## JOSÉ DO TELHADO

**A**s grandes virtudes, como os grandes crimes, dão celebridade.

A historia, que regista o nome de homens que se extremaram por actos de nobre heroismo, por acções que os tornaram benemeritos da humanidade, tambem regista o d'aquelles que crearam fama por meio de grandes crimes.

José do Telhado é um d'estes exemplos, que a historia contemporanea ja registára.

A prisão recente d'este notavel criminoso, faz reviver a lembrança de toda essa serie de acontecimentos que, por assim dizer, constituem a historia da sua vida aventureira e de triste celebridade, e crêmos, por isso, que serão lidos com interesse alguns fugitivos traços da sua biographia, que podemos obter.

Jose Teixeira da Silva, vulgo José do Telhado, tem hoje 40 e tantos annos: é d'alta estatura, fórmas herculeas, e bem apessoado. É de bom tracto, e nao denuncia no exterior a perversidade que tem mostrado na carreira do crime.

É natural de Castellões, concelho de Penafiel, e filho de Joaquim do Teihado, que tambem fôra chefe de salteadores, e soorinho d'outro, a que chamavam o *Sodiano*.

Aos 14 annos foi viver para a companhia de um francez, cunhado de sua mãe (Rosa do Telhado) que na freguezia de Cabide, da comarca de Lousada, exercia o mister de castrador, que José do Telhado aprendeu.

Conservou se na companhia do tio por affinidade até aos 19 annos.

Enamorou se, segundo se diz, de uma filha do dito francez, que era sua prima, e, ou porque os paes d'ella desapprovassem os seus amores, ou por outro motivo, que nao e conhecido, partiu d'ali para Lisboa, onde sentou praça no regimento de lanceiros n.º 2 da rainha.

Em 1837, por occasiao da revolta dos dois marechaes, sahio de Lisboa com o marechal Saldanha, e assistiu aos combates do Chão da Feira e Ruivães.

A coragem que mostrou nos perigos, ganhou-lhe a affeição do barão de Setubal (general Schwalback) que o aggregou a si, na qualidade de ordenança effectiva, e com o qual émigrou para Hespanha, de onde voltou depois da convenção de Chaves, e obteve, do barão de Villar de Tupim, então commandante da 3.ª divisao militar, que se lhe desse baixa do serviço militar. Voltou a Cabide, e casou com a prima, a quem o pae deu um dote, nao pequeno em relação a sua fortuna.

Viveu pacificamente por alguns annos, exercendo o mister de castrador, e com os meios que d'elle tirava e os proventos dos bens dotaes de sua mulher, era remediado, como em phrase aldea se diz dos que tem uma fortuna mediana.

Em 1845 foi preso em Penafiel, não sabemos por que motivos, e ferido gravemente, a ponto de lhe apparecerem os intestinos; porem, a sua robusta constituição triumphou do ferimento, e escapou.

Sendo dotado de indole prestante, e praticando liberalidades com os precisados, grangeou sympathias entre o povo. É por isso que o convidaram a entrar na revolução popular de 1846, chamada a *Maria da Fonte*.

Prestou relevantes serviços aquelles que o arrastaram a tomar parte nos acontecimentos d'aquella epocha; e achando-se, como 1.º sargento de cavallaria, na batalha de Val Passos, com tal valentia se houve, que um general, valente entre os valentes, e que todos appellidam o Bayard portuguez — *sans peur et sans reproche* — lhe pregou no peito, no campo, a condecoração da Torre Espada, do valor, lealdade e merito.

Depois do convento de Gramido, tendo arruinado a sua fortuna, com o muito que gastara durante a guerra civil, que n'essa occasião terminara, e sendo mal visto pelas auctoridades e influentes do partido que triumphou,

achou se em circumstancias apuradas; e foi então que se lançou abertamente na carreira do crime.

Em consequencia dos roubos que em 1847 houve em Courellas do Douro, Margaride e em Baião, na casa do padre Domingos de Boseros, foi pronunciado, e sendo perseguido pela justiça, embarcou para o Brazil. Voltou d'ali passados dois annos, fugido, segundo se diz, por ter feito um grande roubo n'aquelle imperio.

Voltando á patria, não esteve muito tempo sem dar que falar de si.

Em 1851 tomou parte no assalto ás casas de Cadiade e de Chavoës, no concelho de Baião.

Em 1852 assaltou com o seu bando a casa de Carrapatello, aonde ao crime de roubo ajuntou o de assassinio do creado da casa.

Em seguida tentou um roubo simultaneo das casas de tres brasileiros, que não realisou, porque foi surpreendido por uma força militar, no sitio da Eira dos Moiros, e batido por essa força, que matou dois dos salteadores. Cahindo ferido um dos do seu bando, José do Telhado o matou com dois tiros, para que não podesse fazer revelações.

No seu bando havia um homem, por nome José Pequeno, que tinha uma taberna na Lixa.

Tendo connecimento de que Jose Pequeno estava de accordo com as auctoridades, ara o entregar nas mãos da justiça, foi uma noite a casa d'aquelle e, arrombando a porta, entrou, e depois de uma violenta lucta com o dito Jose Pequeno, o assassinou a facadas.

Sahindo fora da casa do assassinado, vo tou-se para os que o seguiam e disse, apontando para o cadaver de José Pequeno:

— Era um traidor, matei o; e o mesmo farei a todos os que projectem atraiçoar me.

Sendo activamente perseguido pelo administrador de Marco de Canavezes, e sendo ainda outra vez surpreendido e batido na Serra do Pinhão, no dito concelho, fugiu para Hespanha, d'onde so voltou em junho de 1853, por saber que ja não era administrador aquelle que mais crúa guerra lhe fizera.

Reorganizou o seu bando, e ultimamente augmentou mais dois capitulos a sua historia, tristemente celebre, com os assaltos e roubos nas casas de Sousa e do padre Albino, de Unhao.

Estes ultimos crimes desafiaram-lhe uma mais activa perseguição das auctoridades, e receando que não poderia escapar lhes, conservando-se no paiz, decidiu pela segunda vez abandonar o e tornar para o Brazil. Foi n'este proposito que veio para o Porto, tendo então logar a sua captura.

A vida de José do Telhado é cheia de aventuras e de lances notaveis, devendo ao seu pouco vulgar sangue frio, a sua prompta resolução, e aos inexgotaveis recursos da sua imaginação, escapar a milhares de tentativas empregadas para o capturar. Recebeu muitas descargas a queima-roupa, e só uma vez foi ferido!

A liberalidade de José do Telhado era proverbial entre o povo. Contam se d'elle acções de generosidade pouco commum, e era por isso que o povo baixo, longe de lhe querer mal, o avisava e protegia dos meios empregados para o prender.

A celebridade que ganhou como chefe de salteadores, fez com que se lhe attribuissem todos os grandes roubos que se faziam nos concelhos do Marco, Amariante, Felgueiras, Lousada, etc., sem comtudo haver provas positivas a respeito d'aiguns.

O processo deve ser curioso, e fará vêr até que ponto é verdade ou falso o que se attribue ao Jose do Telhado, que de todo o modo ja não pode desprender o seu nome da triste celebridade que se lhe associara!...

(Escrepto em abril de 1859).

# COSTUMES PORTUGUEZES.



LISBOA — PEDINTE VENDEDEIRA DE CAUTELLAS, aguarella de Roque Gameiro



# A CONFISSÃO

I



USCO-FUSCO a cair e o doente a levantar-se penosamente na cama.

Quando a noite se aproximava, a febre recrudescia, inundando-o de suores frios, fazendo-lhe doer todos os ossos do corpo; pensava então com terror nos horribéis sofrimentos que a noite lhe reservava, a noite que durava um seculo.

Havia dois mezes que a doença o tinha prostrado n'aquelle leito, elle que nunca tivera nada, que fóra sempre escoreito e robusto, com os seus quarenta annos florescentes. Desgraçado! Reduzido agora áquelle estado! Não poder, ao menos, esquecer-se um instante d'aquelle leito de torturas, como se o destino o fizesse expiar todo o seu passado de inalteravel robustez!

Agora, de nada podia tratar, n'aquelle descampado em que se encontrava, ferrado na cama sem poder mecher-se. Como faltava a tudo quanto dependia d'elle! Mas, sobretudo, quantos desesperos intimos o torturavam! N'aquelle longa agonia, a que tristes e obcecantes pensamentos, a que inquietações, a que angustias, elle se entregava! Recommendava-se lhe o mais absoluto socego. Vã prescripção! Ser-lhe hia possivel a tranquillidade no meio de tantos tormentos, quando elle sabia que era tão preciso n'outra parte?

E onde encontrar um confidente dos seus receios? A desventura quizera que elle cahisse doente em pleno verão, quando a moda da villegiatura afugentara todos os seus conhecidos. Apenas alguns dias antes, um seu collega, architecto, fóra vêl o para estudar a situação, para vêr que proveito podia advir-lhe d'aquelle doença de um rival. E depois, tinha partido indifferentemente para os banhos de mar, depois de ter tomado as suas disposições, como se lhe tivesse concedido o tempo de morrer.

Sua mulher! Era a paciencia e a bondade personificada; mas como resolver-se a dizer-lhe o que o torturava? E a preocupação de um segredo, que não podia levar para o tumulto, resolvera-se n'uma idéa fixa, consciente.

Henrique Louvier tinha recaído no travesseiro, com um gesto desesperado, receiando trahir-se com um esforço. Fez signal de querer ficar só com o doutor Dupas, que, n'aquelle dia, o visitava pela terceira vez.

— Doutor, disse-lhe elle, eu sei que a compaixão impede de dizer a verdade aos moribundos... Se eu lhe pedisse de ter commigo a maxima franqueza?... É para mim uma necessidade absoluta! Tenho disposições importantes a tomar, que tenho retardado por ter ainda algumas illusões; mas sinto-me sem forças! É verdade que amo a vida, custa-me muito deixal-a, mas não tenho o direito de pensar só em mim... Vamos... Falemos, como se fala a um homem forte. Em que ponto estou? Qual é realmente o meu estado? Peço-lhe que seja sincero; não tenha medo de me assustar. É preciso, absolutamente preciso, que eu saiba se já não tenho nada a esperar.

O medico hesitou um instante, depois respondeu vagamente:

— Emquanto ha vida, não se deve perder a coragem; tem-se visto doentes piores que o senhor, e...

Mas nos olhos de Henrique Louvier havia tanta firmeza, tanta força, apesar do espanto da morte, que o medico se decidiu a falar.

— Quer realmente saber? disse elle.

— Quero!

308

— Pois bem... Se tens importantes disposições a tomar... é tempo!

II

A noite tinha cahido completamente. Os rumores da rua tinham cessado. Parecia ao doente que a lampada, com a sua luz branda, projectava uma sombra phantastica no quarto, e seguia lhe ansiosamente os caprichosos contornos, vendo n'ella o caminho da morte. Era para elle como um aviso supremo de não demorar aquella confissão, que tanto lhe custava. Uma ultima lucta se travava n'elle. E, no entanto, não via outro caminho! Era a sua mulher, a sua mulher, só, que podia confiar-se!

A senhora Louvier, que não tinha querido ficar muito tempo longe do marido, entrava n'aquelle momento para substituir a enfermeira á cabeceira do doente.

Mudou o docemente de posição, levantando lhe um pouco a cabeça.

— Para que tanto trabalho? murmurou elle... Já não ha salvação possivel. E' preciso ter coragem, minha querida...

— Não digas is o! respondeu a pobre creatura, sem poder reprimir um soluço.

— Senta-te ahí, minha amiga, continuou Louvier, e... falemos pela ultima vez! Quem sabe se esta noite, uma crise suprema me não levará? Quem sabe se verei romper o dia?... E mesmo que viva, não teria mais illusões, porq' e vejo já as trevas que me hão de engulir! E' tarde de mais!... Digamo nos adeus?

A senhora Louvier já não continha as lagrimas; tinha pegado na mão do marido e estreitava a commovida.

— Não fales assim... supplico te.

Tinha sido muito bonita. Perdera já a frescura, mas era ainda graciosa. Henrique Louvier contem plou-a demoradamente. Precisava de decidir-se a confiar-lhe tudo, tudo o que o torturava desde o dia em que tinha cahido doente. Precisava de falar, por mais dolorosa que fosse a confissão.

— Minha amiga, disse elle, tu que sempre me amaste,



Mas não me posso refugiar senão em ti

tu que és a melhor e a mais prudente das mulheres, serás capaz de uma caridade magnifica, do mais generoso perdão que se póde conceder a um moribundo? Oh! se soubesses quanto me custa affligir-te!... Se podesses comprehender, tu que não conheces a complexidade do coração humano, como esta confissão me é particularmente dolorosa, n'este momento em que me sinto perdido para ti, em que um doce reconhecimento me enche o coração!

A senhora Louvier ergueu para o marido um olhar inquieto, enquanto elle proseguia :

— Reflecti muito durante a separação do mundo em que a doença me lançou. Sou um cobarde, fazendo-te soffrer com uma confissão cruel ! Mas não me posso refugiar senão em ti. A não, não os tenho... Ha uma idade em que se não teem senão companheiros e não amigos... E quem, de resto, accetteria um tão grave encargo ?

Louvier arquejava.

— Chegou, portanto, o tempo de te dizer tudo, continuou elle com esforço... Amei-te muito, mas a vida é cheia de contradicções !... Perdôa-me... tenho uma amante e um filho... uma menina de nove annos... Oh ! cala-te, não digas nada ; não teria forças para proseguir... Sim, uma rapariga que seduzi... Como era são e vigoroso, e não esperava que a doença me atacasse tão cedo, não dispuz as minhas coisas... Como terão elles vivido durante a minha doença ? Não posso morrer sem lhes assegurar um bocado de pão... O teu dote está intacto e chega te bem para o resto dos teus dias... Com o que me pertence, estarão elles livres da miseria !... Mas poderei fazer isto ? Morrerei tranquillo ? Oh ! não me condemnes ! Tem piedade !...

A senhora Louvier fez um gesto de desespero, que trahia a lucta que se travava no seu espirito. Havia de annos que o amor de uma outra mulher enchia o coração de seu marido !...

Mas o seu olhar encontrou-se com o do doente, fulgurante e doloroso, em que se concentrava toda a vida, e, mau grado a sua immensa dôr e a sua humilhação, ella compadeceu-se e disse-lhe com um suspiro :

— Sim, prometto t'o ; não lhes ha de faltar nada !...

### III.

A natureza tem recursos que desafiam todas as previsões. Henrique Louvier teve, dias depois, uma crise terrível a que parecia não poderia resistir, mas, á noite, acalmou-se subitamente e adormeceu de um somno que não conhecia ha muito tempo. O doutor Dupas estava maravilhado.

— Mas é extraordinaria esta mudança repentina ! exclamava elle.

Henrique Louvier curou-se, e a sua convalescença foi muito demorada. Tres semanas depois mal podia ainda andar.

Uma inquietação profunda o dominava. Não se atrevia a olhar de frente para sua mulher. Por que fatalidade da sorte tinha feito aquella confissão escusada ?

No entanto, a senhora Louvier continuava a ter a mesma doçura e a mesma terna solicitude. Mas os seus

cabellos loiros e abundantes estavam quasi brancos, e os seus olhos trahiam o pranto que choravam.

Um dia em que ella, mais triste do que nunca, pensando que a saúde do marido o fa afastar de ao pé de si, o ajudava a passear pelo quarto, elle tentou resolutamente enganar-a... Oh ! se uma terna mentira fosse possível !

— Minha querida, disse-lhe elle anciosamente, lem-



Oh ! se uma terna mentira fosse possível !

bras te d'aquella triste confissão que te fiz na noite em que julgava que morria...

A senhora Louvier estremeceu dolorosamente. O ciúme que tentava suffocar, não lhe sahia do coração ; e, no entanto, uma grande piedade, mixta de uma tristeza profunda, por vêr a inutilidade da lucta, invadia a. Era tarde de mais para disputar seu marido a outra, e sob as ruinas do seu amor alguma coisa de natural renascia.

— Ah ! disse ella com evangelica bondade, com o heroico esforço do esquecimento, do perdão, do sacrificio, da resignação á ingratição, como recordar me ? Já me não lembro de nada.

E sublinhando a generosa bondade, de riscar da sua memoria o seu resentimento, se não a sua dôr :

— A tua febre era fortissima... Deliravas n'aquella noite... Deve a gente fazer caso do que um doente diz em delirio ?

Trad.

BOB.

## SERENATA

Descerra tua ventana  
Vem minhas trovas ouvir.  
A. VEIGA.

Guitarra, guitarra amada  
Minha q'rida companheira,  
A tua canção ligeira  
Solta á brisa perfumada !  
Do teu ardente sonhar  
Desperta meu anjo lindo,  
E do meu amor infindo  
Vem as magoas escutar !

A guitarra vae gemendo  
P'lo céu vae fugindo a lua,  
E a bella imagem tua  
Meu coração vae enchendo...  
Não estejas sempre a dormir !  
Desperta anjo ! vem-me ouvir.

Não te fias em estudantes,  
Me disseste, meiga flor !  
Mas, olha que o seu amor  
E' sempre dos mais constantes.  
Ouve, sim, a serenata  
Descerra-me essa janella  
Que a noite está calma e bella,  
Com sua lua de prata.

Rosas da tua roseira  
Perfumam o ambiente...  
Teu coração que não sente  
Ri da paixão verdadeira !  
O estudante que te adora  
Já tem a voz magoada...  
Ai ! Adeus, adeus, amada  
Que já vem surgindo a aurora !...

VIRGILIO DE LUCY,  
309



## ENTRE MORTOS

Esta scmbra callada em que alma se nos lança,  
No medonho cair de todos os affectos  
N'este gelado chão em que não ha len branca ;

Este ruir feroz de gosos predilectos,  
Quando a Aspiração transcende o infinito  
E mil desejos vem ao pensamento inquietos :

Oh ! esta dôr traspassa os peitos de granito,  
E comtudo no pó, na terra escura e fria  
Suffoca a grande angustia o coração afflicto.

E tu, triste suicida, a quem a luz do dia  
Já não fecunda a flôr que n'outros peitos medra,  
Por que tu desfolhaste as flôres da alegria ;

Tu, que encontraste o Ar or frio com uma pedra  
E a Dôr avassa'ando o Ser que vive e chora  
Na terra erma e sombria em que suspira Phedra,

Ah ! dize-me se é este o teu raiair da aurora,  
Este cruel não-ser em que naufraga a vida  
E onde não ha do sol a luz consoladora !

E' esta a aspiração, dize-m'o tu, suicida,  
D'esses grãos de poeira em turbilhões dispersos  
Que se animam á luz n'uma perpetua lida ?

Que mundos aos milhões pelo infinito immersos  
Aspiram de mil soes á clara luz fecunda,  
Correndo pelo espaço em círculos diversos !

Por que a materia aspira a esta luz que inunda  
O coração de amor, o espirito de gosos,  
Abrindo a flôr da Vida ao ar que nos circumda.

Essas formas do ceu de brilhos luminosos  
Que se agrupam no espaço em mysticos lençoes,  
São mundos procurando achar a Vida anciosos.

Luctam eras sem fim com um valor de heroes  
Por que os fecunde a luz, por conceber a Idéa,  
Esporeando os corceis em derredor dos soes.

Elles tem na suprema ardencia que os ateia  
O mesmo amor de mãe, tal qual preconcebido  
Como a virgem que o peito a um vago amor alteia.

Não é eternidade o fim do astro immergido  
No espaço sideral quando scintilla e almeja,  
E' Vida, ideal supremo, acima, acima erguido.

E' essa flor azul que a Creação inveja  
Que faz scismar á noite as pallidas estrellas  
E dá côr palpitante ao ceu, onde viceja,  
E perfuma de amor o seio das donzellas.

(Sob a impressão da noticia do suicidio de Anthero)

Inedito

Quando tiver cessado a luz que tibiamente  
Alumia o meu ser e os ventos outonaes  
Gemam na minha lousa, á noite, tristemente ;

Quando as vozes do oceano e do arvoredo em ais  
Seu cantico dolente erguerem no vasio,  
Na dôr, na grande dôr das coisas naturaes,

Surgirei do silencio ao luar pallido e frio  
E do seio d'este horror, d'este infinito nada,  
Eu erguerei tambem meu cantico sombrio.

E chorarei a vida, essa visão passada,  
O sol que nos deslumbra, o amor que nos inflamma,  
Flores, perfumes, luz e as côres da alvorada.

Lgrimas são de sangue o pranto que derrama  
Quem sobre espinhos vae nas solidões do mundo  
E nada espera já e já a ninguem ama.

Mas assim, infeliz, no intimo, no fundo,  
Recorda um raio de sol que lhe beijou a fronte  
E se abrigou depois no coração profundo.

Ainda vê uma luz fugindo no horisonte,  
Ainda sente pela alma os vôos de um alento,  
Embora nunca mais uma outra luz desponte.

Mas este horror do nada, este aniquilamento  
Dos desejos, do amor, das dôres, da esperanza,  
Céu que não tem um goso, inferno sem tormento ;

# VOLTOU...

(Concluido do numero anterior)

## II

Nos primeiros tempos d'ausencia, receberam frequentes cartas repassadas de affecto e saudade, ás vezes com signaes de lagrimas que ennodavam o papel a ponto de se tornarem inintelligiveis algumas palavras. Porém, passados tres annos, a correspondencia cessou quasi de repente e espalhou-se o boato de que Luiz morrerá, sendo depois isto desmentido por outros dizeres, egualmente sem base. N'estas alternativas, de luto e contentamento, passaram-se os dias longos e as noites infinitas, limitando-se os dois paes a reverem-se no seu passado modesto e feliz, acreditando Miguel na eterna formosura de Luiza e esta no garbo e valentia perpetua de Miguel. Até que um dia chegou esse bom mensageiro, que lhes trouxe os meios para reformarem a moradia e comprarem as terras, e com este facto lhes voltou a esperanza, sempre risonha e carinhosa, de que seu filho havia de chegar em breve. Alem das palavras de bom agouro, que o desconhecido deante d'elles pronunciara, receberam logo após carta de Luiz, em que lhes falava com ternura do possivel regresso e insistia especialmente na velhice tranquilla e abastada que procurava garantir-lhes. Porém, depois d'este promettedor acontecimento, que deu annos de prazer emquanto reedificaram a casa, levantando-lhe um andar; emquanto plantaram videiras e enfeitaram a quinta, com arvores novas e um bello muro em volta; Luiz nunca mais escreveu, estabelecendo-se completo silencio, similhante ao primeiro que parecerá de morte definitiva. Fartou-se o padre Clemente Carvalhosa de lhe escrever sentidas cartas, falando de tudo quanto podia haver de mais amavel e terno no coração: a velhice dos paes, que não poderiam aguentar-se por muitos annos; a commodidade da habitação, que elles tinham arranjado ostentadamente para o receberem; a belleza e transformação dos campos em que elle labutara e brincara quando creança. Até lembrava a recommendação, que Luiz fizera no dia da partida, para não vender a cria da Rus-a: a esse proposito notificava-lhe que, tanto esse animal como a mãe, haviam morrido de velhos, em grande tranquillidade e ventura; mas que na mesma côrte da residencia havia outra egua descendente da segunda, que era a estampa viva das siudosas extinctas. Nenhuma d'estas amoveis e longas dissertações teve resposta, o coração de Luiz tinha-se de certo ressequido, pois já não vivia para tão commoventes memorias. Receberia elle as cartas? Não lhe seriam entregues por ter mudado de terra?!... E' no que assentavam, afastando sempre a hypothese da morte, como ca-tigo cruel e immercedid. Mas ao fim d'um crescido periodo de annos, sem noticias de nenhuma especie, experimentados por muitos e successivos desenganos, atormentados pelos pensamentos negros que traz a velhice, Miguel disse, um dia, em voz sumida, para não assustar a companheira:

— Talvez elle morresse...

Quem sabe?! Ha diversas maneiras de morrer. O corpo póde andar, no mundo, aos solavancos e encontros, e ter desaparecido a vida com a alegria da alma. N'este domingo de março soalheiro, os dois velhos estavam á porta de sua casa, serenos e meditativos, mas conformados; foi o bom cura quem lhes veiu incautamente turvar o coração, recordando-lhes o filho morto, ou eternamente desaparecido, o que para elles valia o mesmo. E quando ambos retomavam a tranquillidade em que estavam antes da chegada do sacerdote, ficando mudos, com os pés extendidos ao sol e a cabeça resguardada para que o calor os não adoecesse, sentiram passos no caminho que bordeja a quinta e viram que um estrangeiro se encaminhava para elles. Quem seria? Era um homem andrajoso, qualquer viajante pobre em caminhadas para longe. O seu aspecto de miseria commovia... Trazia as botas cambadas, a camisa suja, as calças roidas; n'um saquito enfiado n'um pau, ás costas, levava toda a sua riqueza. Que ar esmorecido e doente! que longa barba mal tratada! como vinha dorido dos pés! Ao approximar-se da cancella, que dava ingresso no quinteiro, pa-

rou saudando com o chapéu esburacado. Miguel, com vista mais fraca do que Luiza, perguntou a esta:

— Quem é?

O recémchegado é que respondeu em voz de cançado:

— Um pobre viandante que pede uma sede d'agua. Dão-m'a senhores?

A velha disse com expressão de carinho:

— Entre, faz favor?... Quanta agua quizer!...

Não mostrou medo, nem repellença, nem suspeitas d'aquelle homem roto, que podia ser um ladrão assassino. Foi ella mesma que veiu levantar a caravelha da cancella, para que elle entrasse, pois via-o sem forças para tão nouco... Conhecía-se que estava enfraquecido pela fome e pela longa jornada. Quem seria este misero de aspecto tão soffredor? Algum l'esses infelizes que vivem afastados durante muitos annos de todas as affeições e carinhos, e voltam ao seu lar depois de longa e dolorosa penitencia. O recém-vindo sentou-se n'uma toca pedra que estava perto de Miguel, pousando ao lado o pobre saquito, que era a sua riqueza. O penoso suspiro que do peito lhe sahiu ao repousar, condensava, de certo, uma vida aspera de soffrimento e exprimia talvez o desejo d'um periodo de descanso, ainda que fosse na sepultura. Quando Luiza veiu de dentro de casa, com a malga branca de jaspe, cheia d'agua limpida e fresca, elle tomou-a nas duas mãos, emborcou-a com satisfação, tendo no fim de beber um respirar de saciedade. Os seus olhos amortecidos pela desgraça, tiveram brilho carinhoso e contente ao restituir a malga. Agradeceu este favor com um sentimento que lhe veiu do fundo d'alma:

— Deus lh'o pague! — disse.

Conservou-se silencioso durante muito tempo, a cabeça curvada para o peito, como um vagabundo que na alma procurasse o seu destino. Os dois velhos contemplavam-no compadecidos: nos seus corações amoveis e bons apparecera um sentimento de infinda piedade. Não tinham elles tambem um filho, que assim andava perdido no mundo, vagueando por longes terras? O bem que elles, a este desconhecido, podessem fazer, outrem, no ponto distante onde estivesse Luiz, o retribuiria, soccorrendo o se elle nece-sitasse. Com o instincto dos que são captivos do infortunio alheio, advinhavam que junto d'elles estava um infeliz precocemente avelhentado. Não procuravam, com perguntas desnecessarias, perturbar-lhe a paz que elle parecia ter encontrado sentando-se n'aquelle pedra, a olhar meditativamente o chão do quinteiro. Advinhavam-lhe, pelo aspecto, soffrimento que na sua vida obscura e modesta, elles nunca tinham sentido. Por esse mundo fóra, as desgraças engrossam, ás vezes, tão rapidamente, como o ribeiro que passa no fundo da aldeia, quando recebe as torrentes pluvias, vindas a roncar pelas encostas e pelos caminhos. Que significaria o silencio dolorido d'este desgraçado, que nos restos do seu vestuario deixava perceber signaes de que no mundo tinha sido alguma coisa mais do que aquilo que ora apparentava?!...

O viandante levantou lentamente a cabeça. Primeiro fixou a vista agradecida, amavel e sem reservas nos que lhe tinham morto o sêde. Apesar da estranheza d'aquelle semblante, não causou a impressão, aos dois velhos, de que fosse o de algum doido que andasse desgarrado pelos caminhos da aldeia. O seu olhar era absorto, mas tranquillo e bondoso. Ainda que era um estranho, não lhes causava receio, nem pavor. Ao contrario: do imo da sua sensibilidade subia-lhes, a favor do misero, um formoso grito de benevolencia e compaixão. Aquella testa sulcada pela desventura, o rosto macerado pela desgraça, dizia alguma coisa de pacifico e sublime, como a luz sahindo de entre nuvens caliginosas no meio de rude tempestade. Os dois septuagenarios reconheciam que a apparição d'este infortunio estava tomando sympathico logar na sua pacifica existencia... «O desconhecido, — pensavam — ainda que em qualquer tempo de sua vida, tenha sido mau e perverso, agora só parecerse desventurado.» Isto originava-lhes no seio a mesma piedade que sentiriam se áquella casa se viesse recolher um lobo ferido,

ou mesmo, se um abutre lhes cahisse exanime junto da capoeira de que fôra o flagello. Esses animaes, tantas vezes escorraçados com alaridos de colera, teriam elles animo de os acabar, quando os reconhecessem indefezos e supplicantes nas vascas da morte?! Não: o findar da vida merece sempre compaixão; a desgraça redime de todas as culpas perante os corações bons e sensiveis.

Mas este desventurado não era perigoso e não poderia nunca ter sido perverso: tamanha era a unção maguada e soffredora que exprimia o seu rosto retalhado pelas rugas, o seu olhar extinto pela longa miseria! Havia n'elle tanta meiguice e affecto que só lhes provocava misericordia e caridade. Se o pedisse não lhe recusariam agasalho em sua casa. Que valia um logar junto da lareira, uma manta para cobrir os lassos membros sobre um pouco de colmo, uma tigella de caldo para aconchegar e fortalecer o estomago? De mais tinham elles, sem pessoa a quem o legassem. Uma obra de misericordia,

suggestionados por aquelle todo de bondade e infortunio, houve um instante em que na mente lhes passaram receios, julgando-se agora na presença d'um louco. Pois que significaria esta mudez, quasi familiar, da parte de quem alli entrara sob pretexto de pedir uma sêde d'agua? Não se atreviam a interrogal o, pois grande é a timidez da decrepitude. Annos antes já tudo estaria aclarado: Miguel sempre fôra homem de grande desembaraço. Agora, porém, a idade e o corpo paralytico influíam no acanhamento do animo. Os septuagenarios entreolharam-se, volvendo, depois, ambos a vista para o peregrino ao qual Luiza disse:

— Parece gostar muito d'este sitio...

— Oh! muito! — exclamou. Tudo isto lhes pertence?

Circumdou o olhar em volta, extendendo a vista até ao pinhal que se erguia n'uma ligeira collina.

— Em quanto Deus quizer — respondeu Miguel. E vocemecê d'onde é? para onde vae?

O desconhecido teve no rosto uma ex-



... ella tomou-a nas duas mãos... (pag. 311, 2.ª col.)

offerecida por intenção d'aquelle que lhes dera o bem estar de que gosavam, era acto meritorio que lhes consolava o espirito e teria certo apreço perante Deus. Uma voz interior affirmava-lhes que alli estava um infeliz digno de piedade: e sem muito saberem porque, ia-lhes despertando sympathia o sorriso lento que na sua expressão se abria, á maneira que contemplava os dois velhos, que examinava a casa toda caiada de fresco, a latada que cobria o quinteiro, e o saudavel aspecto dos campos da propriedade em redôr. A horta, alli mesmo ao lado, estava opulenta de couves e grellos; as borbulhas das videiras principiavam a engrossar; a temperatura era tepida e carinhosa; o misero parecia respirar n'este ar felicidade nova e paradisiaca. Semelhava um cego, desde muito privado do gozo da vista, que readquirindo a de surpresa, entrasse gradualmente n'um periodo de entusiasmo lento; ou então, o homem que recolhido, por longos annos, em lugubre masmorra, fosse restituído á liberdade e á luz durante um sonho, achando-se incredulo pela ventura reconquistada.

Este silencio demorado, e o demorado exame que o estranho estava fazendo de tudo quanto em volta se via, principiava a enredar em pensamentos vagos Luiza e Miguel. Haviam sido primeiro os olhos do corpo que passearam em volta; mas depois, uma alegria crescente, fôra-lhe desabrochando no rosto escalavrado, a custo, como desabrocha a bonita em terreno duro. Os velhos, apesar de

pressão de infinita paz e tranquillidade, que não deu idéa clara do seu pensar e destino. Sorria ligeiramente, com a incomparavel doçura d'uma creança a sonhar. Olhou os dois como se ôlham amigos, e Miguel, animado por esta expressão confortativa, ponderou:

— Sim; porque vocemecê ha de ter por força uma terra...

— Tenho, tenho uma terra...

E ficou attento para o chão inculto do quinteiro, como se sentisse difficuldade em designar o ponto do globo, onde essa terra se talhava.

Recahiou no silencio carinhoso que até alli conservara, mas com rosto tão aberto em bondade que, de todo deixou de causar receios. Examinou a limpeza da casa em que os velhos moravam, e pensou na conformidade de existencia que alli se havia de passar. Reinava, decerto, n'aquelles entes, a feliz paz da consciencia; desconheciam as perturbações agitadas da vida das cidades. Não pensavam em alardes, nem tinham ambições: talvez durante todos os seus annos, nem uma só noite tivessem abandonado aquella ditosa morada. Quem sabe o que o estrangeiro estaria calculando na sua mente, que pensamentos de felicidade o estariam a encantar!... Talvez, depois de vida desventurosa, viesse encontrar n'aquelle quadro simples o primeiro refrigerio para as suas dores, a primeira idéa clara do que é a ventura. Os pacificos septuagenarios, pareciam comprehender, que o seu viver ditoso estava re-

confortando a alma do misero que tinham na sua presença. Além de não ser rasoavel negarem-lhe um tal balsamo, encantava-os que assim fosse. Por isso, orgulhosos da sua modestia, deixavam que o homem andrajoso tudo apreciasse, sorridente e sem inveja. A casa juncto da qual se encontravam tinha aspecto de nova, as janellas com vidraças viam sobre a latada do quinteiro, o alpendre, debaixo da varanda deitava para o lado do caminho, uma escada exterior mostrava ingresso ao andar de cima — accrescente feito para a chegada de Luiz, se a Deus prouvera, guial-o um dia para alli. Como fossem inimigos de grandezas, apesar da casa assim reformada, nunca abandonaram a parte terrea conservando ahi a sua moradia. A cosinha á porta da qual estavam, era a mesma em que viveram com os filhos; ao fundo havia o quarto soalhado em que dormiam agora, como sempre. As transformações n'este pavimento consistiam em que o que d'antes fôra córte de gado servia agora para adega, salgadeira e casa de recolher a lenha no inverno. Ao fundo d'um telheiro, armado cá fóra, é que guardavam as duas juntas de nedios bois, os mais bellos do logar. O

tar! Se tal felicidade lhes fosse dado gozarem ainda morreriam contentes, não duvidando de que iriam direitinhos para o ceu!

O descanso sobre a pedra tosca; o sabor da agua com que o tinham alliviado da sede do caminho; o banho de luz e silencio em que todo o seu ser se mergulhara durante longos minutos; e principalmente a ventura que adinhava na existencia tranquilla d'aquelles casados de tantos annos, haviam transformado em pouco tempo o aspecto do infeliz. Sorvia deleitado o ar que aqui se respirava, sorriam lhe os olhos na contemplação d'esta paisagem carinhosa e melancolica, dasfaziam-se-lhe as rugas da face ao renascer-lhe na alma a alegria que, decerto, n'elle se finara havia muito. Como Miguel o visse mais tractavel e familiar no aspecto, ponderou:

— Vocemecê estava tão moído, que decerto vem de muitissimo longe.

— Oh! de muitissimo longe!... — repetiu o forasteiro com accento de grande amargura.

— Talvez d'essa Lisboa!... — entendeu o paralytico.

— Muito mais para lá!..



— Seu filho está aqui... (pag. 314, 2.ª col.)

chiqueiro do porco e a capoeira das gallinhas ficavam encostados ao muro, rente com a casa. Tudo designava certo bem estar, conforto, e até opulencia, dentro da modestia de camponeses.

Para onde iria o infeliz, que alli tinham deante dos olhos não o adivinhavam, visto que elle não quizera dizer; mas o que sentiam, com a intuição das almas simples, pouco habituadas a luctas, é que sendo a sua figura, quando o viram entrar a cancella, a d'um infeliz retorcido pela miseria, agora, ao fim de pouco tempo, e depois de reconfortado na contemplação de todas aquellas coisas bem arranjadas, parecia mais alliviado do soffrimento que lhe alquebrava o corpo e a alma. Era outro, tinhalle feito bem o repouso sobre a tosca pedra, refrigerara-o a malga de agua limpida, consolara-o o aspecto feliz dos velhos que estavam ao sol, esperando, n'este santo domingo, a hora do parcimonioso jantar. Parcimonioso, apesar de na panella haver carne e salpicão, que elles ambos comeriam regalados, agradecendo a Deus tamanho beneficio na velhice. Ao quinteiro chegava o suave odor do caldo gordo e fumegante, e não tardaria que Luiza se levantasse para ir á adega buscar o excellente vinho, para o beber de parceria com o seu homem e pelo bico da mesma infusa. Como elles seriam felizes, se n'esse bello e glorioso dia podessem compartilhar com o seu Luiz, que uma vcz intima lhes dizia viver, este bom jan-

E fez um gesto largo, d'uma amplidão infinita, acompanhando o com um olhar que fôra até aos confins do mundo.

— Do Brazil? — indagou Luiza com ancia e soffreguidão no rosto inquieto.

Um simples aceno affirmativo de cabeça, deu resposta á pergunta. E logo os rostos dos dois septuagenarios se alegraram, como se em crepusculo matinal vissem surgir d'entre as penedias o sol nascente. Ao mesmo tempo tiveram identica lembrança. «Quem sabe se este desconhecido nos poderá dar noticias do nosso Luiz?!...» Porém antes de o inquirirem, sustiveram-se n'este pensamento triste: «Como se pode voltar do paiz do ouro, da opulencia e da ventura, assim pobre, mal trajado e n'um aspecto tão miseravel e desvalido!» E Luiza, compadecida, considerou com as lagrimas a rebentarem-lhe:

— Então é que não foi feliz, por lá... Nem todos o podem ser.

— Nem todos... nem todos... — disse o estrangeiro, apparecendo-lhe no rosto um fulgor de alegria velada por amargura.

— E conheceria por lá o nosso filho?... — perguntou a velha.

— O seu filho! Tem um filho no Brazil? — indagou, o mal trajado, n'uma voz que se esforçava por ser corajosa e serena.

— Temos — esclareceu Miguel inclinando se para o interlocutor. Chama-se Luiz da Silva; mas lá puzeram-lhe o nome de Luiz da Tóca, por ser o nome d'este logar em que nasceu. Foi e nunca mais voltou — concluiu o velho por sua vez com os olhos rasos d'agua.

Um rubor de incendio subiu á face do desconhecido, que com fingido esforço, como de quem se recorda disse:

— Luiz da Tóca... Luiz da Tóca... Lembro-me muito bem; vivi muito com elle, e somos amigos.

No primeiro momento, os velhos quasi se julgaram ludibriados com esta resposta: tão grande era a inverosimilhança do que escutavam! Pois não haviam dado resultado as instantes e repetidas diligencias do cura Carvalhosa, para descobrir o paradeiro de Luiz, e o acaso trazia-lhes ao pé da porta uma testemunha que em tudo os podia esclarecer! Porém, a crença de seus corações n'uma Suprema Vontade, providencial e divina, era forte, e não duvidaram de que Deus e os santos e santas com quem se tinham apegado, pudéssem mais do que o virtuoso sacerdote. O accento de sinceridade com que aquellas palavras foram d'ellas, a expressão de bondade e espontanea satisfação do rosto do homem que tinham deante d'elles, excluíam a possibilidade de qualquer ignobil mentira. O velho Miguel, apesar de meio paralytico, logo se aborou ao seu pai, para erguer o corpo doente, com a energia dos antigos tempos; porém a commoção tornou-lhe insufficiente o esforço. Mesmo sentado ainda pode dizer:

— Pois, o senhor, é que já não sae d'esta casa. Se conhece o Luiz, se é seu amigo, fica aqui connosco para nos ajudar a saber d'elle e a encontral-o.

Luiza, apesar de a lingua se lhe recusar a exprimir tudo quanto lhe ia na alma, attonita como estava, perguntou em voz tremula:

— Em que terra encontrou vocemecê o nosso filho? Sabe onde estará agora?

O estranho não respondeu logo. A sua phisionomia denunciava excepcional perturbação de contentamento, que os velhos não podiam apreciar por causa da nevoa de lagrimas que tinham nos olhos. Approximando-se, porém, dos dois, que uniu no mesmo abraço, disse soluçante:

— Seu filho está aqui, meus queridos paes!...

E passada que foi a primeira onda de alegria accrescentou:

— Mas venho muito pobre! Só posso estes farrapos que me cobrem. Se soubessem quanto tenho soffrido!

— Pobre! — bradou Miguel com a sua antiga energia, sahindo-lhe a voz do peito, como o ronco d'um trovão do interior d'uma montanha. Então de quem é tudo quanto aqui temos? Não fostes tu que o ganhastes, homem!?

E n'um gesto do seu braço revigorado pelo acontecimento, mostrava a riqueza que havia: a casa afidalgada, a horta abundante, os campos relvados que se extendiam para além, as videiras em promessas de rebentação, e o bello muro que circumdava a quinta todo caído de novo.

Luiza, voltando os olhos ao ceu, pronunciou com as lagrimas a correrem-lhe em fio:

— Nossa Senhora do Amparo ouviu as minhas rezas. Já podemos morrer em paz.

11 de maio de 1897.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

Errata do numero anterior: pag. 299, 1.ª columna, linhas 9 e 10 onde se lê *sessenta* annos deve ler-se *cincoenta* annos.



## O Amor e o Tempo

O Tempo, um pobre velho affeito a caminhar,  
Pois que a vida levava a viajar sem tréguas,  
Depois de andar um dia uma porção de léguas,  
Chegou junto de um rio, — e não pôde passar.

Rompeu o velho então em lastimosos ais,  
E, ao ver-se allí tão só na ignota ribanceira,  
Conheceu a bradar para a margem fronteira:  
— Vinde *passar o Tempo*, ó vós que me escutaeis!

De donzellas gentis um grupo encantador,  
Que esta supplica ouviu lá na praia distante,  
Propunha-se ir buscar o velho caminhante  
N'um dourado batel guiado pelo Amôr.

— Eu, diz uma, não vou; cá ficarei a sós,  
Pois receio associar-me a esse plano ousado...  
Quantas donzellas sei, que têm naufragado,  
Por quererem *passar o Tempo*, como vos!

Todas tiveram medo... E só o Amôr, audaz,  
Salta para o batei, cheio de confiança,  
E rema com vigor, até que emfim alcança  
A solitaria plaga, aonde o Tempo jaz.

Na barca o faz entrar, e, sem nada temer,  
Sempre o remo na mão, colhidas sempre as vélas,  
— Vêde, exclamava elle, ó timidas donzellas,  
Como o Amor faz *passar o Tempo* — com prazer!

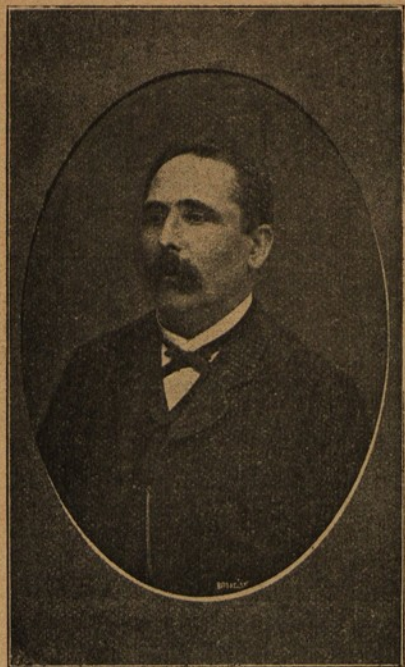
Mas eis que de repente, — á tradição fiel,  
Cançou e adormeceu! (Foi sempre o seu defeito...) )  
O Tempo empunha então o remo, e, satisfeito,  
Ao porto faz chegar o impavido batel.

E emquanto ia avançando o velho remador,  
Junto ao joven piloto, extenuado e dormente,  
Ia cantarolando philosophicamente:  
— E' o Tempo afinal que faz passar o Amor!

(Imit.)

A. XAVIER DE S. CORDEIRO.

# Dr. Francisco Antonio Marques de Moura



A RECENTE restauração dos concelhos surprimidos em 1895, entre os quaes se conta o de Ilhavo, dá-nos ensejo para n'este logar prestarmos justa e merecida homenagem — se bem que extremamente modesta — ao cavalheiro distincto e por tantos motivos illustre cujo nome encima estas linhas.

E não se tome á conta de lisonja o pouco que d'elle dissermos enaltecendo-lhe os serviços e o acrisolado affecto que dispensa á terra que adoptou.

Nem mesmo a muita e sincera ainsade que sua ex.<sup>a</sup> nos dispensa guiará a pena inhabil de quem firma este escripto. Não.

De hontem que nós conhecemos o dr. Marques de Moura, o nosso respeito e admiração por elle seria o mesmo em face do grande e inolvidavel serviço que acaba de prestar a Ilhavo.

E' o desejo de bem publicamente testemunharmos o nosso eterno agradecimento que nos leva a archivarmos nas paginas d'este brilhante semanario o nosso preito mais sincero e fervoroso.

Porque, diga-se com toda a verdade; se não fôra a fé inquebrantavel do dr. Marques de Moura, o seu talento fecundo e abalisado criterio, bem como o inexcedivel amor por esta terra que hoje o considera como um dos seus filhos mais illustres, por certo o bom resultado colhido n'esta lucta em que se jogavam as regalias d'um povo honrado e trabalhador, seria duplamente custosa. E a razão está em que eu não vi filho algum d'Ilhavo, dos muitos e distinctos que possui, mostrar mais ardente desejo e desenvolver mais força de vontade e somma de trabalho physico e intellectual n'esta questão, do que o dr. Marques de Moura. Relevem-nos a rude franqueza, que não mira amesquinhar os serviços d'outrem. No emtanto, a verdade é esta e por todos reconhecida.

Por tal motivo o seu esforço torna-se a nossos olhos mais admirativo, e a nossa veneração pelo seu nome honrado toma proporções incommensuraveis.

\* \* \*

Não teem presumpções a biographia perfeita e completa estas singelas e desprezenciosas linhas. Falta-nos para

isso a competencia, os dados, apontamentos e datas que só sua ex.<sup>a</sup> nos poderia fornecer. Mas, é tal a modestia que exorna o seu caracter impolluto e do mais fino quilate, que, o receio de melindral-o, nos cohibiu de lh'os pedirmos.

No emtanto, ahi vão alguns dados illucidativos.

O dr. Francisco Antonio Marques de Moura nasceu em Aveiro, sendo seus paes Antonio Homem de Moura, pharmaceutico respeitabilissimo, e D. Maria Candida.

Desejando seguir a profissão de seu pae, cursou a escola medica do Porto, obtendo o diploma de pharmaceutico de primeira classe.

Mais tarde resolveu abraçar a carreira medica, pelo que frequentou novamente a escola, formando-se aos 24 annos d'idade e seguindo logo para Ilhavo como clinico municipal. Ainda estudante consorciou-se com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Annuniação da Maia, virtuosa senhora ha poucos annos fallecida.

Apenas em Ilhavo, o dr. Marques de Moura, pela lhanza e affabilidade do seu fino tracto tornou se estimado por todos.

Durante o impedimento d'um dos professores do lyceu d'Aveiro, foi encarregado da regencia da cadeira de introdução á historia natural, onde se evidenciou um professor erudito.

Foi, tambem, durante alguns annos inspector das escolas do districto d'Aveiro, deixando bem elaborados relatorios dos exames a que procedeu.

Desempenhou ainda outros cargos, em cujo exercicio de funções foi sempre d'uma escrupulosa rectidão e assiduidade.

Mas, por certo, onde mais evidenciou o seu raro talento e prodigioso saber foi desempenhando os arduos serviços clinicos.

E, por tal forma o dr. Marques de Moura se elevou pelos seus proprios merecimentos no conceito publico, que hoje é — affirmamos sem receio de contestação — a individualidade mais proeminente de Ilhavo.

O dr. Marques de Moura é para tudo e por todos consultado e o seu nome figura em primeiro logar sempre que se trata de qualquer esforço ou empreendimento local.

Como presidente do *Club ilhavense*, *Bombeiros voluntarios* e *Associação de beneficencia*, tem prestado relevantes serviços e sido, por assim dizer, a alma de tudo aquillo. O caracter de respeitabilidade que lhes imprime; o acerto e tino com que as encaminha e dirige, bem como o modo placido, regular e methodico com que guia as discussões, são a prova mais evidente do seu muito saber e da grandeza do seu nome laureado.

Até mesmo nas questões pessoases, reconciliações de amigos despeitados e familias desavindas, o dr. Marques de Moura é procurado como ultimo recurso a que ninguem resiste.

Nas palestras intimas, e em todas as conversações, o seu espirito culto e memoria prodigiosa põem se em fóco pelos bons ditos e citações sempre opportunos, relatados com um inexcedivel bom humor e scintillação de genio.

A' cabeceira do doente em perigo, é admiravel pelo modo como alenta e incute animo nos espiritos os mais fiacos para reagirem com o mal.

D'ahi a sua popularidade e o affecto que todos lhe consagram.

Eis em traços ligeiros o que é o dr. Francisco Antonio Marques de Moura. Como clinico, abalisado e douto; como professor, proficiente e affavel; como funcionario, austero e digno; como homem, bondoso, honrado e querido.

Do que é o amigo não falarei, para que as minhas palavras não se julguem apaixonadas...

Ilhavo.

DINIZ GOMES.



# VIAGENS NO PAIZ

(XXXI)

## VIZEU

**A**SSIM como a pluralidade dos antigos povoados, a cidade de Vizeu (que teve origem n'uma colonia militar romana) está assente nas vertentes d'um monte. E a rasão, é sabido, cómo está

A cidade antiga, a que está agglomerada a dentro das muralhas de D. Affonso V, de que restam ainda duas portas ogivaes curiosissimas (uma d'ellas representada na nossa estampa), tem um ar medieval: praças acanhadas e irre-



em serem aquellas posições escolhidas para a defeza nas guerras antigas.

Coroando a eminencia do monte, lá está, á similhaça do burgo portuense, o granito escuro da cathedral e do antigo paço do bispo, parecendo bradar-nos ainda auctoritariamente, como na religiosa edade media: Estes que me rodeiam e vivem á minha sombra, são os filhos espirituaes d'esta egreja, as ovelhas d'este redil; em nome de Deus os guardamos e contra a sua vontade omnipotente não prevalecerá o poder dos homens.

316

gulares, ruas estreitas e tortuosas, sombrias e emmaranhadas, casas no antigo estylo urbano portuguez, de largos balcões, e algumas com janellas geminadas de elegantissimas columnas ao meio. A parte nova, todavia, (Rua Formosa, Rocio, Rua Serpa Pinto, Avenida Navarro, etc.) é desafogada e clara.

No seu conjuncto toda a cidade é muito movimentada, quer pela numerosa população propria, quer pela das amiudadas freguezias, aldeias, logares e casaes que salpicam a região em volta; lavradeiras e tricanas, cachopas d'uma



A CIDADE DE VIZEU

carnação forte e sadia, naturalmente alegres, como ainda assim os homens, embora menos.

Nem podia ser-se concentrado e solumbatico em natureza tão aberta e viva, tão pujante e pittoresca. O arvoredo n'aquelle solo abençoado attinge proporções formidaveis; castanheiros e sobreiros, freixos e carvalhos seculares, encontram-se frequentemente; as aldeias, na sua maioria, teem junto um souto de castanheiros que lhes serve de logradouro publico; a poucos passos da cidade, a alea d'arvores tricentenarias da avenida de Fontello (actual residencia episcopal) impõe-se nos; e as matas de Fontello, de S. Miguel do Fetal e do extinto convento de Maçorim (quartel do 14), todas tres adjacentes á cidade, são pela sua frondosidade, sombra e frescura de verão, preciosidades naturaes creadas em annos e annos successivos e por isso do mais alto valor estimativo.

Não haverá entre aquellas gentes a religião das grandes arvores, como nos povos do norte da Europa, mas ha com certeza o respeito pela arvore.

Cêrca d'uma legoa em torno da cidade o solo é agricultado, e o valle do Pavia está aproveitado em cultura horticola que abastece o mercado. A razão da feracidade d'este terreno está na camada d'agua do sub-solo, em parte aguas pluviaes represadas pelo granito. Em todas as quintas e hortas os poços, com os seus engenhos, estão distribuidos de modo a irrigar a terra, quando a sécca o exige, levando-lhe com a agua a vida.

Lá ao largo, em grande circuito, cerra-se o verde bronze dos pinhaes.

\*

As duas estampas parciaes são: uma, como já dissemos, do vão d'uma porta antiga da ci-



dade, e a outra, representa-nos parte do passeio publico estabelecido sobre uma das faces da cava de Viriato, passeio o mais desafogado e fresco que tem Vizeu, pitorescamente ensombrado d'arvores frondosas e perennemente verdejantes, mas pouco frequentado em rasão da distancia e da subida na volta á cidade.

## IGNOTA DEA

De teus olhos a languida volata  
Acompanha d'um tom mysterioso  
A tua voz suavissima de prata,  
E o teu doce perfil religioso.

Se uma luz branda e meiga se desata  
Do teu vulto franzino, vaporoso,  
Nossas almas tranquillias arrebatá,  
— Anjorinhas n'um vôo rumoroso.

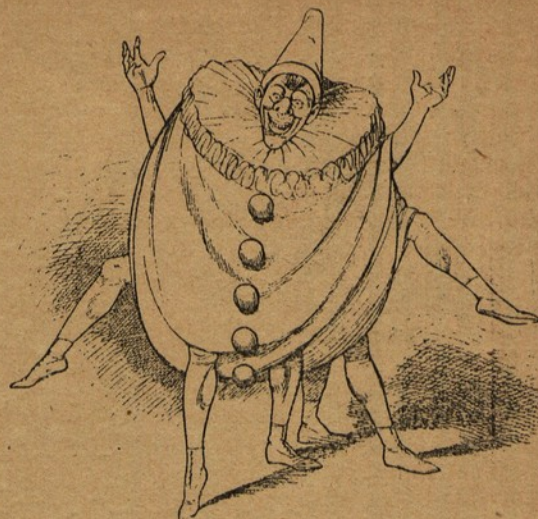
E eu procuro-te, e vejo-te, e contemplo,  
Em torno a ti, a immensa paz de um templo,  
Onde as santas, severas, medievaes,

Vão á noite, sombrias, suspirando,  
Atravez das abobadas buscando  
O clarão das estrellas immortaes...

# UMA PARTIDA DE TRÊS CLOWNS



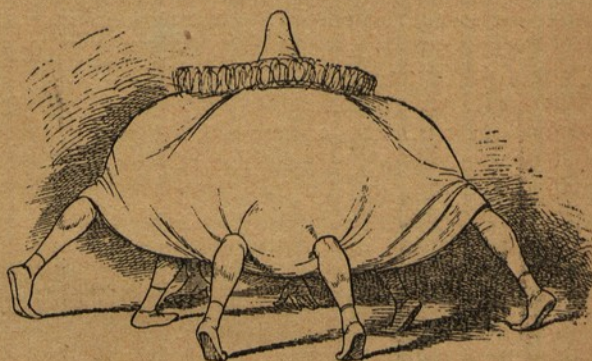
1



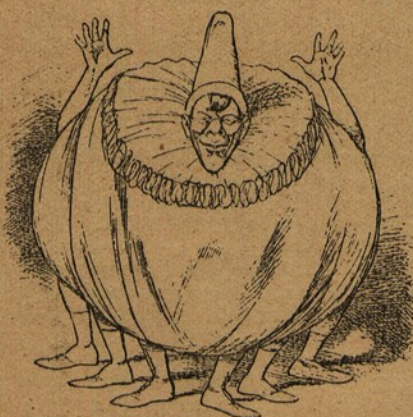
2



3



4

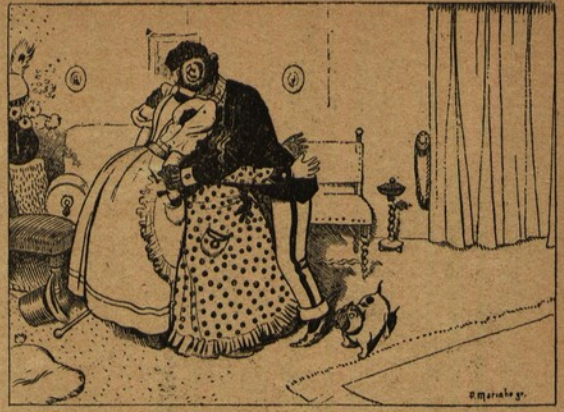
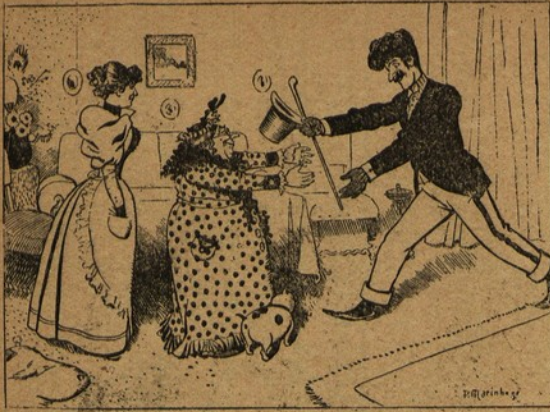


5



6

# UNS COMEM OS FIGOS...



## COISAS ALEGRES

As manhas e arteirices politicas de Rodrigo da Fonseca ficaram celebres. E' conhecida de todos a resposta que elle deu a um amigo que o aconselhava a *comprar*, para o seu partido, um politico bastante talentoso mas venal, que se propunha a deputado da opposição.

— Não hade ser já (observou-lhe). Casas e deputados, é compral-os depois de feitos. Sae mais barato.

\*

Aquellas manhas e arteirices, valeram-lhe o cognome de *Raposa velha*, por que era conhecido.

Certo dia, para poder conferenciar em socego, no seu gabinete de ministro, com uns partidarios, ordenou ao continuo que não deixasse entrar ninguem, fosse quem fosse. A meio da conferencia, ouve-se um forte barulho no corredor. Rodrigo, incommodado por aquelle accidente, toca a campainha Vem o continuo.

— Que barulho é esse?! (pergunta Rodrigo):

— Saiba v. ex.<sup>a</sup>, que é um senhor que ateima que ha de entrar no gabinete, porque v. ex.<sup>a</sup> lhe prometteu ouvil o hoje.

— Como se chama?

— Diz chamar-se Raposo.

— Ah! E' natural. Diga-lhe que já lhe falo (E virando-se para os companheiros) E' o raposo que procura a raposa.

\*

Certo figurão, entrando lhe em casa de uma vez sem

prevenção, encontra Rodrigo, em mangas de camisa, a engraxar as botas.

— Ora essa! Vossa excellencia!! (exclamava de pasmo o figurão). Essa é que eu não esperava! Vossa excellencia mesma a engraxar as botas!...

— Nunca engraxou nenhuma? (perguntou lhe Rodrigo, sorrindo se para elle com toda a sua malicia ironica, cheia d'intenção)... Hein? Nenhuma?...

\*

A um deputado que costumava seccal-o nos corredores da camara, agarrando o pelo fato, puxando-lhe pelos botões, a falar lhe sempre no Palmerston, retorquiria elle n'uma occasião:

— O meu amigo, não admira mais o Palmerston do que eu. Basta aquelle sublime pensamento d'elle...

— Qual pensamento?

— De que nunca devemos agarrar outrem pelos botões do casaco, para o obrigar a ouvir-nos; e que, em as pessoas não estando dispostas a isso, o melhor que a gente tem a fazer é calar-se.

\*

Vossa excellencia, vem agora do conselho d'estado! (perguntaram-lhe):

— Venho.

— O que se passou?

— Passaram-se duas horas, retorquiu o ministro.

H.

A prima de Isabel é a melhor amiga  
Das que Isabel diz ter, e das que mais adora.  
O mesmo não se dá co' um primo lá de fóra  
Que veio á capital por coisas de Loriga.

Isabel acha-o feio, e bruto de uma figa,  
Trigueiro, sujo, torto, e até de riso chora  
Quando attenta de vez na calça côr de amora,  
Estreita no sapato e larga na barriga.

Mas Isabel por elle aguenta enorme abalo,  
Quebra o peito á janella, ou faz que limpa o choro,  
E estuda o *Secretario* á venda no Bordallo.

Ora é que o primo tem o enorme desaforo  
De dar, sem permissão da amiga da quem falo,  
A' prima de Isabel dois dedos de namoro!

O coronel Leão esteve na Terceira,  
Tem seis ballas no corpo e duas contuões;  
Mas o major Cordeiro — o meu compadre — á beira  
Está de uma parada é trinta procissões.

Oito contra trinta e um não é de brincadeira;  
E um dia o coronel vaé aos cirurgiões  
Por ordem do ministro, e a Junta, justiceira,  
O manda reformar por causa das lesões.

Ora o Leão é rijo, honrado, e inda consegue  
Com a força do corpo, e a da alma, que é maior,  
Que pelas coisas da arte inda ninguem lhe pegue.

Queixou-se... enfureceu-se... e cada vez peor...  
Pateta, injusto e mau! pois haverá quem negue  
Que tinha uma lesão!... na manga do major?

CLAUDIO NUNES.

# SECÇÃO RECREATIVA

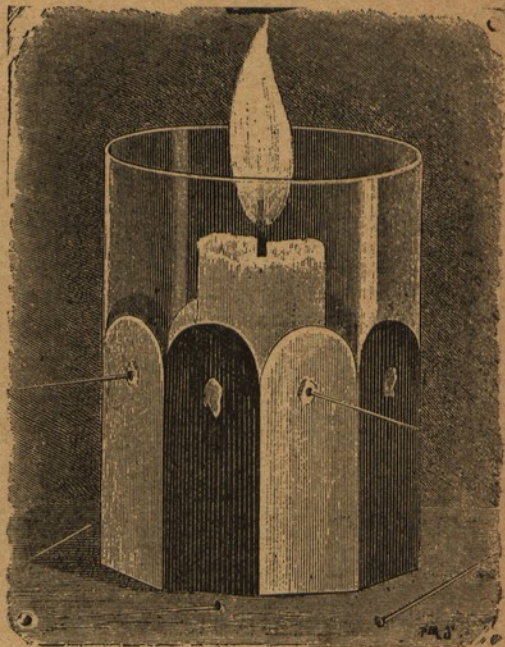
## PODER ABSORVENTE DOS CORPOS PELO CALOR

Porque usamos nós fatos pretos de inverno e brancos de verão? Porque a cor branca tem um fraco poder absorvente do calor, isto é, penetra até nós menos calor quando estamos vestidos de branco do que quando andamos vestidos de preto.

Dir-me hão talvez que a natureza errou, pois, vestindo de branco o urso das regiões polares. Responder lhes-hei que essa cor é, pelo contrario, admiravelmente escolhida, pois que o calor, atravessando mais difficilmente a cor branca, o pello do urso branco oppõe-se mais ao desperdicio de calor do seu corpo.

Podem ser feitas muitas experiencias, demonstrando que o calor atravessa mais facilmente a cor preta que a cor branca. A que apresentarei hoje parece-me conclusente.

Pegue-se n'um calix de licor cylindrico, ou melhor ainda, cannellado; pintem-se no interior riscas verticaes alternadamente brancas e pretas; por exemplo com gesso desfeito em agua, d'uma parte, e, da outra, tinta da China ou tinta ordinaria. Supponhamos que o vicro tem oito riscas, 4 brancas e 4 pretas. Aqueça-se á chamma de uma véla a cabeça de um alfinete delgado e curto que se segurará pela ponta, mergulhe-se essa cabeça na véla de maneira a cercal a de um pouco de stearina derretida, ou melhor ainda de perafina, se se tiver escolhido uma véla translucida; e, com o copo horisontalmente, e o alfinete vertical, de cabeça para baixo; colle-se essa cabeça a uma das riscas. Quando a stearina tiver arrefecido, o alfinete conservar-se-ha horisontalmente se se collocar o copo de pé, na meza. Collem-se 7 outros alfinetes do mesmo tamanho nas outras 7 faces planas do calix. Colloque-se no interior do copo, e bem ao meio, um bocado de véla acceza; a torcida deve chegar quasi ao nivel da borda. O copo aquece, e, em consequencia da fusão da stearina, vêr-se-hão cahir quatro alfinetes. Apague-se n'este momento a véla, e verificar se ha que os quatro alfinetes que cahiram foram os que estavam collados nas partes negras; os quatro alfinetes collados nas partes brancas ficaram, pelo contrario, no seu logar. Como a véla es; alhou uma quantidade igual por aquellas diversas partes, está bem demonstrado que o calor atravessa mais depressa as partes pretas do copo que as brancas.



# CORAÇÃO

# DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA



LIVRARIA EDITORA

— E —

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes de percaline

**A 200 réis**

\* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

**A 240 réis**

\* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

**A 360 réis**

\* Leituras correntes e intuitivas e 1.<sup>as</sup> lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.<sup>a</sup> parte), 1 vol.  
\* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

**A 400 réis**

\* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

**A 500 réis**

\* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.  
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

**A 600 réis**

Historia d'um palhaço, por Raul Brandão, 1 vol.  
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

**A 700 réis**

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.  
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.  
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.  
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.  
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.  
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.  
A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.  
Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.  
Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.  
Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.  
N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.  
Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.  
Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.  
Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.  
Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.  
Os nolvos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

**A 800 réis**

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.  
Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
O Livro do Monte, poesias de Bulhão Pato, 1 vol.  
\* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.  
Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.  
\* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante colleccão de prosas e versos

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.  
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Poemas [portuguezes], poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Moral para todos, por A. Franck, trad. 1 vol.  
Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

**A 950 réis**

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.  
Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

**A 1\$000 réis**

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.  
\* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.  
\* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

**A 1\$100 réis**

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

**A 1\$250 réis**

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

**A 1\$300 réis**

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

**A 1\$400 réis**

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

**A 2\$000 réis**

\* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

**A 3\$200 réis**

\* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint Pierre, edição illustrada de grande luxo.  
\* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.  
\* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

**A 3\$600 réis**

\* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de Pinheiro Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

**A 6\$750 réis**

\* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.

Nº 99



o Negro

o Branco

PREÇO  
50 RÉIS





## OBRAS DE SILVA PINTO

Cada volume, 500 rs. br., enc. 700 rs.

Riso amarello, 1 vol.

A queimar cartuchos, 1 vol.

Philosophia de João Braz, 1 vol.

N'este valle de lagrimas, 1 vol.

Santos portuguezes, 1 vol.

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 "	1\$600 "	3\$200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

## OBRAS DE TEIXEIRA DE QUEIROZ

*Os noivos*, romance, 2.<sup>a</sup> edição, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 enc. 1\$400.

*D. Agostinho*, romance, 1 vol. br. 600 réis. enc. 800 réis.

*Morte de D. Agostinho*, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

*Amores, amores*, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

*Arvoredos*, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 réis, enc. 1\$100 réis.

# BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 99

LISBOA, 20 DE FEVEREIRO DE 1898

2.º ANNO

## CARNAVAL E PAIXÃO



Esse tempo Mendo Affonso andava loucamente apaixonado. Era uma curiosa reliquia romantica este homem precocemente avelhentado, de bigodeira grisalha e plangente, um resto de cabelleira inspirada á trovador de Elviras provincianas, e no alto do craneo um clarão de calvicie que o entristecia.

Tinha umas mãos bonitas, brancas, compridas, — com que arrancava gemidos d'um violão. Vestia de negro, simples, com um grande laço de gravata clara, que lhe esvoaçava em doudejamentos poeticos. As tardes sahia nostalgico, com o velho chale-manta cinzento, e ia pelas estradas fóra, só, a gizar de certo algumas endechas á furtiva Mathilde. . . Na Villa adivinhavam-se as endechas. Conhecia-se a sua paixão romanescas, o que elle dissera á beira dos sepulcros, aquella phrase dramatica: — «Se o meu coveiro fôr Mathilde, tragam-me a cicuta!»

Mas não a tomou, está claro, o enamorado Socrates. Continuou a amar; e um dia o *Villanovense* publicou o soneto immortal de Mendo Affonso:

*«Treda mulher que eu amo, mais formosa  
Que as pulcras rosas, vem ouvir meus ais!»*

Então os rapazes da terra aclamaram-n'o. Mathilde continuava esquiva. Mendo Affonso andava tresloucado, de noite falando ás estrellas, de dia chupando o cigarro com aquelle ar extasiado de quem suga beijos mysteriosos. . . E ás vezes via-se ao longe, só, com o chale-manta solto desleixadamente, — como uma aza d'aquelle romantismo . . .

\* \* \*

Ora chegára o Carnaval, e os rapazes resolveram fazer uma partida ao pobre Mendo Affonso. Combinaram-n'a entre si para segunda-feira de entruado, noite alta.

Como os senhores vão vêr, a pirraça é exquisita e de mau gosto. Eu creio que todos nós sômos um bocado Mendo Affonso, e que os estroinas deviam ter pela alma dos outros o respeito que irresistivelmente nos causa tudo que é mysterioso e doloroso. . . Mas por lá acharam-lhe muita graça.

Ahi pela meia noite, dois dos mais s rios subiram ao quarto de Mendo. Dormia elle na agua furtada d'um velho predio, n'uma alcova triste. A porta estava aberta, como sempre. Mendo fumava ainda o cigarro, seguindo

com os olhos namorados as volutas do fumo. . . Voltou-se surprehendido na cama de ferro, e teve um *salvé!* acolhedor e admirado. Elles cerraram a porta, em ar de grande segredo:

— Você sabe? Mathilde não o ama! . . .

— Anh?! respondeu, como n'um sonho, o outro.

— Agora mesmo a deixamos nós falando da varanda para um figurão desconhecido. É perjura! É perjura!

Os olhos de Mendo faiscaram: depois esgazearam-se. Atirou fóra o cigarro amigo, esse cigarro em cujo fumo iam tantas chymeras—e saltou da cama como que picado de lanças, poz o chale-manta, enfiou uns chinelos, e em cercoilas, empunhando o espadim avoengo que tinha heraldicamente na parede, desceu allucinado as escadas, com grandes suspiros cavernosos.

Os outros seguiam n'o de longe.

A noite estava fria e limpidissima. Muitas estrellas. E pelas ruellas desertas, aquella figura em cercoilas, o espadim nas unhas, dir-se ía o derradeiro mascara d'esse



entruado romantico, que na provincia tantos corações de Mathildes endoidára, e coroára de loiros tantos bardos!

O velho fidalgo seguia, anciadamente, arrastando os chinelos, como se fossem cothurnos tragicos d'algum

heroe de Sophocles. E assim, quasi obsceno, com o fain vingador na mão pallida — Mendo Affonso cuidava-se,



burlesco e triste, mais agil, mais formoso do que Páris. A sua imaginação, a sua paixão tudo transfiguravam. E

do seu chale elle fazia a capa d'um trovador de Provença — irradiante n'uma labareda de ciúme.

Quantas vezes elle, que escrevia á raza n'um cartorio, atirava a penna com um desdem rancoroso! E eu tinha bem piedade d'esse homem que mal conheci — fidalgo em meio d'uma democracia irritante, que o apelintrava; poeta, em meio da infame prosa que escrevia á raza; velho, e apaixonado por uma rapariga formosa e talvez rica... Pobre Mendo Affonso!

— Agora! Cuidado! — disseram os outros.

Mendo estacou, arregalou os olhos. E viu, realmente viu, um vulto de mulher á varanda de Mathilde (era uma larga varanda coberta, á maneira de apendre) inclinado languidamente a falar para um homem. Correu. Deu um grito de guerra, cavalheiroso e agudo, e avançou de espadim fatal para o rival, que deitára a fugir como uma lebre.

Mendo Affonso então parou debaixo da varanda. Em cima o vulto retrahira se um pouco... Talvez o amasse ainda! Mendo rangia os dentes, e disséra umas palavras lugubres. Depois, elastico como cobra, fez um salto, fez dois saltos, e agarrou-se á varanda que ficava a uma altura a que parecera impossivel chegar se. Por momentos ficou bamboando e a torcer se. O chale cahira, um dos chinelos v'ára: e aquelle homem, quasi nú e magro, á lua fria, mais lembrava um enforcado ainda a estorcer-se, phantasma d'um amor desgraçado, d'um funebre grotesco de caricatura de Goya.

Uma vez dentro gritou improperios, que aquellas paixões punham sempre na voz dos seus interpretes. Chamou-lhe perjura, treda, adultera talvez! O vulto escondia o rosto timidamente, como esposa innocente e perseguida. Elle então quiz ver lhe a face linda. Sim, quiz ainda ver lh'a! Oh! talvez houvesse nos seus olhos uma redemptora claridade de pranto! .. Deitou-lhe a mão, arrancou lhe o lenço — e á luz do luar, appareceu a cara malandrissima do Zé Pacheco!

Ao longe uma torre dava horas.

Então engalinharam se, rebolaram-se aos murros, até que de dentro correram ao ruído, e deram com aquelle quadro carnavalesco... Mathilde, que viera tambem, fugiu espavorida. Ainda andavam aos tombos na varanda, o Zé Pacheco com umas saias que lhe prendiam os movimentos, e Mendo Affonso, agora quasi todo nú, esquelético e branco, enovellado no outro.

A partida fez epocha. Houve desavenças e escandalos — e hoje, n'este Carnaval que passa, eu lembro com saudade Mendo Affonso, já morto, o Ze Pacheco official do exercito, creio eu — e Mathilde com quem eu podia ter casado, se não fosse lembrar-me que ia perturbar Mendo Affonso na sua sepultura bem simples!...

Eu já ouvi dizer que a alma d'elle anda ás vezes por lá, sobre as telhas, a uivar e a gemer. Acho bem natural; mas tambem tenho a certeza que ha de andar mais decente do que seu dono andava n'esse entrudo saudoso, quando a paixão chegava a obcecal o a ponto de nem ver que lhe faltavam as ceroilas.

JULIO BRANDÃO.



# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — O VELHO DE ENTRUDO, aguarella de Roque Gameiro



«... Has-de querer noticias do *boi gordo*? Pois olha que as tenho magnificas. Em primeiro lugar, n'este anno mandaram-n'o correr as ruas por seu pé. Nos outros entrudos passeiava de carroça, porém, no de 1860 deu os seus tres passeios a pé, como qualquer burguez ao domingo. Por signal que se chamava *Solferino*.

Ainda eu te não disse o melhor da festa. Este nome de *Solferino* foi uma triste len.brança. Apenas constou que o *boi gordo* seria designado com o nome da famigerada batalha que ninguem aproveitou para ducado, mandou-se a noticia pelo telegrapho para Vienna d'Austria. Agora o verás. Reunem-se os ministros, convocam-se os feld marchaes, pede-se a opinião dos mais antigos conselheiros da corôa imperial, ouve-se o voto do arcebispo, que deixa em meio uma pastoral acerca do poder temporal do Papa, para tomar conhecimento do nome do boi, e o conde de Rechberg passa tres dias e tres noites a procurar nos archivos do ministerio dos negocios estrangeiros alguns vestigios do modo pelo qual o principe de Metternich resolvera a questáo dos bois gordos do seu tempo.

E afinal? Afinal decidiram ordenar aos periodicos de Vienna que não annunciassem de maneira alguma nas suas folhas a perigosa noticia de que o *boi gordo* em Paris, em 1860, se chamava *Solferino*. Tão facil é salvar a patria quando os negocios andam nas mãos de gente de juizo! E não te rias, meu amigo. Nós já fizemos, não digo outro tanto, mas peor ainda, quando eramos governados por gente que até da sombra tinha medo. Vou te contar a historia, que é curiosa.

Um homem temente a Deus e amante do seu rei, foi consultar um medico acerca de seus rheumatismos chronicos, e viu, por acaso, sobre a meza do doutor, uns desenhos com figuras que lhe pareceram extravagantes. Sahiu d'alli direitinho para casa do juiz de fóra, e contou lhe o caso. O douto magistrado vestiu a casaca ornada com a respectiva rosa, e foi conferenciar com o coronel dos voluntarios da terra, homem de polpa, que escrevia *America* com a pequeno e *m* grande.

O juiz de fóra tinha trazido consigo um escrivão e o official de diligencias; o coronel mandou chamar um dos seus capitães, abastado negociante de coiros, e o padre Capellão, por saber latim. Alli resolveram, com o mais fervente zelo pela causa do throno e do altar, que os desenhos do medico só poderiam ser emblemas maçonicos, e que era necessario conhecer esse negocio a fundo.

Dito e feito. Vão a casa do doutor, apanham os desenhos, que ainda estavam em cima da mesa, lavram auto de busca e de apreensão, e levam consigo as provas do

delicto. O medico, que era malicioso, lá foi sustendo o riso como pôde, e na sua qualidade de membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, escreveu ao duque de Lafões, coronel-general dos voluntarios, dizendo-lhe que os taes emblemas maçonicos eram copias do tumulo de Egas Moniz, que está na egreja do mosteiro de Paço de Souza. Os desenhos foram restituídos ao doutor depois de repetidas instancias do duque, e o juiz de fóra foi louvado pelo seu zelo e melhorado de logar. Os taes desenhos podem vêr-se em um dos tomos das Memorias da Academia.

Esta anedota vale bem a da prohibição de se dizer o nome do *boi gordo* nos jornaes de Vienna.

Mas, no fim de tudo, o que tu mais estimas saber é a historia dos bailes do Entrudo, para aires contar logo a Lisboa inteira, e mesmo ás provincias do Sul e do Norte do reino. Pois bem. Vou fazer-te a vontade, mas isto fica aqui no regimento, como dizia certo coronel, que o não sabem duas pessoas de cada casa. E' que um baile tem uns mysterios e eu não gosto de me comprometter.

Os francezes ausentes de Paris podem regosijar-se. O Entrudo de 1860 foi magnifico, e Paris, depois de enxugar as lagrimas officiaes devidos á grã-duqueza de Bade, dançou e folgou, e divertiu se com a alegria e pompa habituaes.

Posso offerecer-te uma rica collecção de festas de todos os generos. Começarei pela antiguidade, a qual segundo o dizer muito authorisado do padre Caldas, até dos Tritões era venerada no seu tempo — *de antiquitati a Tritonibus venerata*.

Não sei se sabes que o principe Napoleão mandou construir na Avenue Montagne uma casa tal qual a casa da Diomedes em Pompeia desde o *Atrium* até aos *Triclinios*. Tenho a descripção aqui em cima da mesa, com todos os nomes em latim, mas não te assustes; estás livre d'esta maçada.

Muita gente acha bonita a ideia, optimo o gosto e esmerada a execução. Emendo na ultima parte; quanto ás duas outras, com o respeito devido aos principes imperiaes em particular, e a todos os outros principes em geral, estou mui longe de me extasiar perante este pequeno capricho de Sua Alteza. Aqui só para o regimento, não me agrada a tal casa. E' triste, acanhada é fria, e por mais confortabilidade que a ideia moderna introduza lá dentro, a severa gravidade romana predomina sempre, e não causa uma sensação agradável. Eu gosto dos romanos no campo da batalha, no Forum, no Senado, mas não em casa.

Isto é questáo de gosto, mas o que é incontestavel, é que a festa foi boa, e notavel pela representação da comedia em verso de Emilio Augier, intiulada *Le Joueur de flûte*, que a censura em tempo não tinha deixado representar no theatro francez. O novo theatro de Pompeia, fechado durante 18 seculos, estreiou-se com Magdalena Brohan, Got, Geoffroy e Sauron. Mademoiselle Favart recitou o programma em verso composto por Theophile Gautier.

A seguinte inscripção :

*Napol. III. cæs. aug. cons. non. design. censore invicto*  
deu occasião a uma boa anedota. Um honrado fun-

ccionario, melhor informado dos actos da censura dramatica do que da lingua de Horacio e de Cicero, leu a inscripção e exclamou :

*Foi muito bem feito convidar (inviter) os censores, para*

biam latim riam a bom rir, graças á malignidade de quem logo se encarregou de explicar o negocio a toda a gente.

A especialidade d'esta festa era a casa e a representa-



*que de outra vez subam melhor o que fazem!* Dois jornalistas da escola de Jules Janin cahiram esmorecidos de riso, e, pela força do contagio, mesmo os que não sa-

ção : o resto foi como todas as funcções de um principe francez.

Alguem quiz organizar nos dias seguintes uma festa

grega em imitação da festa romana da Avenue Montaigne, porém, esta dispendiosa tentativa ficou em projecto, sendo todavia possível que se verifique no inverno, de 1861. Diz-se também que um russo de grandes forças pecuniárias dará no entrudo do anno que vem um baile *costumé* hebreu. O tal ricasso chama-se Noé e quer que a festa seja na arca, com todos os bichos e bichas de que depois do dilúvio se abasteceu de novo a terra. O caricaturista Cham, que tomou este pseudonymo por ser filho do velho conde de Noé, quando lhe contaram o projecto do russo, disse:

— Se tal faz, hade-me adoptar por filho, quer queira, quer não. Elle só tem dois, Sem e Japhet, e não ha Noé verdadeiro sem Cham. O caso é que o russo possui uma fo tuna colossal, e se quizer dar um jantar como o de Calígula, que custou 360 contos de reis, ou um almoço de 100 contos como fez Heliogabalo, não ficaria pobre por isso.

Que elle dê ou que não dê o baile da Arca de Noé, a ideia já não poderá parecer inteiramente nova, porque os salões do principe da Moscow reuniram ha dias uma tal quantidade de bicharia, que bem podia comparar-se á que fez companhia ao segundo pae do genero humano.

O principe é o primeiro caçador de Napoleão, cargo de côrte immediato a caçador-mór, e mui differente do que em Portugal se chama *caçador do Rei*.

N'esta qualidade dispoz de um baile analogo ás suas funcções junto do imperador. Ornatos das escadas e das salas, fardas dos creados e até a musica foram organisados de maneira relativa á caça, e mesmo walsando ou polkando, damas e senhoras podiam imaginar que estavam na floresta de Compiègne, no centro de uma das magnificas e apparatusas caçadas imperiaes.

Até aqui, tinha o dono da casa disposto tudo, porém, caso nunca visto! á meia noite entraram na sala veados, rapozas, lobos, lebres, gallos, perdizes, faisões e toda a especie de caça, disposta a vingar no primeiro caçador da côrte a morte de todas as victimas d'este outono. Grande surpresa! Hilaridade geral! A apreciação devida ao grande trabalho e despeza d'este bem ideado episodio!

E' brincadeira completa em todos os salões do herdeiro do marechal Ney!

O embaixador da A. appareceu de gallo, com todas as plumas e arrebiques do airoso rei das capoeiras e foi saudado com dados unanimes.

Ainda te não bastam estes dois bailes?

Pois não te queixes.

Agora que estou com as mãos na massa, posso satisfazer completamente a tua curiosidade e consolar-te na sombria gravidade da tua quaesma com a descripção d'estes folgares parisienses.

O ministro Fould também deu um baile *costumé*. Bonita festa, apesar da casa se prestar mal a uma funcção tão numerosa como costumam ser os bailes do sr. Achilles Fould. O dono da casa estava de d'ominó venesiano, mad. Fould vestia de Maria Stuart, apesar da corpulencia que contrasta com o original.

A maioria das senhoras trajavam de marqueza do Seculo passado, quer dizer, com vestidos da moda actual e a cabeça empoadada, maneira commoda de conciliar o respeito devido á vontade de quem convida, com as forças pecuniarias dos convidados.

A princesa Clotilde, a sympathica e elegante filha de

Victor Manuel, trazia um lindissimo vestido de Camponeza do seu paiz. Uns diziam que era de Sardenha outros affirmavam que era de Saboya.

Um poeta muito conhecido resolveu a questão dizendo: *Está claro que é de Saboya. E' annexação á França.*

A verdade é que, se a Saboya é tão bonita como a princeza parecia, bom bocado apanha a França, se lhe vier a caber essa porção da monarchia Sarda.

Mad. de Clermont-Tonnerre, dama de honor de S. A., tomou a seu cargo representar a elegante riqueza do vestido das castellãs da Edade Media. As duas representavam o povo e a nobreza da Saboya. Faltava o Clero, e essa falta não era de admirar n'esta conjectura de encyclicas, pastoraes e brochuras. Em compensação, havia grande quantidade de *Abbés* francezes do seculo xvii, que, como todos sabem, tinham um ou muitos castellos profanos, e mais depressa acceitavam um duello do que obedeciam a uma bulla de Roma.

Uma das mais galantes historias do baile, foi a resposta de certa senhora a mr. de Charn... magistrado francez, que apezar da sua avançada idade, é muito amigo de bailes, e consagra ás damas uma dedicação inteiramente desinteressada. Uma condessa Dubarry passou perto d'elle, e, vendo-o a conversar com um *Abbé* disse-lhe: — *Confesse-se, ande, confesse-se ao Abbé e faça penitencia dos seus peccados que não são poucos.* O presidente respondeu-lhe com a quadra seguinte:

Pastora, inutil buscar!  
Não me acusa a consciencia!  
Mas se me fazeis peccar  
Então farei penitencia.

A boa da Dubarry não quiz deixar em abatimento o nome que adoptara por algumas horas, e retorquiu-lhe:

Se eu cedo á tua exigencia  
Já te vejo atrapalhado,  
Mais por causa do peccado  
Que por fazer penitencia.

Os jornaes gostaram e celebraram esta troca das duas quadras, que eu traduzi como pude.

O sexo masculino tinha por principaes representantes na riqueza e bom gosto dos trages o conde de Wiewerkerke, de capitão do tempo de Henrique IV, um dos Aguados vestido á Hespanhola da epocha de Carlos V, e um rico americano chamado Errazu, com um traje mexicano de dois contos de reis de custo! Estes homens do Mexico são assim, e quem não quizer ser assombrado por elles, que os não chame a casa.

Teophilo Gautier, Meissonnier e outros artistas e litteratos estavam de d'ominó. Suas Magestades Imperiaes appareceram também de d'ominó e demoraram-se até tarde. A ceia começou á 1 hora, e foi magnifica, como se póde suppôr facilmente. Apesar do muito que se gritou contra o luxo actual, quando se compara uma d'estas ceias, com as ceias ordinarias de Lucullo, ceias de familia e sem cerimonia, cuja despeza orçava regularmente de 9 a 18 contos de réis, somos obrigados a confessar que vivemos em uma epocha de pobreza franciscana.

Por morte d'este celebre romano, o peixe que se conservava na sua caza de campo em piscinas para uso da meza, foi vendido por 126 contos de réis.

A respeito dos bailes das Tulherias não te falo. No ultimo havia para cima de 9.000 pessoas. São bailes como os de todas as côrtes, guardadas as devidas proporções.



# CARNAVAL DE 1898



Marche p'tigo

Jorge Colaço

Aguarela de Jorge Colaço



# A Escripura d'um Palhaço—Estudos Physionomicos



# O RAPTO DAS SABINAS



No anno passado, á sahida do ultimo baile de mascarar da Trindade, em plena manhã de quarta-feira de Cinzas, as Sabinas, ao despedirem-se das Castros, á esquerda da Travessa da Queimada, com grande alarido de vozes aguçadas, tinham promettido isto:

— «Para o anno, se até lá alguma de nós não tiver morrido, o melhor baile de mascarar ha de ser em nossa casa. Vo-sê. verão! E não falem!»

Isso sim! Podiam lá faltar, as Castros, a semelhante coisa! E já na sexta feira seguinte, que foi o primeiro dia em que voltaram a encontrar-se com as Sabinas no Senhor dos Passos da Graça, diziam, cada uma por sua vez, mas todas a seguir, e nos diversos tons em que as tres falavam:

— «E' verdade! E o baile de mascarar, sempre se faz para o anno!»

E as Sabinas, todas ao mesmo tempo, n'um só tom, que era como ellas sempre falavam, inclinando todas a cabeça para o hombro direito, em movimento affirmativo, baixando as palpebras, erguendo as sobranceiras, franzindo a bocca:

— «Olé se se faz! E' coisa decidida!»

A idéa do baile tinha lançado raizes, e quando chegou o dia de pôr escriptos, era já uma idéa que florescia em factos: as Sabinas reconheciam a impossibilidade absoluta de dar o baile n'aquella casa em que moravam, e resolviam, em reunião do conselho, mudar da Travessa da Queimada, para sitio onde descobrissem alguma casa nas condições necessarias.

N'esse dia, pois, sahiram as tres muito cedo, em procura de escriptos, e n'essa faina correram todas as ruas do Bairro Alto e da Baixa, até ás 4 horas da tarde. Mas infructuosamente. Não havia casa que lhes conviesse, pelo maximo de preço a que podiam chegar. Umias eram muito pequenas: saleta e sala á frente, dois quartos interiores, um vão de escada, sala de jantar e cosinha... Outras eram muito grandes e as rendas excessivas: cento e cincoenta mil réis, duzentos mil ao anno, vinte libras ao semestre! Por fim, já muito fatigadas, muito em fraqueza, pois andavam desde manhã cedo com uma

chavena de chá apenas no estomago, voltavam para traz sem esperança de encontrarem aquillo que poderia convir-lhes, quando uma d'ellas, ao passarem pela Rua das Gaveas, descobriu um terceiro andar com escriptos, de tres janellas, de aspecto que as tentou a entrar, a subir e bater.

Era uma casa velha, sombria, de tectos baixos, com serventia por uma escada subindo toda a direito, e com degraus que rangiam sob o peso das pessoas, minados de caruncho. Mas era uma casa enorme, cheia de boas accomodações, com grande sala, muitos quartos e cubiculos, precisamente o que lhes convinha, e dentro da renda que haviam fixado. Acharam excellente, e foram a correr ao senhorio, que morava perto, para fazerem á pressa o respectivo arrendamento.

Quando o novo semestre chegou, mudaram. E embora, nos primeiros dias, a nova casa lhes parecesse triste e degraus que rangiam sob o peso das pessoas, minados de caruncho. Mas era uma casa enorme, cheia de boas accomodações, com grande sala, muitos quartos e cubiculos, precisamente o que lhes convinha, e dentro da renda que haviam fixado. Acharam excellente, e foram a correr ao senhorio, que morava perto, para fazerem á pressa o respectivo arrendamento.

Quando o novo semestre chegou, mudaram. E embora, nos primeiros dias, a nova casa lhes parecesse triste e degraus que rangiam sob o peso das pessoas, minados de caruncho. Mas era uma casa enorme, cheia de boas accomodações, com grande sala, muitos quartos e cubiculos, precisamente o que lhes convinha, e dentro da renda que haviam fixado. Acharam excelente, e foram a correr ao senhorio, que morava perto, para fazerem á pressa o respectivo arrendamento.

Quando o novo semestre chegou, mudaram. E embora, nos primeiros dias, a nova casa lhes parecesse triste e degraus que rangiam sob o peso das pessoas, minados de caruncho. Mas era uma casa enorme, cheia de boas accomodações, com grande sala, muitos quartos e cubiculos, precisamente o que lhes convinha, e dentro da renda que haviam fixado. Acharam excelente, e foram a correr ao senhorio, que morava perto, para fazerem á pressa o respectivo arrendamento.

Quando o novo semestre chegou, mudaram. E embora, nos primeiros dias, a nova casa lhes parecesse triste e degraus que rangiam sob o peso das pessoas, minados de caruncho. Mas era uma casa enorme, cheia de boas accomodações, com grande sala, muitos quartos e cubiculos, precisamente o que lhes convinha, e dentro da renda que haviam fixado. Acharam excelente, e foram a correr ao senhorio, que morava perto, para fazerem á pressa o respectivo arrendamento.

As tres irmãs, agora, não cabiam em si de contentes. A vida, que para ellas tão amarga se fizera depois que o velho jornalista do *Tribuno* havia desaparecido, e com elle se fôra o camarote da Trindade, entreabria-lhes subitamente o sorriso de uma esperança. Alguma coisa de novo lhes adoçava a existência. E todo o alegre reportorio andava agora trauteado pelas tres.

Vinha a ser o caso que cada uma das Sabinas arranjara namoro pelas visinhanças, e cada qual d'ellas se persuadia agora de que a sua vez chegara de não ficar solteira. E o contentamento era grande, como se pôde fazer idéa, sabendo-se que a mais nova, de nome Laura, já dos trinta annos passava. Laura, Martha e Ermelinda viviam muito bem entre si, como tres verdadeiras irmãs unidas, e se ao vel-as passar na rua, não seria possível, sem algum esforço, comparal-as ás tres Graças, quem de perto as conhecia por ellas tinha o respeito que mereceram sempre as tres Virtudes Theologaes. A dignidade das mulheres solteiras chegara alli — e parara.

Laura aceitava o deirico de um cavalheiro já de certa idade, de bigode e pera e lunetas defumadas, que morava tambem n'um terceiro andar fronteiro da mesma Rua das Gaveas. Parecia pessoa séria, de bons costumes domesticos, e d'uma certa gravidade, até, quando sahia á rua. A visinhança vi-a o sempre á janella em mangas de camisa, com punhos e collarinho pegados, e o peitilho reluzente apparecia sempre d'uma immaculada alvura. Tal pormenor não passára despercebido a Laura, e como não raro succede que, nos caprichos do Amor, uma simples coisa, uma ligeira circumstancia, muitas vezes um nada, decide de grandes casos, quem sabe se do reparo que ella tanto fazia nos peitilhos do visinho, acaso se não originou a inclinação manifesta que por elle sentiu... Certo foi que, um dia, depois de muito se affirmar, por detraz da cortina de ca-sa branca da janella do seu quarto, no todo d'aquelle sujeito, e depois de muitas vezes pensar que por baixo d'aquelle peitilho, pulsaria talvez um grande coração amante, Laura se decidiu a abrir de par em par a janella de sacada, e a encarar de frente a figura bem apessoada do visinho, que já então começava a apparecer-lhe em sonhos — em camisola sem mangas.

Emquanto esta inclinação se declarava discretamente, e por troca de olhares e de sorrisos apenas, pelo lado da Rua das Gaveas, Martha desvanecia-se, pelas trazeiras, com a seducção de um musico de S. Carlos, que tocava

rabeca e habitava um quarto do lado do saguão, passando manhãs inteiras a estudar alguma partitura nova. O saguão era estreito, e, da casa das Abrantes para o quarto do músico, não errava o Amor uma das suas settas. Martha trazia o bastidor para defronte da janella da casa de jantar e não perdia de vista o músico, que para junto da janella do seu quarto trazia a estante; e enquanto ella bordava, a lã, sobre talagarça, um caçador de espingarda ao hombro, seguido do seu cão, elle, na rabeca, repetia os *Huguenotes*. E a miude, quando algum fio se acabava no bordado, e do trabalho Martha se distrahia para enfiar outra lã na agulha, ou na partitura se abria algum enfeio para o arco correr sobre a rabeca sem ter elle necessidade de reparar na musica, os olhos de ambos encontravam-se sempre, e n'esse encontro faziam longos compassos de espera...

Aproveitando o enleio de Martha com o visinho da frente, e o enleio de Laura com o visinho de traz, Ermelinda, que das tres irmãs era a primogenita, a seu turno se entretinha com um visinho do lado. Ao lado, no mesmo andar, havia uma casa de hospedes, e ahi, n'um quarto independente, com porta para a escada, morava um guapo sargento de Lanceiros com licença para estudos. Ermelinda, que desde muito nova indicava uma grande queda para officiaes do Exercito, começando a sentir a impossibilidade de se fazer arrebatada para o matrimonio nos braços de um major de Infantaria que lhe fazia a côrte, cerimoniosamente, e com grandes precauções, nas soirées das Castros, quizera experimentar algum outro de patente inferior, e pensara que aquelle sargento talvez lhe conviesse. Dentro de pouco tempo seria elle alferes, e, a essa idéa de um official montado, todo o seu escrupulo cedera. O patamar da escada era-lhes propicio, e ahi, mais felizes que os outros, que só arrulhavam de janella para janella, Ermelinda e o sargento fizeram juramentos d'um eterno amor...

\* \* \*

Mas faz-se tarde, vejo eu agora, e não será já sem tempo que nos vamos chegando ao nunca esperado desfecho que teve a historia das Sabinas, n'aquella casa fatidica da Rua das Gaveas.

Passam velozes os dias, correm os mezes, o tempo vôa, e não tardou assim que o Entrudo chegasse, e o dia marcado para o grande baile promettido ás Castros desde o outro anno, apparecesse, na manhã de Domingo gordo, indicado sobre o calendario, que da parede pendia na sala de jantar. Tudo fôra preparado para que a essa festa não faltasse o brilho que, de festas similhantes, o *Illustrado* costuma assignalar. Numerosos convites haviam sido feitos, pessoalmente e por cartas, fixando-se a condição, para todos os convidados, de se apresentarem de mascarar. Ao pastelleiro da Rua Larga de S. Roque, tinham sido encomendadas muitas duzias de bolos e garrafas de licor; da mercearia da Travessa do Poço, viera uma caixa inteira de bolachas sortidas; cediam as Castros, por emprestimo, todas as suas chavenas da India e as colheres de prata; e como a unica creada que as Sabinas tinham não poderia dar conta do serviço n'essa noite, haviam ellas annunciao no *Diario de Noticias* a necessidade de duas outras creadas, calculando que, passada a faina do baile, bem poderia n' despedil-as, por qualquer pretexto, ao outro dia...

E quando essa noite chegou, as Sabinas e as Castros não cabiam em si de contentes. Mais de trinta convidados subiram áquelle terceiro andar da Rua das Gaveas, e por toda a casa, invadindo todos os quartos, indo até á cozinha a bisnagar as creadas e a metter-lhes papel picado pelo pescoço abaixo, uma horda de pierrots, de vivandeiros, de ché-chés, de dominós de riscado, grasnava, pinoteava, tripudiava, ensurdecia a visinhança!

As quadrilhas, as valsas, os pas-de-quatre succediam-se quasi ininterruptamente, n'um enthusiasmo, n'uma confusão, n'uma alegria doida. E cada uma das Sabinas não largava, já com grande reparo dos circumstantes por fim, o par que cada uma acceitara para a primeira quadrilha... Laura, vestindo airosamente de pastorinha dos Alpes, déra o braço a um aguadeiro chistoso, de grandes bochechas e nariz postiço, e que nos intervallos das danças vinha assentar-se, a meio da sala, sobre o barril da agua, que não deixara de trazer. Martha, de capote

e lenço, tinha por par um guerreiro romano, que muito possuido do seu papel parecia. Ermelinda, com o fato branco e largo de Pierrot, atrellara-se a um grande dominó azul, e por coisa alguma d'esta vida se mostrava disposta a abandonal-o já...

De mais em mais a animação crescia, e as bandejas dos bolos e os copinhos de licor eram esvasiados, n'um abrir e fechar de olhos, á sucapa, disfarçadamente, pelos cantos e pelos corredores. Por volta da meia noite, chegou a notar se enção uma certa falta de mantimentos, e o serviço teve de ser interrompido por espaço de meia hora, afim de dar tempo ás tres creadas, ás tres Sabinas e as tres Castros, para fazerem á pressa tres pães de dois e cinco em fatias com manteiga, que serviram de lastro a duas novas bandejas. Entretanto, recrudescia a animação da dança, e houve então um momento em que, desvairados, os visinhos do segundo andar vieram gritar á escada que o soalho cahia, e que se aquillo assim continuasse iam á rua chamar pela policia!

Uma similhante ameaça não podia ficar sem resposta, e não faltou, entre os convidados das Sabinas quem quizesse obrigar os visinhos do segundo andar a engulir a insolencia. E o rispido Castro, o paé das Castros, segundo-official nas Contribuições Directas, que acompanhara as filhas ao baile, mascarado de archeiro, foi o primeiro a sahir ao patamar da escada e a investir com esses grandes atrevidos, que tinham tido a patifaria inaudita de querer chamar a policia para impedir cada um de fazer, em sua propria casa, o barulho, o chinfim que muito bem quizesse!

O que então se passou foi indescriptivel. O Castro atirou se, de meio da escada, sobre o visinho iracundo, que lhe mostrava para cima ambos os punhos cerrados, e rebolaram os dois, engalinhados, por todo o lanço do primeiro andar, esmurrando se, mordendo se, agatanhando-se. No patamar, em cima, as filhas do Castro gritavam por soccorro, outras desmaiavam, outras soltavam dilacerados guinchos, e todas queriam fugir, fugir, como d'um fim de mundo. Dos homens, porém, alguns se precipitaram sobre os contendores, que em baixo continuavam a debater-se grunhindo, e não sem custo conseguiram separal os, voltando tudo, pouco depois ás boas, e proseguindo o baile, mais animadamente ainda...

Mas o Castro, a uma certa altura, puxou do relógio e viu que eram 3 e meia, e deu ordem ás filhas para que puzessem os abafos, porque não queria, agora, que se demorassem mais. E as Castros quizeram, então, dizer adeus ás Sabinas, agradecer lhes o convite, pedir-lhes desculpa d'aguelles excessos do paé. Mas de balde correram toda a casa em busca d'ellas. Nem a Laura, nem a Martha, nem a Ermelinda, nenhuma d'ellas apparecia! Que extraordinaria coisa! Que singularissima coisa! E cada uma das Castros continuava rebuscando, por todos os quartos, por todos os cantos, por todos os lados, a Laura, a Martha, a Ermelinda, sem que nenhuma d'ellas desse o menor signal de si! Por fim, tendo procurado até por baixo das camas, convenceram-se de que as Sabinas não podiam já achar-se n'aquella casa, e correu então, entre as Castros, uma sensação de terror! Meu Deus, meu Deus, que fim teriam levado as Sabinas!

E só muito tempo depois se soube que as Sabinas, as virtuosas filhas do Sabino do *Tribuno*, haviam fugido umas das outras, n'aquella noite memoravel de Domingo gordo: a Laura com o aguadeiro, que era o grave visinho dos petillhos reluzentes; a Martha com o guerreiro romano, que era o rabequista de S. Carlos; e a Ermelinda com o dominó azul, o alentado sargento de Lanceiros do quarto independente...



ALFREDO MESQUITA.

# AS OSTRAS

Acabado o bailarico  
Pierrot, com gulodice,  
Vae comer ostras de Nice,  
Em «restaurant» ultra-rico.

As ostras! que lindo luxo!...  
Cresce-lhe a agua na bocca.  
Parece-lhe a duzia pouca  
Porção para metter no bucho!

---

Em tudo ha seu preceito...  
Um pouco Pierrot reflecte;  
E entre as duas conchas mette  
A faca, com todo o geito.

Parece um terno amante  
Junto á sua namorada.  
Como a ostra esperdeada  
Nada ha que o encante!

---

Nos olhos doce prazer  
Se lhe pinta. O' ostra amiga!  
E's o balsamo que mitiga,  
O nosso duro soffrer!

N'esta vida de agonia  
Que levamos cá na terra  
O sabor que em ti se encerra  
Dá saude e dá alegria.

---

E Pierrot olha, guloso,  
A ostra—rico manjar!—  
Que lhe dá ao paladar  
A delicia acre de um gozo,

Como quem morde os rosados  
Labios da mulher amada.  
O' ostra! noiva encantada  
Que nos dá's tão bons boccados?





*De cascas o prato é cheio;  
E Pierrot chupa, chupa...  
E a barriga upa, upa  
Com todo o bello recheio.*

*Tal modo que, sem pensar,  
Tem quasi tudo no bucho.  
A ostra! que rico luxo!  
Que iguaria sem par!*

---



*Neste mundo é que se paga  
Quando a gula nos domina.  
O' ostra! estrychinina!  
O' ostra! maldita praga!*

*Que convulsões! que agonia!  
O dictado que aqui cabe  
E' que Pierrot já não sabe  
Onde é a sua freguezia.*

---



*Muito bom é o comer,  
Melhor é o saborear;  
Mas fazel-o sem pensar  
E' coisa para arreponder.*

*Faz-se de todas as côres  
O desgraçado Pierrot,  
Porque antes não pensou  
Que a ostra traz dissabores.*

---



*A ostra, Pierrot amigo,  
A ostra, perfume raro,  
A ostra, prazer tão caro,  
A ostra, doce inimigo,*

*Nunca dei e ser comida  
Sem uma mulher ao lado!  
Amante e ostra, — é o bocado  
Que se leva d'esta vida.*

A's 8 horas, as meninas Torres entraram na sala, mirando-se e remirando-se nos espelhos. A menina Carmo, a mais velha, vestia de vivandeira, com uma barretina que lhe emprestara o Arnestosinho, e um barril verdadeiro de meio almuê, á cintura, preso a tiracollo, porque não arranjou outro barril; a menina Eduarda vestida de hespanhola, a menina Clementina de odalisca, e a menina Sabina, que desde o baptismo do Moysés andava toda romantica, vestia de Margarida do *Fausto*.

Quando entraram na sala, as quatro meninas saltaram ao mesmo tempo um grito de terror. D um lado para o outro da sala, passeiava, com um grande ruído de folha de Flandres, um guerreiro antigo, muito lusidio, todo vestido de folha, com armadura, guantes, capacete e viseira caída, empunhando uma enorme lança e tendo no braço direito um amplo escudo com um lagarto em relevo.

O guerreiro parou ao vel-as, ergueu a viseira, e as meninas desataram em gargalhadas successivas e convulsas.

O guerreiro era seu pae.

— De que se riem vocês, perguntou o conselheiro de debaixo do capacete. Não estou bem assim?

— Metteu nos um susto, disse a mais velha.

— Parece o homem de ferro, do Corpo de Deus, disse troçando a Sabina, que não perdoava ao seu progenitor o não ter convidado o dr. Fromigal.

— O homem de ferro? Orá essa! E' um *costume* grave, severo, respeitavel, o unico *costume* digno d'um chefe de repartição e de mais a mais conselheiro.

N'isto bateram á porta.

— Vão depressa abrir... será já o illustre estadista? ordenou elle brandindo a lança e procurando o relógio na algibeira da armadura.

A porta abriu-se e a criada recuou espavorida ao ver deante de si uma coisa branca, muito alta, muito alta, que não cabia pela porta.

Essa coisa disse á criada:

— Menina, faz favor, diz ao sr. conselheiro Torres que está aqui o sr. Gomes, que é para s. ex.<sup>a</sup> não se assustar.

— Tem a bondade d'entrar, disse a criada.

E o Gomes teve que se curvar para poder passar a porta. Por uma delicada e mimosa lembrança, vinha todo vestido de torres, em commemoração do anniversario do conselheiro; torres pintadas no peito e nas costas, as pernas e os braços eram quatro torres, sobre os hombros duas torres pequeninas, e finalmente, servindo-lhe de chapéu, uma ultima torre enorme, feita de papelão.

As meninas pizeram as mascaras apenas elle entrou, e fizeram grande chiada; o Gomes dizia a todas apertando-lhes as mãos, com voz esgançada:

— Adeus! adeus! não me conheces!

O conselheiro ergueu a viseira e veiu a elle com ares graves d'um superior:

— Trouxe a flauta, sr. Gomes?

— Saiba v. ex.<sup>a</sup> que sim, disse o Gomes, tirando de dentro da torre que trazia á cabeça a flauta partida em tres e embrulhada n'um lenço de seda da Índia.

— Ah! muito bem! E' esquisito esse seu fato!

— E' expressamente dedicado a v. ex.<sup>a</sup>...

— Oh! muito obrigado, sr. Gomes, não queria que estivesse com incommodos.

Pela sala dentro irrompeu em grandê algazarra uma onda de gente.

A' frente d'essa onda vinha um grande macaco, de bacia parda, que dava cambalhotas, trepava a cima das cadeiras, e fazia um barulho de trezentos demonios.

Atraz do macaco vinha muito grave um *rei mouro*, dando o braço á *noite*, seguido por um joven velho d'entrudo, muito pequeno, com a sua cabelleira de estopa, deitando com uma das mãos a sua luneta de papelão doirado, e dando a outra a uma camponesa alta e esguia, cujas pernas tezas e sem feito pareciam umas andas, e tendo á sua direita uma ovarina carregada d'arrecadas d'oiro e de grossos corações lavrados.

O conselheiro deixou logo cair a viseira e poz-se de lança em riste para receber os convidados: o homem das torres guardou a flauta; as meninas pizeram se em pé, e o macaco, fazendo muita chiada, trepou pelo guerreiro acima.

E o conselheiro, querendo voltar o pescoço, mas sem poder, por causa do capacete, dizia para o macaco:

— Não trepe, que eu sou o dono da casa.

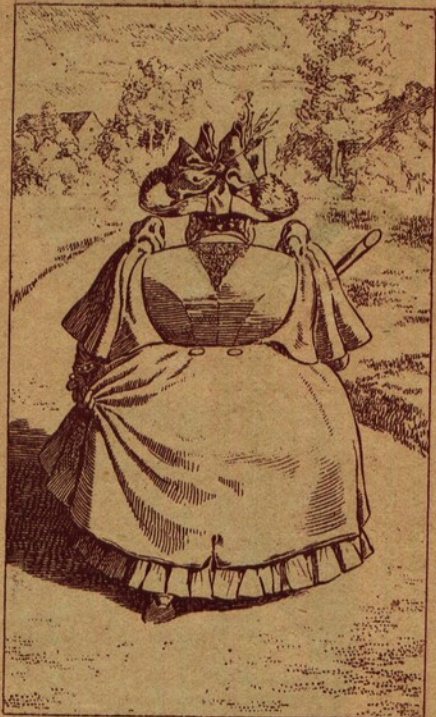
O macaco saltou logo para o chão, muito submisso, desfazendo-se em desculpas, e disse com a sua voz natural:

— Mil perdões, sr. conselheiro, não sabia quem era...

— Ah! é o sr. Antunes, dizia o conselheiro extendendo-lhe a mão, não o tinha conhecido.

— Ah! este traje, respondia com certo orgulho o Antunes apontando para o seu fato de macaco, disfarça muito.

— Hum! tornava com ares de homem perspicaz o conselheiro, nem tanto como isso! Eu se tivesse attentado bem no senhor tinha-o reconhecido...



A matrona que aqui vêdes,  
Com mais corpo que a balcaia;  
Mais grossa que dez paredes,  
Ella só faz bem as vezes  
De um muro de cal e areia,



Vista agora d'este lado,  
— Vejam se temos razão! —  
Leva adiante, perfilado,  
O marido... um desgraçado,  
E toda a sua geração!

# O ENTRUDO



O verdadeiro entrudo, aquelle velho e portuguez entrudo, de que falam com saudade os nossos maiores, só triumphava hoje na casa do burguez; ahí sim é elle absoluto e despotico, cheio de peripecias, de aventuras, de amores e de pó. Nos tres dias em que a folhinha permite a folia desordenada suspendem-se as garantias dos paes e dos maridos, e os corações dos namorados nadam nos mares da liberdade, em que muitas vezes não acham pé, e se afogam.

A monomania da seriedade domina hoje quasi todos os animos, e os que não sofrem essa enfermidade

vergam sob o peso da actividade policial, que lhes impõe a seriedade de que rezam os editaes do governo civil.

D'antes (ai que saudades!) n'esses tres dias jantavam as familias pela hora e meia para lhes ficar a tarde livre, e iam pôr-se de janella para tomarem parte na folgança geral; as mulheres de cabello enfarinhado, e os pequenos com as caraças de nariz comprido, faziam rir os auctores dos seus dias. Vinha, depois, dos visinhos de cima a luva mascarada, ou o gancho que puxava as taboinhas, ou a bexiga que encharcava os pescoços, graças as mais das vezes de quem desejava apertar a intimidade do coração.

Appellava-se para o entrudo para se conhecer até que ponto se era amado. No domingo gordo passava o namorado pela casa da rainha dos seus pensamentos; passo curto, mãos nas algibeiras, e semblante carregado. Se da janella querida lhe caía sobre o chapéo uma mão cheia de tremoços, ou um ovo de cal, ou uma frigideira de barro, o ditoso desprendia um sorriso e dava uma corridinha para fingir que desejava escapar aos projectis que a nor impellia; se porém a donzella o deixava passar incolume, o desgraçado sentia no coração a noite escura do martyrio, sem uma estrella que lhe rasgasse as trevas com um raio de esperanza.

— Santo Deus! exclamava elle então, tudo está acabado! Já não lhe mereço um pucaro, nem ao menos um alguidar de 30 réis!

E havia bairro, d'estes em que os sentimentos se manifestam com mais franqueza, em que um amante feliz podia contar que lhe atirariam ás pernas uma prova de affecto nunca inferior a uma panella. Era tal a força expansiva do amor, que mais de um mortal ia d'alli n'uma maca com as contusões produzidas por um fogareiro arremessado por mão extremosa; e o ditoso deliciava-se depois curando as feridas na enfermaria de Santo Onofre.

Os pinhões, as batatas e as laranjas eram a linguagem corrente e ordinaria, que não dava esperanças, nem matava illusões. Para haver segundo sentido era preciso que a coisa pezasse de arratel para cima. O peso era tudo. Paixão de primeira qualidade não pedia menos que uma tijela da casa; porém esta significava que o casamento estava proximo. Uma tijela da casa não era coisa que saísse da janella sem que o hymeneu andasse por alli a bater as suas azas: não, que as visinhas tinham as atenções fixas no acontecimento, e com a reputação de uma menina séria não se brincava.

Que tempo aquelle, em que a vergonha se fechava no sabbado gordo até quarta feira de cinzas! Todos riam, todos brincavam, todos eram rapazes; confundiam-se as edades e os sexos, ninguem era o que parecia. Os municipios não tinham mãos a medir; as boticas exgotavam os pontos, e as portas do Limoeiro não se fechavam para entrarem os que ficavam victimas na folgança vertiginosa.

Hoje fecham-se as lojas, e as patrulhas giram gravemente pelas ruas silenciosas, sem terem que fazer!

As danças veem de quando em quando quebrar a monotonia geral; a de S. Sebastião, a da rua dos Remedios, e da rapaziada fina de Santo Estevão, que todas são rivaes entre si, e contam largas recordações de gloria carnavalesca.

Danças de pastorinhos, em que os alentados marmanjos do sitio representam o sexo fragil, de chapelinho á banda, caracões caídos, que se prendem nos espigões da barba refractaria aos esforços da navalha e á alvura do alvaiade, peitos levantados a estopa, e lencinho bordado penteado da mão calosa. Dança boa não tem menos de tres velhos, de luneta de palmo e meio, que são os encarrregados da parte jocosa. O mestre vae montado n'um burro, e armado de apito para as marcações da dança, e os pastorinhos, de cabeça ao lado e passinho meudo, sentem-se dominados de pensamentos bucolicos.

Fora d'isto apparece um ou outro que se veste de saloio, de inglez ou de guerreiro, e atravessa a cidade perseguido pelos apupos da gaiatada.

Mas no lar do burguez ainda se conserva a verdadeira feição do entrudo. A menina da casa deita papelinhos no pescoço do primo envergonhado, e veste se com o fato do irmão mais velho; e a criada da cosinha não perde occasião de pregar uma peça ao menino da casa.

Ao jantar não falta o peú, nem a carne de porco frita, e o marido para não diminuir a alegria domestica deixa-se enganar com as filhozes, em que elle mesmo ajudára a metter a estopa. Bebe se mais um copinho, porque n'esses dias tudo é excepcional, e a esposa teve o cuidado de se prevenir com uma garrafa do branco.

A's tres horas da tarde o visinho do terceiro andar vem abrir a cancella com uma faca, e surprehende a familia á sobremeza. Apparece na casa de jantar embrulhado n'um lençol, traz na cabeça o chapéo de palha arrendado da tia velha, e a cara coberta de tafetá preto com tres buracos. As gargalhadas dos paes e os guinchos dos pequenos saudam a graça. Dentro em pouco tempo tudo é confusão e gritaria. Aos beliscos seguem se as coegas, as criadas tomam parte na folia, o criado com riso alvar espregueira entre portas, e as mãos do vinho aventurearam se a liberdades extremamente censuraveis.

E' sol posto, a familia prepara se para o theatro, o silencio reina de novo em casa, e o *Gymnasio* ou a *Rua dos Condes* completa os prazeres do dia. Se a familia não tem camarote recebe alguns parentes chegados, e o engraçado visinho não é esquecido. Algumas peças divertem a reunião, e não ha chambre nem coberta, com que as meninas não se mascarem de improviso. Chega o chá; a criada ainda de cabello enfarinhado traz nos labios o sorriso indicativo de que n'alguma das chavenas ha sal em vez de assucar, e para maior difalce diz ao predestinado: — Póje tomar, que não te n nada.

Depois do chá o dono da casa tem a condescendencia de recordar na esquecida flauta algumas contradanças dos seus tempos, e o pavimento treme debaixo dos pés desenvolvidos dos dançantes.

Mais de um casamento e de uma infidelidade toma a sua origem nas mil peripecias do entrudo. O carnavalesco é o caminho de ferro do amor; e só na quarta feira de cinzas é que se olha para traz, e se vê o caminho percorrido.



# NEM TUDO O QUE LUZ E OIRO



No baile, Alonso Peixoto  
Janota de fino tom  
Que nada tinha de roto,  
Nem tão pouco de maroto  
Quiz escolher um par bom.

Seus olhos eram fechadas...  
E não tardou em notar  
Entre as "bellas,, mascaradas  
As fôrmas ultra avultadas  
De um "pierrot,, singular



Leval-a, foi tudo obra  
De dar apenas dois ais.  
Na dansa quasi não cobra  
Alento, que lhe redobra  
O arfar do peito, e do mais.

Pé aqui, pé mais além,  
Quasi a sala toma toda . .  
Não attende a mais ninguém,  
E nem sequer nota bem  
Que o olham de toda a roda.



Depois... Alonso é audaz...  
Convida-a para o "restaurant...,,  
Até n'isso é bom rapaz  
E mostra não ser capaz  
De fazer promessa vã.

Arde em fogo do desejo  
Faz-lhe uma festa na cara...  
A outra deixa sem pejo  
Que elle lhe peça um beijo  
Na sua face pintada.



Mas aqui é que foi Troia,  
Quasi foi o fim do mundo.  
A outra, vendo a tramoia,  
Não se quiz fazer saloia  
E deu um urro profundo.

A "bella,, sahiu-lhe um macho  
De bigodeira tremenda.  
Diz Alonso:— Olha o escalracho!  
E' a primeira em que me acho  
Mas ha de ficar de emenda!



OBRAS  
DE  
MARCELLINO MESQUITA

- Na azenha, contos, 1 vol. br. 500 rs.  
Dôr suprema, tragedia burgueza, 2.<sup>a</sup> edição,  
1 vol. br. 400 rs.  
O Regente, tragedia historica, 2.<sup>a</sup> edição,  
1 vol. br. 400 rs.  
O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.  
Pérola, comedia em 3 actos (no prélo).

A. M. PEREIRA, editor — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa.

Obras de Alberto Pimentel

Editor A. M. PEREIRA — 52, Rua Augusta, 54 — Lisboa

A GUERRILHA DE FREI SIMÃO

Romance historico, 1 vol. br. 500 réis, enc. 700 réis.

VIDA MUNDANA D'UM FRADE VIRTUOSO

Estudo historico, 1 vol. br. 300 réis.

VINTE ANOS DE VIDA LITTERARIA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

AS NETAS DO PADRE ETERNO

Romance humoristico, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

NOITES DE CINTRA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

SANGUE AZUL

(Estudos historicos) no prélo, 1 vol.



**RIR! RIR!**

**Servasio Lobato**

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

# LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.



1 volume de 340 paginas, 3.<sup>a</sup> edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 rs., pelo correio 650 rs.

**LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR**

*52, Rua Augusta, 54 — Lisboa*

**LISBOA EM CAMISA**



# Branco e Negro



NO CIRCO ROMANO

PREÇO 50 REIS

N.º 100

OBRAS  
DE  
MARCELLINO MESQUITA

- Na azenha, contos, 1 vol. br. 500 rs.  
Dôr suprema, tragedia burgueza, 2.<sup>a</sup> edição,  
1 vol. br. 400 rs.  
O Regente, tragedia historica, 2.<sup>a</sup> edição,  
1 vol. br. 400 rs.  
O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.  
Pérola, comedia em 3 actos (no prélo).

A. M. PEREIRA, editor — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

Obras de Alberto Pimentel

Editor A. M. PEREIRA — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

A GUERRILHA DE FREI SIMÃO

Romance historico, 1 vol. br. 500 réis, enc. 700 réis.

VIDA MUNDANA D'UM FRADE VIRTUOSO

Estudo historico, 1 vol. br. 300 réis.

VINTE ANOS DE VIDA LITTERARIA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

AS NETAS DO PADRE ETERNO

Romance humoristico, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

NOITES DE CINTRA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

SANGUE AZUL

(Estudos historicos) no prélo, 1 vol.

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 100

LISBOA, 29 DE FEVEREIRO DE 1898

2.º ANNO

## PORTUGAL PITTORESCO



NOS ARREDORES DE COIMBRA. — Desenho e gravura de J. Pedroso

# Ó PRELUDIO DO «LOHENGRIN»

ENTRE nós a musica wagneriana já tem cultores e bastantes apreciadores, dos iniciados na technica musical; e fóra d'esse limite, entre os desconhecedores da mechanica da grande Arte e que são animados sómente pelo sentimento esthetico, é já numerosa a fange d'admiradores e apaixonados.

Para estes, e que ainda não sahiram de Portugal, a opera Lohengrin, é que melhor concretisa aquella musica, que á medida que a vamos conhecendo, nos enleia ao ponto de já não quereremos ouvir outra.

N'essa opera, o trecho inicial, que é d'uma belleza inexcédível, não é ouvido, diga-se a verdade, no nosso theatro lyrico, já não diremos por entre o silencio religioso dos auditorios allemães, mas com o socego a que esse trecho tem direito... e tambem as pessoas que o de-sejam escutar.

A indifferença e o ruído, por parte d'alguns espectadores, durante a execução d'aquelle trecho mystico (que no final da opera, constitue o fundo orchestral do *racconto*) leva nos a conjecturar que nem todos d'aquelles, lhe conhecem a alta significação.

E' esse sentido que um critico nos explica, na pagina descriptiva, litterariamente bella, que a seguir damos traduzida.

«Na introducção do Lohengrin, tentou Wagner a audaciosa empreza de narrar a lenda do Santo Graal, isto é, a vinda dos anjos trazendo para as eminencias do Monte Salvato o calix que contivera o sangue de Christo; reliquia sublime, arrebatada outr'ora aos homens, e restituída agora pela misericordia divina.

O maestro condemnára-se de antemão, a uma uniformidad: inevitavel e a uma grande simplicidade de effeitos; n'este quadro sem contrastes nem transições violentas, só havia um elemento de iuspiração—a serenidade imperturbavel, a paz, as doçuras ineffaveis da pura luz.

Primeiro vê se apontar a legião etherea que branqueia o espaço; o angelico bando augmenta, desenha-se pouco

a pouco, approxima-se, ouve-se o bater das azas, passa sobre as nossas cabeças, chega á montanha sagrada, e o incomparavel calix é de osto sobre o altar. N'este momento uma alegria enorme derrama-se sobre a terra, os anjos entoam o Hossannah, uma esplendida luz illumina a montanha, e a orchestra inteira faz resoar com estrepito os mais festivos accordes.

Depois tudo serena, as vozes enfraquecem, os mensageiros celestes afastam-se e desaparecem lentamente na profundidade infinita dos espaços.

Eis a scena maravilhosa, cuja representação excede as forças da palavra humana!

Partindo das alturas mais arduas das rebecas, a casta melodia longiqua toma gradualmente um corpo, uma forma palpavel; determina-se e affirma-se passando ás cordas medias, até que as flautas, os oboés e os clarinetes se apoderam d'ella, e a transformam, aproximando-a mais.

Os instrumentos graves juntam-se logo aos precedentes e augmentam a solemnidade do hymno aereo. Uma especie de fremto percorre a orchestra; e, posto que apparentemente nada mude na contextura melodica, presente-se uma apparição fulgurante, uma vigorosa explosão.

De facto, quando já estão abaladas as intimas vibrações da orchestra, os latões entram repentinamente e com a sua foimidavel voz entõem pela quarta vez a melodia angelica. Esta apparece-nos então sob um aspecto inesperado; estoura e retumba como a revelação de um verbo incomprehensivel... Depois faz-se silencio, e um ultimo rasto melodico de luminosa pureza nos leva extasiados ás portas d'onde saíram as candidas phalanges.

Em todo este admiravel preludio, a natureza do pensamento melodico, a sua forma, ritmo e andamento, tudo nos transporta a um mundo que não é nosso, e o quadro que o auctor imaginou avista-se completo até ás menores particularidades.

Inspirações d'esta ordem não se applaudem; o espirito concentra-se, e delicia-se em paz com o antegoso de seus altos destinos.»

## CANÇÃO DA MAGDALENA

Já não ha trigo no meu eirado!  
Já não ha ninhos no meu telhado!  
Tudo abandono!  
Terras sem pão!  
Já no meu horto desamparado  
A laranjeira do meu noivado,  
Ao vir do Outomno  
Cahi no chão!

Meu lar de infancia não se abre agora:  
Está fechado, mas n'elle mora  
Uma ventura  
De luz suave...  
Alli a guardo, prendi-a outr'ora,  
Mas, ao prendel a, fiquei de fóra,  
E em noite escura  
Perdi a chave...

Errei á tóa pelos caminhos,  
E, sob flores, só vi espinhos,  
Como punhaes  
Em mãos aziagas...  
Lacerei n'eiles — pobres arminhos! —  
Venturas, sonhos, — esfiados linhos  
Que nunca mais  
Saráo chagas...

Não tenho amigos, não tenho casa...  
Sou como a pomba ferida n'aza  
Que busca um ermo  
Para morrer;  
Sou... Mas que importa? No peito, em braza,  
Já cae a terra de campa — raza,  
Que vem pôr termo  
Ao meu soffrer.

Que vale ter-se no coração  
O echo alado de uma canção,  
E o amor abrindo  
Em puras flôres,  
Se para o mundo egoista e vão,  
Quaesquer desejos candidos são  
Um sonho lindo  
De falsas côres?...

Atraz do Espirito da Alegria  
Corri de noite, corri de dia,  
Como um mendigo,  
Vádeí aguas...  
— Em vão! chymeras! elle fugia...  
E eu estanquei, n'essa correria,  
O choro amigo  
Que dava ás maguas.

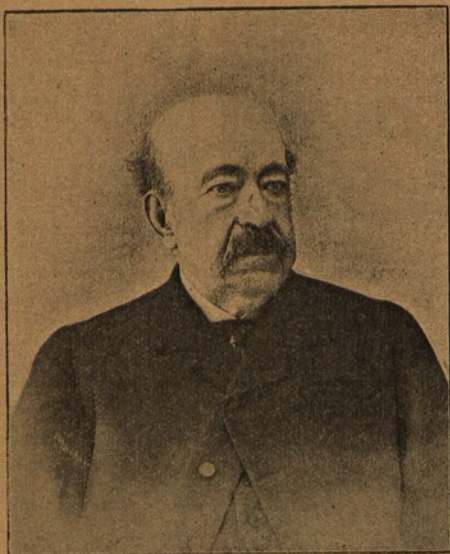
Um bando de homens, n'esses precursos,  
Como alcateia faminta de ursos,  
Saltear-me veio,  
Rugindo em côro...  
Tentei fugir-lhes, mas meus soluços  
Não me deixavam... Cahi de bruços,  
Varado o seio  
Por lanças d'ouro.

# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — RENDAS, RENDAS, aguarella de Roque Gameiro

# CONDE DE S. MARÇAL



**T**HOMAZ Quintino Antunes, o filho de paes humildes, que conseguiu pela força do trabalho vê-se guindado á fortuna, era hoje o conde de S. Marçal, que a morte arrebatou na avançada idade de 78 annos. Com Eduardo Coelho fundou o *Diario de Noticias*. Foi do inicio d'essa empreza que a boa sorte o começou a acompanhar, não o desamparando até ao ultimo sorriso que a morte veiu arrefecer.

Não ha na vida d'esse obscuro obreiro do trabalho uma unica nodoa que lhe empane o brilho; pobre nasceu e aos pobres legou a sua fortuna, n'uma distribuição egualitaria. Lê se o seu testamento e fica-se conhecendo a sua alma. Generoso, bom, sempre prompto a acudir a todas as necessidades e a alliviar todos os infortunios, o conde de S. Marçal era o typo d'essa raça de trabalhadores cujo caracter a fortuna não conseguiu desvirtuar. Todos eram seus companheiros, ninguem seu inferior; podia ter sido um cynico e um avaro, foi apenas um benemerito e um mãos-rotas. Ao pé d'elle não havia desgraças, porque elle as consolava; não havia dôres, porque elle as sabia mitigar.

O pessoal do nosso collega *Diario de Noticias*, desde o da mais elevada gerarchia até ao mais humilde, perdeu n'elle um amigo.

Sentindo a perda do honradissimo velho, acompanhamos os nossos collegas do *Diario de Noticias* no doloroso transe por que acabam de passar.

Do livro que o nosso illustre collega dr. Alfredo da Cunha publicou em 1891, intitulado *Eduardo Coelho, a sua vida e a sua obra*, recortamos o seguinte trecho da carta que o conde de S. Marçal lhe enviou e que é uma completa auto biographia:

.....  
Entre esses trabalhos contavam-se quatro jornaes diarios, sendo um d'elles o *Conservador*, que defendia a politica do conde de Thomar. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda era

o redactor principal: a parte noticiosa estava a cargo de Eduardo Coelho. Foi alli que pela primeira vez nos conhecemos, e travámos a mais cordeal e affectuosa amisade, que durou até á sua morte, e que ainda vive na profunda saudade que consagro á sua honradissima memoria.

D'este convivio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle, a 29 de dezembro de 1864, apparecia o 1.º numero do *Diario de Noticias*. O publico applaudiu a ideia, e desde logo lhe dispensou toda a sua valiosa protecção, contra a qual teem sido sempre impotentes os meios com que, em diferentes epochas, teem tentado aggredil-o a malevolencia e a inveja. Deve a isto o *Diario de Noticias* a sua constante prosperidade, que, ainda assim, não seria talvez tão completa se não fôsse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que, em tão longo espaço de tempo houvesse entre nós uma unica nota discordante.

Hoje que, infelizmente, a morte me arrebatou para sempre o amigo e companheiro lealissimo de tantos annos de lucta e de trabalho, durante os quaes vivemos como se fomos verdadeiros irmãos, e me poz sobre os hombros o pesado encargo de velar pela obra commum, que tantas fadigas e cuidados nos custou, emprego todos os meus esforços para lhe continuar os creditos que justamente sempre tem merecido.

Tenho acabado a tarefa a que me propuz, e aqui tem o meu bom amigo ligeiramente esboçados todos os passos da minha obscura carreira. Mas visto que me dispuz a fazer confissão geral, deixe que addicione ainda alguns pormenores que de proposito deixei para ultimo logar, a fim de não alterar a ordem dos factos.

Por um mero acaso, desde creança que convivi sempre com gente affecta ao systema constitucional, e este convivio constante fez com que muito cedo eu abraçasse essa ordem de idéas, com ardor e enthusiasmo. Mais tarde o tracto intimo com muitos dos homens mais notaveis que haviam batalhado pela liberdade, ou soffrido os horrores do exilio e das prisões, avigorou em mim o culto d'essas convicções, que tem sido o ideal politico de toda a minha vida, e que, já agora, continuará a sel-o enquanto existir, apesar de ter reconhecido pela experiencia de tão largos annos quanto é susceptivel de se abusar d'elle.

Coherente com estes principios, e por inspiração d'elles, não podia deixar de interessar-me pelas coisas do meu paiz. Aos 17 annos alistei-me na guarda nacional, onde fui eleito alferes pelos votos com que me honraram os meus camaradas, e onde servi até á dissolução d'aquella milicia.

Por occasião da supposta guerra com a Hespanha, sentei praça na chamada artilheria da carta, d'onde pouco depois fomos despedidos, com a maior semcerimonia, eu, e todos os que eram reconhecidamente setembristas. Como tem acontecido a muita gente de boa fé, tambem esperdicei desinteressadamente nas luctas da politica partidaria muito tempo precioso que podia ter empregado em coisas uteis. Soffri por muitos annos grande copia de desgostos e de decepções, e só á força de repetidos desenganos me resolvi a abandonar-a para sempre, convencido d'aquelle axioma do velho C. da T. —que a politica se reduz a espertos que querem subir e a tolos que lhes servem de degrau.

De tudo quanto tenho feito nunca pedi recompensa de qualquer especie, nem n'isso pensei. As proprias distincções honorificas que possuo tambem não as pedi, devendo-as unicamente ás solicitações de amigos dedicados.





# UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O CURSO DO 5.º ANNO (DIREITO E THEOLOGIA) DE 1897-1898

Mais um grupo de rapazes a despedir se das folganças de uma vida que é um sonho de beijos, cheia de gargalhadas e de alegrias, d'onde se evolvam balsamos d'amor, como de um jardim florido se alevantam as emanações estonteantes das rosas e das violetas!



Augusto Joaquim Alves dos Santos

Mais um punhado de Esperanças, brincando-lhes ainda nos labios os ultimos cantares da Illusão, que vae tombar em breve no frio côllo da Realidade!

Parece que estamos em vespera de um grande cataclismo. O, nossos corações, a florirem amôr em toda a pujança de uma primavera plena de sol e de ar, de seiva e de luz, parece que se contrahem a uma previsão de tristes acontecimentos; e escondem-se, tementes, floridos, receosos, porque sentem arraigar-se-lhes na delicadeza das suas fibras as raizes de uma saudade nascente e que será immensamente longa e immensamente cruel!...

Com quanta dôr, ai! com quanta magua não olhamos as nossas capas a desfiarem-se ao vento, como se desfiam e despedaçam as nossas risongas esperanças da mocidade que finda ao soprar rijo do vendaval do futuro, cujo horisonte sombrio vemos levantar-se além, a dois passos de agora!...

Dizem que o Mondego, que se alegra e fortalece quando os estudantes voltam, que tem ás vezes furias de leão ferida quando lhe recordam os seus poetas e lhe despertam no peito a saudade por tantos corações que, em doídos cantares e ao som dorido de guitarras gemebundas, lhe verteram no seio o seu amôr ardente, dizem que o Mondego, ahí pelas noites calmas do S. João, profundamente dorido em suas recordações pelo foliar das tricannas que bailam e cantam nas *fogueiras*, e pela falta dos beijos dos seus amantes, chora, soluça, adoece, e entra n'um definho de tysico moribundo; — que o luar o amortalha n'uma dobra do seu manto, e o Choupal se lhe abre, silencioso, triste, em funebre cortejo de esguios phantasmas; — e que assim vae gemendo, inerte, quasi sem vida, o longo delirio de alguns mezes cheios de calma, ... até que nova reboada de alegres andorinhas vem mitigar-lhe o soffrimento, afogando lhe em cantares de amor e serenatas de beijos as saudades que vão passando!

Dizem isto!...

Oh! Mas por enorme que seja a dôr que o Mondego supporte pelos seus estudantes, e por mais tetrico que seja o funebre sahimento dos negros choupos que o levam até fóra da campina, por mais gelada que seja a mortalha em que o envolva o luar, o Mondego tem uma esperança ainda...

A sua dôr não é eterna como a nossa!

Mocidade, mocidade!...

Formam o curso theologico-juridico que este anno se despede da Universidade, uma porção de rapazes altamente briosos e altamente sympathicos, generosos e amaveis. Vivendo harmonicamente e em boa camaradagem, as glorias d'este a todos alegam e, — quem tal sonharia ha vinte annos!... — as colicas d'um encontram consolação nas... colicas dos outros!

Mas, d'entre essa collectividade, alguns se destacam por uma evidente superioridade intellectual ou por uma excepcional cultura d'espírito, de modo a concluirmos que, n'um futuro proximo, se tornarão subidas notabilidades nas lettras, na poesia, no fôro, na tribuna, na musica, etc.

Vamos dizer alguma coisa d'estes nossos condiscipulos, sem que esta selecção involva menosprezo ou desrespeito pelos restantes, onde ha, indubitavelmente, bastantes estudiosos e reconhecidas aptidões.

AUGUSTO JOAQUIM ALVES DOS SANTOS, — de Ponte do Lima. — E' o primeiro da nossa galeria e, com franqueza, sentimos uma força irresistivel que nos obriga a tirar o chapéu.

O padre Santos é minhôto; se acaso não conhece, como os seus patricios, o jogo do pau, vae parallelamente a elles, que são eximios em tal manêjo, no jogo da palavra: é um orador.

Temperamento sanguineo, robusto, capaz de abrir de meio a meio uma carteira ou um pulpito, que lhe aguentam submissos a gesticulação nervosa, rija, implacavel, o padre Santos desabafa, em occasiões de argumentação, n'uma torrente de phrases que são granadas, envolve o adversario em estreito circulo de idéas que são lava ardente.

O seminario e o lyceu de Braga conhecem-lhe de sobejo a rija envergadura; principalmente o seminario, onde, sempre pelo seu estudo e pelo seu talento, durante a frequencia do curso theologico, soube arrancar para si as classificações de *accessit*.

Tendo a honrar lhe o braço a divisa do trabalho, em seguida á finalisação do seu curso ecclesiastico em 1891 fundou em Braga o Externato Academico, instituto de



Arthur Correia Ribeiro

instrução primaria e secundaria de larga reputação na diocese, e exerceu desde 1888, até á sua entrada na Universidade, o magisterio secundario livre. Desde 1891 a 93 repetiu os preparatorios no lyceu de Braga e veiu depois matricular-se na faculdade de Theologia onde tem, como justo premio aos seus elevados dotes de estudante appli-

cado, de orador, de polemista e de erudito, alcançado as mais elevadas distincções academicas.

Entre outras produções do seu vasto talento, espathadas por varios jornaes e revistas, conhecemos lhe:

*Discurso* proferido na Igreja matriz de Ponte do Lima em 24 de maio de 91. — *Discurso sobre a obra de Santa*



Augusto Angelo Villela Passos

*Infancia*, Braga, 1892. — *Dissertação escholar sobre o catôr* publicada no *Escholio*, Braga, 1888. — *O direito divino e o direito humano* analyse critica dos systemas philosophicos sobre a origem do poder social, Porto, 1893. — *A Eucharistia em face da razão e da sciencia*, exposição da doutrina catholica sobre o dogma da presença real — Coimbra, 1897. — *Allocução* no sarau litterario musical offerecido em a noite de 8 de dezembro de 97 no Instituto aos estudantes laureados da Universidade. — Coimbra, 1897. — *Mensagem* dos estudantes de Coimbra aos estudantes gregos, Coimbra, 1897.

Foi membro do *Directorio* do Centro monarchico de Coimbra, e presidente da Academia por accasão da recepção dos estudantes de Lisboa em 97. — E' tambem socio effectivo do Instituto de Coimbra.

Politicamente, dissemos, é monarchico; mas porque... não sabemos se prefere a republica federal á unitaria, ou se deseja o socialismo, venha de lá um abraço e, ao menos, quando eu morrer reza-me uma missa por alma.

ANTONIO PEIXOTO CORRÊA — de Cezimbra. — Sabem o que é passar uma vida, que todos supppõem ser de rosas e de folhas, acorrentado ao est. do e ao duro trabalho de uma *cebanta*? Pois é perguntar ao Peixoto, que conhece quantos livros desbotados e carcomidos ha na Bibliotheca, e o que elles dizem, que sabe muita lei e muita coisa que, quem isto escreve, ignora se ao menos existem.

Peixoto Corrêa é um incansavel trabalhador, e um rapaz de largo futuro pela sua intelligencia e amor pelos assumptos juridicos, o que tudo lhe tem merecido distinctas classificações nos actos universitarios.

Educado no externato do collegio de S. Francisco de Setubal, pertencente aos jesuitas, fez mais tarde o curso theologico no seminario patriarchal de Santarém; depois repetiu os preparatorios no lyceu vindo para Coimbra.

Ferrenho partidario do actual regimen governativo, não perde um momento que se lhe proporcione para, discursando ou escrevendo, defender com *todos as ganas* o throno... que já lá vem do D. Affonso Henriques.

Estás no teu direito. Visto isso, venha lá um abraço e... viva o nosso rei D. Sebastião.

ARTHUR CORREIA RIBEIRO — da Bahia (Brazil). — Este impõe-se, como poucos, á nossa admiração. Logo aos cinco annos, quando se iniciava nos estudos das primeiras letras, sobreveiu lhe uma horrivel enfermidade nos olhos que o privou quasi completamente da vista; assim veiu para Portugal em 1875.

Luctando sempre, por meio das mais aperfeioadas therapeuticas para conseguir que de novo a luz dos olhos lhe levasse ao espirito a consoladora contemplação da

Natureza, a luz foi-lhe voltando, pallidamente, demoradamente, ate que, mercê de grandes esforços, em 87 recomeçou os seus estudos no hoje extincto collegio Pestalozzi, do Porto, concluindo mais tarde o preparatorios. O seu estudo era excessivamente trabalhoso e difficil, como foi o dos primeiros annos do seu curso superior, producto de amidades e compaixões justas mas admiraveis de alguns seus companheiros, e de um grandioso esforço de vontade de tão admiravel alumno: um dos collegas lia lhe vagarosamente a lição e elle, dotado de uma memoria facil, prompta e fidelissima, bem como de uma comprehensão robusta, ia assim fixando e desenvolvendo todos os assumptos! D'este modo alcançou uma distincção em preparatorios e nos actos da Universidade a classificacão final de *nomine descrepante*.

O seu cerebro é um armazem claro de conhecimentos bem dispostos, de leis e de boas doutrinas. De palavra facil e clara exposiçã, appliado e intelligente, o *cego*, que o não é já e em breve deixará de o ser completamente, acostumado desde ha muito a uma concentraçã das suas faculdades, terá um futuro brilhante dando a cada cliente uma victoria certa.

AUGUSTO ANGELO VILLELA PASSOS — do concelho de Cabeceiras de Basto — Um notavel poeta, referindo-se aos versos de Passos, disse que elles tinham mais candura e ingenuidade do que pessimismo. E' exacto. Quem quizer conhecel o bem é lêr o *Maguas*, edição ainda recente, d'onde, pela sua excellencia, foram traduzidos alguns versos para italiano e inglez. Ahi «nas suas paginas áridas e tristes como charneças não dançam os fogos fatuos do Amor. Producto de um espirito revoltado e insatisfeito, corresponde a um periodo de excitações e de soffrimento, que me fez vêr as Almas e as coisas por um prisma singularmente caprichoso e phantastico.»

Poi sim, mas o poeta é que disse a verdade.

O *Maguas* está dividido em duas partes que, pelo enunciado — *Dôres do Mundo* e *Misérias da Vida* deixam adivinhar o seu valor e objecto.

Compoz tambem uma ballada que deve ser cantada por occasião da recita de despedida, e trabalha actualmente n'uma monographia sobre Vasco da Gama.

Foi um dos fundadores do *Cenaculo* e, entre outros jornaes e revistas, tem collaborado no *Argus*, *Myosotis*, *Alvorada*, *Arte Livre*, *A Arte*, *Revista Litteraria*, etc.

AUGUSTO CESAR FERREIRA GIL, do Porto. — Mais outro poeta que deixa o seu nome fundamente vinculado no coração da academia coimbrã.



Augusto Cesar Ferreira Gil

Hão de talvez dizer que nós somos de uma extrema facilidade em conceder honras de poeta, de orador, de artista e do que mais nos parecer a quem quer que seja, e, portanto, levarão em duvida as nossas palavras.

Respondemos appellando para a leitura das obras que vimos citando, para a opinião de muitos que as conhe-

cem e para o testemunho de um futuro mais ou menos proximo.

Se dizemos que Augusto Gil é um poeta, e que poetas e talentosos são aquelles cujos nomes ahi ficam, é porque sinceramente lhes reconhecemos essas faculdades. E se não, vejão :

Interrogando eu o Gil relativamente ao seu livro *Musa Cerula* queixou-se-me de logo no titulo se revelar de mau gosto; e que, se hoje podesse, enterraria sem epitapho esse pobre volume eivado de velhas influencias parnasianas e armado em processos ferrujentos.

Isto, porém, colloca-o n'um campo de sympathica modestia, no meio da qual brilha intensamente a seguinte apreciação feita por João de Deus: = Dou-lhe em consciencia os parabens. N'esta quadra de innovações abstrusas os seus versos constituem um verdadeiro acontecimento.

Na verdade a *Musa Cerula* contém versos de uma concepção surpreendente.

A sua collaboração é tambem abundante pela *Revista Nova*, de Trindade Coelho; *Revista Ilustrada*, de José Barbosa; *Patria*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Portugal*, *Jornal dos Estudantes*, *Universal*, *Novidades*, *Portugal*, etc.

Em via de publicação tem um volume de versos sob o titulo de — *Um livro*.

A sua vida de academico tem sido um sorriso desdenhoso por cima de todas essas frivolidades que enfatuam os orgulhosos baratos...

Já devem ter concluido que é republicano.

**MANUEL DIAS GONÇALVES CEREJEIRA** — de Famalicão — Outro poeta. Creada a sua alma á luz clarissima do verdejante Minho, de muito novo começou as suas publicações nos jornaes academicos *A Patria*, no *Canto Academico* e outros, durante a sua frequencia no lyceu de Braga. N'esta mesma cidade evidenciou-se por occasião dos acontecimentos de janeiro, tomando a direcção da sua classe e fundando uma associação academica, onde se celebravam annualmente palestras scientificas e litterarias, bem como creou um semanario de combate antimonarchico e anti-jesuitico — *A Alma Nova* — que redigiu até que veiu para Coimbra. N'esta cidade foi um dos fundadores do *Cenaculo*, revista critica e litteraria. Teve n'esse anno preparada uma collecção de lyricas — *Cancões Vermelhas* — um bom punhado de illusões juvenis, de cantos ardentes de alegria e rebellião, pautados pelo franco entusiasmo dos verdes annos. Depois, diz elle que por soffrimentos, mas certamente suggestionado pelo decadentismo da epocha, rasgou essa collecção e



Manuel Dias Gonçalves Cerejeira

publicou mais tarde o poema lyrico — *Cinzas*, livro de um subjectivismo torturado, urna preciosa que encerra as suas illusões de moço. A ultima parte das *Cinzas*, intitulada *Caminho d'Amor*, annunciava n'elle uma redempção para a vida.

Hoje, apesar da melancholia em que o seu espirito

parece ainda envolto, evolucionado para uma phase mais humana e positiva, fóra de todas as escolhas, pela sua propria individualidade esthetica e pensante, com uma educação superior, visando o util e a humanidade, sem nephelibatices, n'uma linguagem luminosa e alegre como o nosso sol e o nosso vinho, temperado apenas



Manuel Augusto Granjo

pela sentimentalidade amorosa e aventureira que caracteriza a alma portugueza. tem em via de publicação um livro de poesias *Alma Rebelde*, e um livro de contos em que faz reviver em muitas das suas mais caracteristicas modalidades a alma portugueza e muitos dos pitorescos costumes da vida do nosso povo e das nossas aldeias.

Gonçalves Cerejeira foi um dos membros da commissão academica que, em homenagem a José Falcão, fez a publicação popular da *Cartilha do Povo*, e foi um dos redactores do *Portugal*. Compoz a letra de uma *Balada-Serenata* que, com musica de Mansilha, se encontra vulgarizada por Coimbra. E' auctor da peça — *Os Bohemios* que o actual curso do 5.º anno levará brevemente á scena em cumprimento da velha praxe, e da qual, em occasião mais propria, aqui nos occuparemos desenvolvimento. E' tambem um dos redactores do jornal *O Porvir*, folha republicana de Famalicão.

**MANUEL AUGUSTO GRANJO** — do concelho de Vimioso — Um apaixonado pelo estudo e principalmente pelo de linguas: em Braga, onde cursou preparatorios, foi premiado em inglez e distincto em quasi todas as disciplinas, o que tambem conseguiu no acto do seu 3.º anno juridico. Hoje dedica-se com paixão ao estudo das linguas ingleza e allemã que lecciona, tendo o seu mister de professor sido coroado com um grande numero de approvações e distincções em seus alumnos.

Foi tambem um dos fundadores do *Cenaculo*, collabora largamente em alguns jornaes *Seculo*, *Defensor do Povo*, etc. e revistas, e publicou ha quasi um anno um volume com o titulo de *Emphyteuse*, especie de ensaio juridico-social ao qual a imprensa dedicou palavras muito honrosas.

**ALEXANDRE BRAGA** — do Porto. — Orador de raça, filho do extraordinario advogado portuense que todos bem conheceram pela sua palavra facil e ardente; sobrinho do poeta revolucionario e vigoroso orador Guilherme Braga; pertencente a uma familia de talentosos e de artistas, Alexandre Braga está destinado a ser uma das mais puras glorias da nossa tribuna e do nosso fóro.

A sua palavra fluente, nobre, polida e admiravelmente pensada, cingida sempre á idéa que traduz, a todos encanta e prende, a todos causa respeito e admiração. Nas assembleas mais distinctas, nas reuniões academicas, em delirios de festas, á beira de um tumulto, em frente do povo ou do monarcha, a sua voz não treme, a sua coragem não hesita, a sua palavra não lhe atraição a altivez das convicções, e o seu caracter vae sempre sem transigencia,

# Universidade de Coimbra



O Curso do 5.º anno (Direito e Theologia) de 1897-1898

Segundo uma photographia de José Maria dos Santos

nem receios passando altivamente por entre os preconceitos. usos e dislates que a sociedade requer em larga lista.

Escrevendo, a sua phrase elegante, clara, curta, incisiva, ora envolve uma idéa como perfumadas flôres moldurando um seio delicioso de donzella, ora penetra como aço nas carnes de um corpo que elle se disponha escal-



Alexandre Braga

pellar. A sua proza personalisa-se no meio da proza chlo-rotica e ronqueira das publicações litterarias d'hoje.

Politicamente é um democrata sincero e ardente, capaz dos ultimos sacrificios. Sendo, sem disputa e sem contestação, o vulto predominante do actual Grupo Academico-Republicano, o seu tino, engenho e competencia dão a este uma organização de ordem, de disciplina e de camaradagem que sómente uma tal cabeça seria capaz de produzir e sustentar.

Eis em breves palavras a idéa que em nosso espirito existe pelo condiscipulo que soube despertar em nós uma verdadeira admiração.

As produções do seu talento, seja em artigos politicos seja em litterarios, estão dispersas por varios periodicos, como — *Jornal da Manhã*, *Primeiro de Janeiro*, *Revista de Portugal*, *Jornal dos Estudantes*, *Chronica d'Hoje*, *Heitor Pinto*, *Portugal*, etc, etc.

Das suas orações conhecemos:

Discurso recitado no sarau realisado no theatro de D. Maria, em Lisboa, por occasião das festas a João de Deus. — Discurso pronunciado no theatro de Coimbra por occasião da visita da *tuna* academica de Lisboa. — Outro no theatro de S. João, do Porto, lembrando altivamente ao rei o dever de alargar a todos os condemnados de janeiro a amnistia concedida a parte d'elles. — Oração por occasião da morte de João de Deus. — Discurso politico pronunciado como representante do grupo republicano academico n'um comicio effectuado no Porto em fins do ultimo verão.

Em livro conhecemos lhe os *Versos*, edição fóra do mercado.

Em pamphletos publicou com Guedes Teixeira os *Insultos* (critica de coisas portuguezas), que levantaram vivas imprecações por parte de numerosos academicos, nascidas das asperas apreciações feitas n'essas paginas á decadencia das ultimas gerações academicas.

MANUEL TEIXEIRA DE SAMPAIO MANSILHA — de Alij —

Desde ha muito que andamos a matutar de que seria feito o berço em que este rapaz foi embalado; e até á data d'hoje, ainda só chegámos á conclusão de que havia lá muita penna de pomba branca, muita aza de rouxinol; que o acalentavam cantos de cotovia e meigos arrulhos de rola; e que esse seu leito de infancia era suspenso do ceu por delicados fios de sol e de luar polidos e vibrantes como as cordas da sua guitarra. E porque o Mansilha tem uma alma formada de todas as perfeições, e porque, de-de que o conhecemos, desde ha muitos annos, lhe temos notado uma doce melancholia que o olhar e o tracto não podem esconder, vamos con-

tinuando as nossas investigações a ver se alli andarã tambem algum Amôr. .

Porque, — e não o neguês, — só o Amôr pôde inspirar as harmonias da tua musica tão meiga.

Manuel Mansilha tem 20 annos apenas. E' transmontano. Se, como tal, não tem a musculatura de Samsão, tem uma cabeleira muito mais negra e mui'o mais catita; e se não tem pulso para, como aquelle, atirar com mil philisteus *para as malvas*, vou em apostar que seria capaz de resuscitar esse acampamento de mortos ao som dulcissimo da sua guitarra. A sua musica inebriante, sentida, meiga, derrama no seio de quem o ouve uma torrente de balsamos, envolve-nos a alma em sonho de amor e de ventura. Attestam-o Lamego, Vila Real, Figueira, Leiria, Vizeu, Braga, Thomar, Coimbra, etc., cujas plateias, com chuveiros de ovações e tiroteios de beijos, lhe fizeram a justa recompensa ao seu merito de artista.

Durante as ultimas férias de Paschoa percorreu algumas cidades do norte com o seu grupo *Manuel Mansilha* e tem acompanhado a *tuna* academica tocando bandolim.

Possue abundantes composições da sua lavra, umas publicadas outras popularisadas. Delicioso em qualquer genero da sua arte tão querida, a sua especialidade são os *fados*, que elle executa com perfeições inexcitáveis.

A musica da recita que o curso levará este anno á scena é quasi toda devida ao seu talento. De resto faz tambem, e com arte, o seu versinho e é um estudante applicado; do que é prova o seu adeantamento em face da sua pouca idade.

N'uma palavra: — O Mansilha é um artista. Sabendo de todos os instrumentos, pecca, porém, pela mais absoluta negação de embocadura para um em que eu, tambem, nem ao menos a escala dou: — é o bombo.

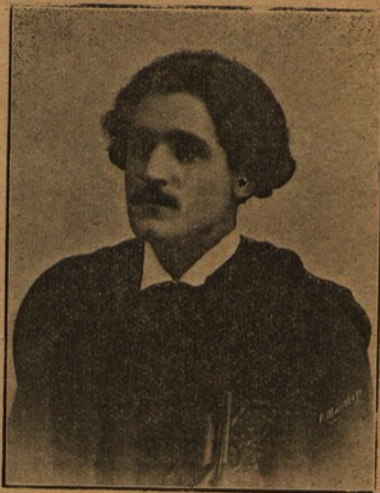
Alóra este é pedir por bocca.

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA, — de Lamego. — O lyrico adorado das ultimas gerações academicas.

Quem não conhece os seus versos, bellos de inspiração e de sentimento, onde a sua alma se espelha como a pureza de um céu d'alvorada na mansa agua de um lago?!

O Fausto não se confunde; o seu temperamento *hors ligne* de poeta torna-o uma individualidade distincta no meio da geração litteraria d'hoje.

Alma aberta a todas as dedicações, capaz de todos os affectos, elle é um *simples* que tem um amigo e um admirador em cada condiscipulo, em cada individuo, estudante ou não, que tenha a ventura de tractal-o.



Manuel Teixeira de Sampaio Mansilha

Falam mais alto do que estas linhas as suas composições de mestre e os seus livros adoraveis.

A fóra muitas produções publicadas em jornaes e revistas, e outras ineditas, deu a publico duas colleções de lyricas — *Livro d'Amor* e *Mocidade Perdida*: n'elles predomina o pessimismo decadista de Baudelaire e Ver-

laine, de cuja influencia se resentem quasi todos os novos. Tem no prelo o poema *Esperança nossa* e prepara do um volume de lyricas — *Eu* — e um livro em prosa — *Cabeça Tonta* (sobre Coimbra).

Fausto Guedes Teixeira é filho do fallecido visconde de Guedes Teixeira, antigo governador civil e director da altandega do Porto, e uma das figuras mais salientes do partido regenerador no tempo de Fontes Pereira de Mello.

CARLOS DE LEMOS — de Villa Marim (Mesão Frio). Conhecemol o ha uns doze annos em Lamego, mas o destino separou-nos e perdi o de vista; vim depois encontrar-o aqui, mas com um grande nome e cheio de glorias.

Tendo seguido o curso de preparatorios para a vida ecclesiastica, fez ainda os 1.º e 2.º annos do curso theologico no seminario de Lamego, repetiu depois os preparatorios no lyceu e veiu para Coimbra em outubro de 91. Hoje, porque conhece bem a vida em suas modalidades, porque é dotado de um singular temperamento d'artista, e por que possui profundos conhecimentos de todas as obras primas das litteraturas antigas e modernas, é justamente considerado como verdadeiro poeta philosophico, á guisa de Anthero de Quental. D'isso são documento as *Miragens*, dadas á estampa em 1893, com uma *coroa* de Anthero de cujos sonetos (1.ª parte), inspirados nas *Antherianas*, alguns se podem enfileirar ao lado d'alguns dos nossos melhores poetas. Sobre este livro o auctor sustentou na imprensa accessa lucta rebatendo a critica que lhe era feita. Um dos sonetos das *Miragens* acha-se traduzido para sueco, n'uma obra que um notavel poeta escandinavo formou de algumas poesias selectas de poetas estrangeiros.

Por occasião dos *Insultos*, a que já nos referimos quando falámos de Alexandre Braga, publicou n'um folheto — *Os Insultos e a academia* — collocando a questão no seu devido campo e mostrando a sem razão de quem pretendia rebater por meios menos licitos accusações que elle julgava infelzmente verdadeiras.

Em 1897 publicou a *Georgias*; contra este poemeto levantaram-se acres apreciações no *Diario de Noticias* pelo dr. Sousa Viterbo, na *Voz Publica* por José Caldas, e no *Reporter* por Abel Botelho e Candido de Figueiredo, criticas que elle repelliu corajosamente na *Turde*. O poeta italiano Tomazzo Canizzaro propõe-se traduzir para a sua lingua patria esta obra de Carlos Lemos.

Ultimamente publicou uma *plaquete* com o titulo de *Bucolica*, onde, em versos deliciosos, descreve a felicidade do lar pela qual ha tanto suspirava o seu coração amoroso e sonhador.



Fausto Guedes Teixeira

Prompta a entrar no prelo tem a *Palmyresnia*, faltando apenas que o illustre artista viziense Almeida e Silva lhe conclua as illustrações.

Em preparação tem um volume de versos — *Bemaventuranças*, serie de poemetos em que procura justificar a

Vida pelas horas de felicidade que ella dá mesmo aos mais desgraçados.

A sua collaboração encontra-se tambem em varios periodicos: Em Lamego, no *Affonso Henriques*, *Cosmopolita* e *Impar ial*; dirigiu com outros academicos o *Cysne*, as *Mniaturas* e a *Revolução* de que apenas deixaram



Carlos Fuzzeta

sahir um numero. Em Vizeu redigiu a *Mocidade* e collaborou na *Democracia* e na *Fonsa*. Em Coimbra dirigiu com outros a *Reacção*, collaborando em varias revistas. Actualmente, com os trabalhos bastante difficeis dos seus estudos de frequencia accumulada as graves responsabilidades de professor do lyceu de Coimbra.

CARLOS FUZZETA — d'Olhão. — Na allucinação mysteriosa d'um sonho, sedento de justiça, parece, ao vel o, andar embalada a sua bella cabeça do mais puro peninsular. E' que dos seus olhos ungidos da serena e altiva limpidez de luctador se desprende todo um novo mundo aberto aos ideaes mais puros da justiça e da verdade.

Alimentando na alma o fogo da mais santa religião em prol dos opprimidos, elle pertence á onda crescente que crê na indiscutivel necessidade d'uma completa transformação social, em que os espiritos desafoguem na mais pura liberdade, e os homens se abracem economica e moralmente na mais fraterna e justa egualdade.

E assim é que sob a perspectiva do seu quarto d'estudante, todo em revolta — se destaca a figura sympathica do querido mestre Benoit Malon, por quem elle nutre o mais acrisolado respeito como verdadeiro apostolo do nosso credo social. Imprimindo aos seus estudos o cunho de uma orientação segura, e tendo a dar vida ás suas idéas a palavra quente do verdadeiro algarvio, ha em todos nós que o conhecemos uma ancia em o escutar, que das suas palestras intimas, tão cheias de colorido, ficará sempre a gratissima recordação do companheiro amigo.

Laureado em varios annos da sua vida academica, despidido de preconceitos e de vaidades baratas, propria das noveis edades, ao deixar ámanhã a vida agitada de rapaz continuará com a mesma fe a avigorar-se lhe a crença na lucta sacrosanta das reivindicções sociaes, encarnando em si essa virtude superior á da patria — a da hum anidade, como diz Mably.

Quando todos nós no descuido da mais doce idade, nem pensamos ainda em temperar as armas com que mais tarde temos de descer á arena a travar insana lucta com a propria existencia, já n'essa idade, no principio da sua juventude, o vemos entrar altivo na viva peleja da imprensa republicana, deixando como as primeiras efflorescencias da sua bella intelligencia as mais vigorosas affirmações na *Justiça de Lisboa*, no *Futuro d'Olhão* e ainda em outros jornaes, como no ultimo e vigoroso campeão academico de Coimbra — *O Portugal*.

Do compromisso que vae brevemente tomar com o publico, annunciando a primeira das suas obras — *Introdução ás sciencias sociaes*, para a qual de ha muito que

trabalha, nada diremos, porque acima da verdade com que são dictadas estas linhas falará mais alto o seu valor, quando a publico apparecer.

Quanto a nós, ao despedirmo-nos do companheiro com quem durante cinco annos estreitámos a mais leal e viva camaradagem, temos apenas a pedir a uma das mais bellas qualidades da sua alma — á sua modestia — que nos perdôe o que para ahí fica, bem filho da justiça e da mais evidente sinceridade. (1)

(1) Estas linhas dedicadas a Carlos Fuzzeta, e ás quaes nós nos associamos por serem a traducção de uma verdade por todos reconhecida, são devidas a penna do nosso condiscipulo Valentim da Silva.

Algumas das photographias que acompanham este nosso artigo, as unicas que podemos obter, são devidas á captivante amabilidade do eximio photographo sr. José Maria dos Santos, de cujos antigos *ateliers* sahii tambem o magnifico grupo do curso que damos á estampa. Aquelle nosso amigo conseguiu obter um grupo completo, perfeito e bem trabalhado, com o qual brinda os quintanistas que se utilizarem dos seus serviços.

Fevereiro de 98.

ALEXANDRE DE MATTOS.

## DE VOLTA

(Ao ex.<sup>mo</sup> sr. A. A. de Gamboa)

Finalmente, tinha-o em seus braços, apertando-o n'um doce transporte d'amor materno, ha tanto tempo recalçado pela impossibilidade absoluta, tão longe d'Elle, o coração opprimido de angustias, receiosa d'um mau des-tino.

Tinha-o alli, o filho amado, junto d'e'la, dando-lhe toda a felicidade possivel na vida, envolvendo-a n'um suave nimbo de luz — como se uma estrella viesse do céu, pura e luminosa, e poisasse, tremulejante, a seus pés — abrindo-lhe o coração a todos os affectos n'uma doçura infinita.

Ah! Quantas torturas por que passou durante aquella ausencia, quantas lagrimas não vieram queimar-lhe as faces, n'um dilacerar d'alma saudosa, quantos soluços abafados pelo impossivel no silencio das suas horas de melancolia funda, o pensamento erguido ao Deus Misericordioso n'uma prece fervorosa, crente e agradecida!

Via o longe, muito longe, sob um sol inclemente, em terras inhospitas — onde o levava o destino — cheio de tristeza tambem no seu isolamento, o rosto nublado, o olhar ansioso procurando o céu da Patria onde, muitas vezes, julgaria vêr reflectir-se a luz do olhar de sua mãe — á mesma hora suspenso no mesmo ponto do céu.

Outras vezes eram presentimentos funestos: uma doença... as febres palustres d'aquelle clima doentio... e parecia-lhe vê-lo já atacado do terrivel mal, os olhos amortecidos, as faces pallidas e encovadas, o corpo a vergar-se para a terra n'um alquebramento dolorido, sem que mão amiga se extendesse a amparal-o, sem que um olhar amoroso o envolvesse, acariciando-o, sem que uma palavra terna e affectuosa lhe fizesse esquecer um pouco a doença que o magoava!

E ficava se, então, prostrada, anniquillada, n'uma impotencia reconhecida, os olhos marejados de lagrimas, extendendo os braços no vacuo — onde não encontrava o filho que queria socorrer, apertando-o contra o seio, dando-lhe a beber, no seu amor, o balsamo refrigerante ás dôres que o alanceavam, fazendo-o recuperar a saude por um acto espontaneo da vontade — submettida ao receio de vêr perigar tambem a saude d'ella.

Era possivel, santo Deus! crear um filho com tanto desvelo, dar-lhe vida com a propria vida, sentir o coração rasgar-se, fibra a fibra, ao mais pequeno incommodo do entesinho que alli dorme no seu pequenino berço; trazel o mezes e annos nos braços junto ao seio que o alimenta; ouvir-lhe o primeiro balbuciar, doce como o arrullo de passarinhos; ensinar-lhe as primeiras falas que nos seus labios, pequeninos e rosados, tilintam como perolas a cair n'um taça de ouro; vêr-lhe os primeiros sorrisos n'um lyrismo d'aurora primaveril; aspirar-lhe o halito puro e aromal como o dos lyrios entreabertos; rir quando elle ri, chorar quando elle chora, soffrer quando elle soffre; ter anseios, sobresaltos, duvidas, esperanças, sonhos... — para vê-lo um dia tão longe, soffrendo, só-sinho, fóra de todo o conforto suave e affectivo, que só as mães sabem prodigalisar, porque só ellas teem o segredo do infinito e mysterioso amor?

Mas, finalmente, tinha-o em seus braços. Estava alli, junto d'ella, cheio de vida, longe do sol inclemente das terras inhospitas — onde o levava o destino —; ouvia-lhe a musica da fala, sentia-lhe o palpitar do coração, bebia-lhe a luz do olhar, e um encanto sobrenaturalisado enchia tudo, irradiava de tudo, n'um chromatismo hilariante!

Não eram mais as horas desalentadas do receio e da duvida, a espaços cortados pelo prefulgir da esperança, as horas em que a saudade vestia de roxo a terra e o céu, a casa onde vivia e os horisontes que se dilatavam, em que as flores pendiam murchas das hastes sem vida, e as estrellas se debruçavam do céu tremulas e pallidas... mas horas risonhas, em que a ventura sorria a todas as almas, e n'que a saudade se diluia n'uma doçura infinita e embaladora, em que os affectos tranbordavam do coração luarisado de sonho, e uma harmonia divina cahia docemente do céu claro e purissimo, como se um côro d'anjos viesse do alto, cantando nas suas lyras d'ouro e cristal o eterno Poema da Felicidade!

Janeyro de 1898.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

## DE VIAGEM

(NA RUSSIA)

Pino do inverno. Atroz! Tri-te paiz, a Russia!  
Da nortada cruel a vergastada fina  
Zune, açoutando em cheio a face crystallina  
Do gelo. E tu, que vaes na capa de pellucia

Envelta e agasalhada, ó minha pobre Lucia,  
Deixas sómente a meio a face alabastrina  
Apparecer. O azul fecha a immensa cortina  
Ao luar. Unicamente a intrepidez e a astucia

Conseguem que o trenó vença a estrada sombria.  
Os tres cavallos são de estranha valentia;  
Afflando vôam sobre os caminhos gelados.

Uma fita de prata ao longe ondeia — é o Neva.  
E, seguindo o trenó, brilha na espessa treva  
O flammejante olhar dos lobos esfaimados!

FILINTO D'ALMEIDA (Brazileiro).

# O CROUP

## I



**I**DALINA, a costureira, vinha trabalhar para nossa casa. Eram esses os melhores dias para mim. Como a saleta era pequena, levava-a para o meu quarto. Vejo-a ainda, a boa Idalina, trabalhando junto da janella, com os pés poisados n'um banquinho, e os labios sempre sorridentes. Emquanto enfiava a agulha, falava-me de sua familia, do marido que era empregado nos Correios e dos filhinhos que educára com grande esmero. A força de coragem, vivia n'uma certa mediana e sempre alegremente. Depois de me contar as suas amarguras passadas, a sua larga face illu-

minava-se e entoava então com toda a sua voz clara, uma canção, enquanto puxava a agulha.

— Sabe, disse-me ella um dia, que na vida ha felicidade para todos ?

— Felicidade para todos ? E' muito consolador isso, minha boa Idalina ! respondi eu, porque tudo quanto me dizia aquella digna creatura, me fazia reflectir ; mas não ignora decerto que ha gente muito infeliz.

— Porque não amam ninguém. A culpa é d'elles.

— Mas o anno passado, quando o seu filhinho esteve á morte, se o não amasse tanto, teria soffrido menos.

Comprehendia perfeitamente que dizia uma tolice, mas gostava muito de a ouvir falar de si e dos seus.

— Ess'agora ! Está a mangar commigo. Ha de saber mais tarde que o que acaba de dizer é puro engano. Os nossos filhos causam nos grandes dóres mas dão nos tambem grandes alegrias !... Sempre queria que me dissesse n'aquella occasião : Não ames tanto o teu filho, tola ! Olha que vaes cahir doente !... Toda a minha vida se concentrava na pobre creança que tinha nos joelhos, meio morta, fazendo-a respirar artificialmente, porque ella nem forças tinha para isso ! Tinha as faces entumecidas e as mãos amarellas como cêra... Estava em grande perigo, o querido filho. Não desfitava os olhos de mim. Era como se me arrancassem o coração ! Eu sorria-lhe sempre, sabe Deus com que gosto, e só chorava ás escondidas para que elle me não visse... O meu pobre homem estava constantemente ao pé d'elle, de joelhos, cantando-lhe as cantigas de que elle mais gostava quando estava bom. Quando havia uma passagem mais alegre, via-se bem que o pobresinho queria sorrir, mas que não podia.

— E como se curou elle ?

— Espere. Vou contar-lh'o. Foi um verdadeiro milagre.

## II

E a boa Idalina continuou :

— Sim, foi um verdadeiro milagre encontrar um homem com tanta sciencia, tanto coração, tanto talento, como o medico que o tratou. E' um grande homem ! Conhece-o tão bem como eu : é o doutor Faron... Está espantada, não é verdade, por saber que foi elle que operou o nosso pobre filho ? Vendo que o pequenito morria, o meu pobre homem foi ao guarda fato, tirou de lá o seu melhor casaco e o seu melhor chapéu e vestiu-se com o melhor que tinha.

— Onde vaes ?

— Chamar o doutor Faron.

«Foi como se elle me dissesse : Vou buscar o ministro da fazenda.

«— E julgas que o doutor Faron virá ? Vão pôr-te no olho da rua... Verás.

«Era tempo perdido dizer-lhe mais nada, porque já elle descia as escadas a quatro e quatro

«Fiquei só com o meu querido filhinho. Elle não queria ficar na cama, só se achava bem nos meus braços, embrulhado em cobertores. Eu pensava : Não ha esperanza ! Não tardará a fechar os olhos para sempre ! Retinha a respiração para auscultar a sua que cada vez era mais difficil e sibilante.

«Passada uma hora, ouvi subir rapidamente a escada. Não eramos ricos e moravamos n'uma agua furtada. A porta abriu-se e appareceu o meu pobre homem. Vinha n'um lago de suor e mal podia falar.

«Cem annos que viva verei sempre a expressão do seu rosto, quando me disse :

«— Como está elle ?

«— Na mesma. E o medico ?

«— Não tarda ahi.

«Como me fez bem esta resposta ! Pareceu-me que a creança estava salva. Se soubesse quanto se ama aquellos entinhos tão queridos ! Beije o pequenito, beije o pae, ria e chorava ao mesmo tempo ; já não duvidava de nada. E no entanto, tudo era illusorio, porque o doutor Faron podia não vir. Perguntei a meu marido :

«— Encontraste-o em casa ?

«Contou-me então em voz baixa tudo o que tinha feito, interrompendo-se de vez em quando, para enxugar a testa e tomar a respiração.

«— Corri ao hospital das creanças, porque esperava encontrar o alli. O porteiro mostrou-me uma porta baixa ao fundo do pateo de entrada. Entro, e vejo-me n'uma nuvem de fumo no meio de uma duzia de rapazes que fumavam e riam como peididos.

«— Que deseja, meu caro senhor ? perguntou-me um d'elle, muito alto, com um grande avental e um bonnet preto. E vendo a minha cara afflicta, levou-me para um canto. «Que tem ? Diga.» «— Vinha procurar o doutor Faron para salvar o meu filho que está atacado do croup. Não sou rico, mas darei tudo quanto possuo...» «— Não se apoque. Esteja descansado.» E dizendo isto, tirou o avental e o barrete e poz-se a escrever. «Leve depressa esta carta a casa do doutor Faron. Deixe a sua morada.»

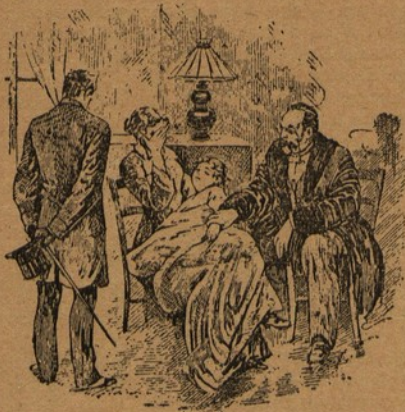


...estava constantemente ao pé d'elle, de joelhos

— Ah ! como é bom, meu caro senhor ! — Tel-o-hia abraçado e beijado. «Ande, corra, meu bom amigo. Avie-se.» Corro a casa do doutor com a minha carta. Andava por fóra. Disse ao creado : «Não sabe onde estará seu amo ?» Não sei, respondeu-me elle bruscamente, querendo fechar-me a porta na cara. Tinha sempre deante dos olhos a imagem do nosso pequenito. Empurrei a porta e acho-me na ante-câmara. «Escute-me : venho da parte de um dos seus internos do hospital. Diga-me onde encontrarei o doutor Faron, por amor de Deus.» Eu não tinha o ar de estar a caçoar, porque o homem deu-me o endereço desejado, ajuntando : «Deixe-me em paz e feche a porta.» Corro a bom correr e chego á rua de Lille. O pateo estava cheio de carruagens e todas as janellas brihavam como soes ; não hesitei e disse de mim para



mim: O pequeno morre! O pequeno morre! Um velho creado introduziu-me na ante-câmara. «O que deseja?» «Quero falar ao doutor Faron. Preciso absolutamente de falar-lhe. Diga-lhe isto, por Deus!» O velho olhou para mim; depois, disse-me com doçura: «Sente-se um instante. Visto que é coisa de tanto cuidado, vamos a vê-lo que se poderá fazer.» Não sei porque, mas vendo-me alli no meio de tantos creados que giravam com luzes de um lado para o outro, senti as lagrimas correrem-me dos olhos. D'ahi a pouco vi entrar na sala um sujeito que perguntou com voz brusca: «Onde está o homem que



— E' preciso operá-o. Já não é sem tempo!

me procura?» Vi-me logo n'um canto da sala e comprehendeu toda a minha dôr, porque me olhou um instante, abriu a carta que lhe entreguei e disse-me com uma voz cheia de bondade e de doçura: «Oh! que bello homem!... Vá para sua casa, meu amigo. Salvarei o seu filhinho. Coragem!»

### III

«Mal meu marido tinha acabado de contar-me tudo, continuou a boa Idalina, quando ouvi alguém subir a escada. Era o medico!

Ao entrar, disse com uma voz de trovão, que abalou as vidraças:

«— Que bom Deus os abençõe! Por pouco que não dava cabo da vida nas suas escadas. Onde está o pequeno?» «— Esta aqui, meu bom, meu caro senhor doutor!

«Não sabia como tratá-lo. Olhava-lhe para o sobretudo, para a sua gravata branca e para uma enfiada de cruzinhas que lhe pendia da *boutonnière*, como um molho de chaves. Tirou o sobretudo e o chapéu, e aproximando-se de meu filho, pegou n'elle ao collo com tanta meiguice como uma mãe não o teria feito melhor; depois, encostou a cabeça ao peito e as costas da creança. Eu olhava-o para descobrir nos seus olhos o que elle pensava, mas não vi nada, porque estes homens de sciencia têm o costume de não ser sensíveis senão interiormente.

«— E' preciso operá-o. Já não é sem tempo! disse elle.

«N'aquelle momento entrou o *interno*. Aproximou-se do doutor e murmurou:

— Não está zangado commigo, mestre, por o ter incommodado?

— Não. Prepara tudo quanto é preciso.

E ambos se puzeram á obra.

Emquanto meu marido girava de um lado para o outro, com a cabeça perdida, o medico preparava sobre uma meza uma especie de colchão e o discipulo dispunha pequenos fios de linho...

Quando tudo ficou prompto, o doutor Faron pegou no pequenito que eu tinha nos braços e deitou-o sobre a meza; depois disse a meu marido:

— Segure-lhe bem a cabeça... Sua mulher que lhe agarre nos pés e José me dará os instrumentos.

«Meu marido estava pallido como a morte; vi-o approximar-se da pobre creança. A sua mão tremia. Eu disse ao doutor:

«— Meu bom senhor, deixe-me segurar a cabeça... Eu não tremo!

«— Veja lá, pobre mulher!...

«— Não tremerei... juro-lhe.

«— Então... faça-se a sua vontade.

«E acrescentou, sorrindo com benevolencia:

«Hei-de salvar o teu filhinho, minha filha. Tens coração e mereces-o bem!

«... salvou-m'o, o querido e digno homem; salvou-m'o como se o tivesse ido buscar ao fundo de um abismo.

«Como tinha feito, para não tremer, é o que não sei. Fiquei rigida. O que é preciso, é preciso. Vi todos os pormenores da operação. Por fim, o doutor Faron voltou-se para mim:

«— Beije-o, minha filha, e deite-o na sua caminha... José vai passar a noite aqui... Virei amanhã de manhã, antes de ir ao hospital. Por agora, não ha mais perigo.

«Vestiu o sobretudo, poz a gravata, e quando ia a sahir estendeu a mão a meu pobre homem, eu agarrei-lhe na outra e enchi-lh'a de beijos. Era de certo uma estupidez, mas não reflecti. Elle deu uma franca gargalhada e, voltando-se para meu marido:

«— Não tem ciúms, meu amigo? Não vê sua mulher que me faz a côrte? Vamos, vamos... Boas noites!

«No dia seguinte foi a nossa casa ás cinco e meia da manhã, fisco e barbeado. Levava quatro garrafas de velho Bordeus; duas nos bolsos e duas nas mãos.

«— E' preciso que o pequenito beba isto. Que tal passou a noite?

«— Muito bem, mestre, respondeu o senhor José, magnificamente.

«Eu chamo-lhe «o senhor José» mas soube ao outro dia que também elle era um famoso medico e sobrinho do doutor Faron. Mas dizia sempre: «Sim, mestre; não, mestre», como um militar que diz: «Sim, meu general; não, meu general.» E foram lá a casa durante toda a semana. Quando ouvia o carro rodar na rua e parar depois á minha porta, dizia de mim para mim:

«— Como fazer, meu Deus, para lhe pagar?

«Tínhamos perguntado a toda a gente e soubemos que o doutor Faron tratava millionarios e ganhava milhares e milhares de francos. Tínhamos algumas economias na caixa economica. Eu pensava: «Se elle pede o dobro ou o triplo? Que fazer?» Soffria horrivelmente. Uma manhã que meu marido estava presente, enchi-me de coragem e disse:

«— Senhor doutor, tem sido tanta a sua bondade... Salvou a vida do nosso filhinho...

«— Posso gabar-me d'isso, minha filha. Mas é essa a minha profissão: curar os pequenitos.

«— Mas não os que moram n'uma agua-furtada da rua da Serpente.

«Conduzia-o pouco a pouco, ao ponto principal.



... agarrei-lhe na outra e enchi-lh'a de beijos

«— Como? Porque não esses? Que está para ahí a dizer?

«— Tem um bellissimo coração, senhor doutor, mas emfim... agora que o pequenito está salvo... nós não somos ricos... mas...

«Sentia que estava vermelha como a crista de um gallo.  
«— Quer pagar-me? Pois bem: não me devem absolutamente nada... Estão contentes?

«— Ora essa! que diz, senhor doutor? Não queremos de maneira nenhuma...

«— Deixe-nos pagar lhe conforme pudermos, meu bom senhor! dizia meu marido.

«— Oh! eu não quero humilhá-los. Querem pagar-me? Pois bem, paguem-me. São vinte francos! E deixem-me em paz.

«Era curioso olhar para elle quando fingia uma grande colera.

«— Deixem-me em paz, já lhes disse! São vinte francos, nem um centimo menos... Domingo que vem, vista o pequeno e tenha o prompto ao meio dia. E' preciso que elle tome ar e dê um passeio pelo Bosque de Bolonha, de carro. Virei cá buscá-lo.

«— Oh! sr. doutor, o sr. é bom como o bom Deus!

«— Caluda!... Depois do passeio o pequenito levar-me-ha o dinheiro a casa... Fica assim combinado.

«E na noite d'aquelle dia, recebiamos um outro cesto de garrafas de Bordeus.

«Vinte francos! vinte francos! Nem sequer era a vigesima parte do que lhe deviamos. Mas era para não nos humilhar.

«Como elle não queria grande paga, quiz fazer-lhe um presente. Comprei panno, o que havia de melhor em bretanha e fiz-lhe uma magnifica duzia de camisas!»

— Mas como é que poudes obter a medida? perguntei a Idalina.

— Ah! isso deu-me trabalho; mas quando metto uma coisa na cabeça, não recuo. Fui ter com o creado do doutor, que me tinha levado as garrafas de vinho e disse-lhe que o seu patrão me tinha incumbido de ir ter com a sua lavadeira, para lhe tratar da roupa branca. Logo que tive a morada da lavadeira, disse a esta que o doutor me tinha encommendado camisas eguaes áquellas que ella lá tinha n'aquelle momento para lavar. Tomei todas as medidas, cortei um molde do collarinho, dos punhos, do peitilho — de tudo, enfim. N'aquelle epocha estava cheia de trabalho; mas as camisas do doutor estavam em primeiro logar e não descancei nem de dia nem de noite, emquanto as não fiz. Dizia de mim para mim: Ah! não te queres pagar? Pois bem, nem por isso hei de deixar de perder as noites por tua causa! E trabalhava, trabalhava! Compreende bem que queria fazer obra perfeita. De resto, sabe bem como eu trabalho quando quero... Mas estou para aqui a tagarellar e atrazo a sua obra...

E a boa Idalina tirou do peito cinco ou seis alfinetes que metteu na bocca.

Trad.

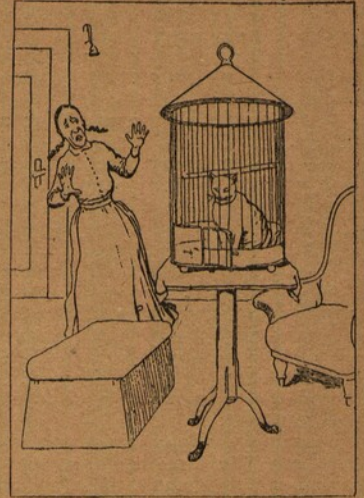
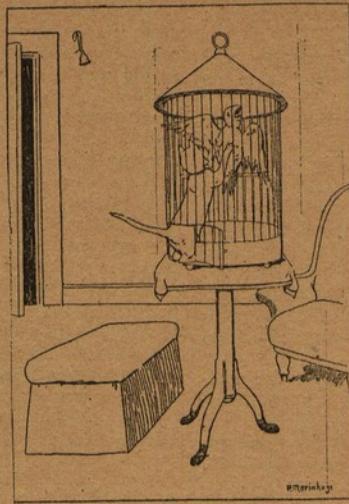
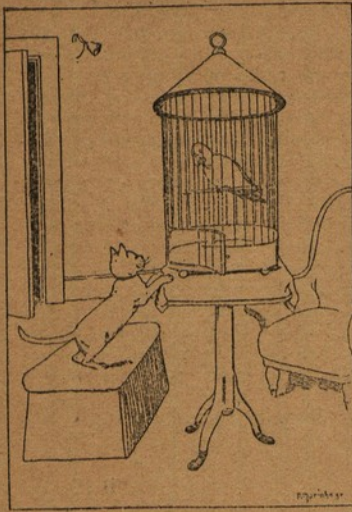
BOB.

## PELO MUNDO



TERNATE — UMA CASA HOLLANDEZA

# UMA METAMORPHOSE



## COISAS ALEGRES ACTORES DE HONTEM

**R**omão era homem dado a amores e a aventuras; tinha uma bagagem permanente de raminhos de flores, e de cartas maviosas: nunca passou tantos bilhetes de beneficio, como bilhetes de amores. A legenda apontava uma lista abundante de favoritas d'este imperador do ensaio. A verdade é que elle ensinava as actrizes, com immenso gosto, e que esse gosto augmentava em ellas tambem gostando d'elle. Fez prodizios. Não havia discipula formosa, que a varinha magica d'este ensaiador, que parecia querer perpetuar o capricho galante dos faunos, não transformasse, a poder de dedicação, em artista distincta. Depois, como sempre foi homem intelligente, sinceramente afeiçoado ao theatro, tendo o zelo e o fanatismo da arte, ainda que acabasse o amante, continuava o ensaiador, e ia as auxiliando sempre com as suas lições, elle que nor um momento estiyera a ponto de as desvaivar com o ensinar lhes o jogo das paixões nas praticas da vida, mais arriscadas ainda que as do palco!

O gordo Pereira!  
Homem por excellencia!

Bom igualmente á mesa, ao cavaco, e no tablado.

Para elle a difficuldade de um papel consistia simplesmente em o decorar. Uma vez aprendido de cór o papel, dizia o para alli de corrida como um rapaz a papaguear a lição, e suppria pela sua graça natural o que devia ás vezes á peça e ao personagem. Era jovial, convivia, e bebedor audaz. Tinha a casa cheia de livros; muitos em lingua que nem elle sabia. Levava o para as letras e para o talento uma sympathia irresistivel: depois do talento e das letras, essa mesma sympathia levava-o para o vinho. De uma vez, por distracção e curiosidade, namorou; elle mesmo confessava que não havia go tado e que se deixara d'isso sem mesmo haver percebido o que seria ser amado e amar. Era um philosopho.

Moniz, tetrico, patibular, lugubrememente triste, de cara, de modo, de expressão e de sistema, na vida, alegrava-se duas horas todas as noites — emquanto estava representando, e que vivia da alegria que inspirava. Precisava fazer ir todo o publico, para estar contente elle. Ao des-

cer do panno, os espectadores retiravam-se, e Moniz ficava sem a sua alegria: levavam-lh'a elles.

\*

Marques, era um sabio, um cavalheiro, um piteireiro, e um sacristão. Tudo isto. Sabia latim, dizia a proposito de qualquer coisa uma maxima valiosa, e bebia-lhe em cima meio quartilho. Fez a fortuna e a fama de uma tasca, que por muitos annos existiu ao lado do Gyn.nasio; foi o inventor do *Barracão*.

\*

Braz Martins estudava, trabalhava, e *massava*. Em apanhando léo impingia a sua historia toda: fô-a rico, elegante, joven, e sempre fanhoso: de todas estas prendas só lhe ficára a ultima. O repertorio original do theatro portuguez foi por uns tempos seu. Para o theatro de D. Maria II escrevia a *Mendiga*; para o Gymnasio:

*Fernão ou o juramento, O chivello da cantora, Vou para a California, A garrafa monstro, Santo Antonio.*

Era homem de habilidade, mas infeliz. O temperamento oscilante; caracter fraco: dominado pelas mulheres. Boa natureza, no fundo d'isso, e sempre generoso nos assomos de audacia que eram suffocados na paixão amorosa. Esmorecia no trabalho, por causa dos amores; nem estudava; nem pro redia; pelo contrario, con.o succede aos tracos, foi a peor como escriptor e como artista. Á medida que os casos do coração o saltream Os grandes talentos medram e avultam quando amam: os pequenos enfesam e murcham. E' a differença.

Diga se tambem n'este ponto a verdade toda, e é que a vida de theatro n'esse tempo tinha seducções que não tornou a ter; o publico adorava os artistas: as mulheres davam o cavaco por elles. Os theatros particulares preparavam habilmente esses efeitos amorosos; o maior numero de actores começaram n'esses tablados amaveis, nunca perigosos, de theatrinhos de convite. Alli se davam o gosto de representar toda a qualidade de papeis a seu sabor, *Pedro o Grande ou a escrava de Mariemburgo, A nodoi de sangue...* Braz Martins ganhára fama n'esses recreios tomados sempre em conta de gloria, e dispendêra com taes divertimentos o melhor de uma herança que tivera.

JULIO C. MACHADO.

# SECÇÃO RECREATIVA

## A VELA E O FUNIL

Já indicámos n'um dos ultimos numeros d'este semanario (n.º 91), varias maneiras de apagar uma vela.

Não falaríamos d'isto, se não constituísse um divertimento, capaz de entreter as creanças n'uma reunião de familia, contrariamente ao axioma do jogo das damas: apagar não é jogar.

Prometta-se um brinde, a um dos pequeninos circumstantes, que queira apagar uma vela, soprando por cima d'uma ponta d'um cartucho de papel, um pouco largo e com um buraco na extremidade ponteaçada, ou melhor um funil ordinario. Os que não conhecem e-ta experiencia, esforçam-se por apagar, collocando o tubo horizontalmente e bem em face da chamma; ella nem sequer vacilla, embora os pulmões do operador se cancem.

Eis como se pratica.

Os golpes d'ar, que sahem da bocca do operador, dispersam-se em volta da parte conica do funil, desde que saiam do tubo, e esvaem-se pelo circuito da base do cone; é pois ahi que é preciso ir procurá-los. Assim, para extinguir a chamma basta baixar levemente o funil, de maneira que a chamma se ache muito proximo das bordas circulares, e o ar jnta se ahi infallivelmente.



# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 •	1\$600 •	3\$200 •
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	1 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

## OBRAS DE TEIXEIRA DE QUEIROZ

*Os noivos*, romance, 2.<sup>a</sup> edição, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 enc. 1\$400.

*D. Agostinho*, romance, 1 vol. br. 600 réis. enc. 800 réis.

*Morte de D. Agostinho*, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

*Amores, amores*, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

*Arvoredos*, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 réis, enc. 1\$100 réis.



**RIR! RIR!**

**Gervasio Lobato**

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

# LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.



1 volume de 340 paginas, 3.<sup>a</sup> edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 rs., pelo correio 650 rs.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR

52, Rua Augusta, 54 — Lisboa

LISBOA EM CAMISA